



# ROSA CANDIDA

Audur Ava Ólafsdóttir

"A delicadeza de *Rosa candida* é tanta que chegamos a acreditar que estamos sonhando. Mas não, este livro existe, e você deve lê-lo." — *Le Point*

ALFAGUARA

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM



Audur Ava Ólafsdóttir

**Rosa candida**

Tradução  
André Telles

ALEAGUARA



ALFAGUARA  


Copyright © Audur Ava Ólafsdóttir, 2007

Publicado mediante autorização de Éditions Zulma e da agência ACER para a presente tradução.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Objetiva Ltda.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

*Afleggjarinn*

Esta edição foi traduzida para o português a partir da tradução francesa de Catherine Eyjólfsson para Éditions Zulma, 2010.

Capa

Tereza Bettinardi

Preparação

Tamara Sender

Revisão

Rita Godoy

Ana Kronemberger

Joana Milli

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

O32r

Ólafsdóttir, Audur Ava

Rosa candida [recurso eletrônico] / Audur Ava Ólafsdóttir; tradução André Telles. — 1. ed. — Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.  
recurso digital

Tradução de: *Afleggjarinn*

Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

254p. ISBN 978-85-7962-404-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção islandesa. 2. Livros eletrônicos. I. Telles, André. II. Título.

15-22504

CDD: 839.693

CDU: 811.113.3-3

Rosa candida

# Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Rosa candida](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Catorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e um](#)

Vinte e dois

Vinte e três

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Vinte e oito

Vinte e nove

Trinta

Trinta e um

Trinta e dois

Trinta e três

Trinta e quatro

Trinta e cinco

Trinta e seis

Trinta e sete

Trinta e oito

Trinta e nove

Quarenta

Quarenta e um

Quarenta e dois

Quarenta e três

Quarenta e quatro

Quarenta e cinco

Quarenta e seis

Quarenta e sete

Quarenta e oito

Quarenta e nove

Cinquenta

Cinquenta e um

Cinquenta e dois

Cinquenta e três

Cinquenta e quatro

Cinquenta e cinco

Cinquenta e seis

Cinquenta e sete



Cinquenta e oito  
Cinquenta e nove  
Sessenta  
Sessenta e um  
Sessenta e dois  
Sessenta e três  
Sessenta e quatro  
Sessenta e cinco  
Sessenta e seis  
Sessenta e sete  
Sessenta e oito  
Sessenta e nove  
Setenta  
Setenta e um  
Setenta e dois  
Setenta e três  
Setenta e quatro  
Setenta e cinco  
Setenta e seis  
Setenta e sete

*Para minha mãe*

*Eu vos dou todas as ervas que dão semente, que estão sobre toda a superfície da terra, e todas as árvores que dão frutos que dão semente.*

GÊNESIS 1,29

# Um

Como estou deixando o país e é difícil dizer quando voltarei, meu velho pai de setenta e sete anos quer tornar memorável nosso último jantar juntos. Ele vai preparar alguma coisa do caderno de receitas de minha mãe — alguma coisa que ocorresse a ela cozinhar em circunstância parecida.

— Pensei — ele diz — no hadoque empanado e depois na sopa de cacau com creme de leite fresco.

Enquanto meu pai tenta se virar com a sopa de cacau, vou buscar meu irmão no centro social no velho Saab com dezoito anos de uso. Jósef já está à minha espera, plantado na calçada e visivelmente satisfeito em me ver. Todo arrumado para a minha noite de despedida, usa a última camisa que mamãe comprou para ele, roxa com borboletas estampadas.

Enquanto meu pai doura a cebola, e os filés de peixe aguardam, prontinhos, em seu leito de farinha de rosca, vou à estufa pegar as mudas de rosa que levarei comigo. Papai me alcança, com uma tesoura na mão para cortar a cebolinha destinada ao hadoque, e Jósef, calado, segue-o feito uma sombra. Ele nunca mais entrou na estufa depois que viu os estilhaços deixados pela tempestade de fevereiro, que reduziu a pó um monte de vidraças. Fica do lado de fora, perto do monte de neve acumulada, e nos acompanha com o olhar. Papai e ele usam coletes iguais, tom avelã com losangos amarelos.

— Sua mãe não deixava faltar cebolinha no hadoque — diz meu pai, enquanto pego a tesoura de suas mãos e me estico para alcançar, no canto da estufa, a erva sempre verdejante, da qual lhe estendo um punhado. Sou o herdeiro universal da estufa da mamãe, papai não cansa de lembrar. Não se trata de um cultivo de grande envergadura, como trezentos e cinquenta pés de tomate e cinquenta mudas de pepino que passassem de mãe para filho; não, são simplesmente rosas que crescem sozinhas, sem exigir cuidados especiais, e

talvez a dúzia de pés de tomate que sobrou. Papai se encarregará de regar na minha ausência.

— Nunca liguei muito para legumes, Lobbi, quem gostava dessas coisas era sua mãe. O limite do meu estômago é um tomate por semana. Quantos acha que colheremos em cada pé?

— Dê um jeito de distribuí-los, então.

— Não fica bem bater na casa dos vizinhos cheio de tomates nas mãos.

— E Bogga?

Falo isso por desconfiar que a velha amiga de minha mãe tem os mesmos gostos de meu pai.

— Francamente, não me imagino levando três sacos de tomate para Bogga toda semana. Ela passaria a me convidar para jantar.

Pressinto imediatamente o que dirá em seguida.

— Eu queria ter convidado a moça e a criança — prossegue —, mas vá saber se você aprovaria.

— Pois é, eu teria discordado. A moça, como você diz, e eu não somos nem nunca fomos um casal, mesmo tendo um filho juntos. Foi um acidente.

Já coloquei as coisas em pratos limpos e meu pai certamente compreende que a criança é fruto de um instante de imprudência, meu convívio com a mãe tendo se limitado a um quarto, ou melhor, um quinto de uma noite.

— Sua mãe não se oporia a convidá-las para o seu último jantar aqui.

Sempre que o meu pai tem necessidade de dar peso às suas palavras, exuma minha mãe do túmulo para ganhar reforço.

De minha parte, sinto-me estranhíssimo ao me ver exatamente no cenário da procriação, se é que posso dizer assim, na companhia de meu velho pai e com meu irmão gêmeo especial bem ali, atrás do vidro. Meu pai não acredita em coincidências, pelo menos no que se refere aos acontecimentos primordiais da existência, como nascimento e morte; uma vida não começa e termina dessa forma, aleatoriamente, ele diz. Não lhe entra na cabeça que a concepção possa resultar de um encontro inesperado, que estar na cama com uma mulher possa ser fruto do acaso, assim como não consegue entender que a morte possa resultar de uma poça d'água ou de óleo numa curva, preferindo apostar em outra coisa: nos números e cálculos aritméticos. Meu pai pensa as coisas por outro viés, o mundo se resume a números; eles estão no próprio cerne da criação, e as datas são uma fonte de beleza e verdade profunda. Para o meu pai, o que eu chamo de acaso ou oportunidade, conforme a circunstância, faz parte

de um sistema complexo. Excesso de coincidências é coisa que não existe, uma vez, vá lá, três, não; não existem coincidências em série, ele diz: o aniversário de minha mãe, a data de nascimento de sua neta e o dia da morte de minha mãe, tudo caindo no mesmo dia do calendário, 7 de agosto. Para ser sincero, não entendo os cálculos do meu pai. Minha experiência diz que é justamente quando passamos a contar com determinada coisa que outra completamente diferente acontece. Não tenho nada contra as manias de um eletricista aposentado, desde que seus cálculos não incluam o meu descuido em matéria de preservativos.

— Não está saindo de fininho, Lobbi?

— Não, me despedi delas ontem.

Como não dou trela, ele muda de assunto.

— Sabe se por acaso sua mãe tem uma boa receita de sopa de cacau? Comprei creme de leite.

— Não, mas talvez a gente possa descobrir um jeito de fazer.

# Dois

Quando volto da estufa, Jósef está sentado à mesa, todo empertigado, as mãos nos joelhos, a gravata vermelha sobre a camisa roxa. Meu irmão demonstra grande interesse por roupas e cores; está sempre de gravata, como papai. Papai pilota o fogão, com duas bocas acesas: para a panela de batatas e a frigideira. Parece um pouco atrapalhado, talvez estressado com a minha partida. Fico zanzando em volta dele e despejo óleo na frigideira.

— Sua mãe usaria margarina — ele diz.

Não sou mais versado do que ele no campo da culinária; na cozinha, limitava-me a abrir os vidros de repolho roxo e a rodar o abridor nas latas de ervilha. Claro, mamãe me fazia lavar a louça e incumbia Jósef de enxugá-la. Ele levava um tempo absurdo em cada prato e eu terminava por lhe arrancar das mãos o pano para concluir a tarefa.

— Não vejo muitas chances de você voltar a comer hadoque nos próximos meses, Lobbi — diz meu pai.

Não quero decepcioná-lo dizendo que, depois de quatro meses no mar às voltas com vísceras de peixe, isso vai ser um alívio.

Querendo paparicar os seus rapazes, ele nos surpreende com um molho curry.

— Segui uma receita de Bogga — diz.

O molho exhibe um verde bonito e incomum, lembrando um capinzal agitado sob um temporal de primavera. Pergunto de onde vem aquela cor.

— Coloquei curry e um corante — ele explica.

Noto que pegou um pote de geleia de ruibarbo e o colocou junto ao meu prato.

— É o último pote que sobrou da sua mãe — ele diz, e observo seus ombros enquanto ele mexe o molho na panela, vestido em seu colete avelã com losangos.

— E não vai servir a geleia com o peixe?

— Não, achei que você gostaria de levar para a viagem.

Meu irmão Jósef é calado e meu pai não fala muito à mesa, de modo que a conversa não flui. Sirvo uma porção para o meu irmão gêmeo e parto suas batatas ao meio. Ele claramente abomina o molho verde, raspa-o do peixe com cuidado e o empurra para a beira do prato. Observo meu irmão de olhos castanhos, parece até com um ator de cinema famoso. Não há jeito de saber o que se passa em sua cabecinha. Para atenuar seu pecado e preservar a paz na mesa, sirvo-me fartamente do molho de papai. É quando sinto pela primeira vez uma pontada na barriga.

Enquanto eu lavo a louça depois do jantar, Jósef, como costuma fazer sempre que vem nos visitar no fim de semana, prepara pipoca. Pega a panela de fundo grosso no armário, despeja nela exatamente três colheres de óleo e deixa os grãos caírem feito chuva do pacote até cobrir a superfície. Em seguida, tampa a panela e ajusta o botão para quatro minutos de fogo alto. Quando o óleo começa a crepitar, ele reduz a temperatura à metade. Pega a tigela de vidro e o saleiro e não desgruda mais os olhos da panela até o fim. Depois disso, assistimos ao noticiário, os três no sofá, a mão de Jósef na minha, a tigela de vidro na mesa. Uma hora e meia após sua visita semanal ter início, meu irmão me passa o disco com as músicas: é hora de dançar.



# Três

Não levo muita coisa comigo e meu pai se surpreende com minha bagagem compacta. Embrulho as mudas em folhas de jornal molhadas e as coloco no bolso da frente da mochila. Partimos no Saab, que papai tem desde que me entendo por gente, Jósef em silêncio no banco de trás. Meu pai usa a boina basca que costuma exibir quando pega a estrada fora da cidade. Depois do acidente, ele roda muito abaixo do limite de velocidade, não ultrapassando quarenta quilômetros por hora. Avança tão lentamente através do campo acidentado de lava sólida que me permite contemplar à vontade os passarinhos empoleirados a intervalos regulares sobre as pedras arroxeadas pela aurora, como se ao infinito, compasso atrás de compasso, qual a partitura melancólica de uma peça musical em crescendo. A propósito, meu pai não é um motorista experiente, mamãe é quem costumava dirigir. Uma longa fila de carros se formou atrás de nós, e eles tentam sistematicamente nos ultrapassar. Isso não tira a concentração do meu pai ao volante. E eu tampouco receio perder o avião, pois ele está sempre adiantado, em quaisquer circunstâncias.

— Quer que eu dirija, pai?

— Não, Lobbi, obrigado pela gentileza. Aproveite a paisagem que você vai abandonar em breve; não voltará a ver um campo de lava tão cedo.

Ficamos calados por um momento, durante o qual aproveito a paisagem que estou prestes a abandonar. Um pouco adiante, deixando para trás o entroncamento que dá acesso ao farol, meu pai faz questão de sondar os meus planos, o que pretendo fazer da vida. Meu interesse por horticultura não o deixa muito entusiasmado.

— Espero que não se zangue com o seu velho pai se ele lhe fizer umas perguntinhas sobre seus planos: não é indiscrição nem fruto de mau pressentimento.

— Tudo bem.

- Já decidiu o que vai estudar?
- Fui contratado para fazer jardinagem.
- Um rapaz inteligente como você.
- Vamos, pai, não comece.
- Acho que está jogando fora seu talento, Lobbi.

Difícil fazer o meu pai entender: o jardim e as rosas na estufa eram uma paixão que mamãe e eu compartilhávamos.

— Mamãe entenderia.

— Sim, sua mãe sempre apoiava suas iniciativas. O que não quer dizer que era contra você cursar a universidade.

Quando mudamos para o bairro novo, era uma região inóspita, com placas de terra árida e rochas cercadas de cascalho. Havia novos prédios e fundações em toda parte, rodeados de uma água amarela. Os arbustos, baixos e esparsos, só chegaram bem mais tarde. O bairro dava para o mar e o vento era implacável, o que impossibilitava criar um recanto protegido nos jardins. As pessoas tinham desistido de plantar amores-perfeitos em seus canteiros. Minha mãe foi a primeira no bairro a tentar plantar uma árvore, e no início foi vista como um pouco excêntrica por tentar o impossível. Enquanto os outros se limitavam a plantar grama e, na melhor das hipóteses, uma cerca viva entre os jardins para poderem tomar banho de sol ao ar livre nos três dias de tempo bom do verão, ela plantava uma giesta, um bordo, um freixo e um arbusto de flores no recanto mais protegido da casa. No entanto, nunca desistiu, mesmo tendo de plantar as mudas diretamente na pedra.

No verão seguinte, meu pai construiu a estufa, na área sul da casa. Começamos cultivando as mudas ali dentro antes de transplantá-las para o jardim, na primeira ou segunda semana de junho, quando já não há mais geadas à noite. Nossa ideia inicial era deixá-las do lado de fora a maior parte do verão, depois acomodá-las na estufa. Mas, se contássemos com a sorte de ter um belo outono, estenderíamos em um mês sua temporada ao ar livre. Depois veio o inverno em que deixamos nossas mudas sob um monte de neve de dois metros de altura. E no fim tudo começou a brotar no jardim da minha mãe, tudo parecia germinar em suas mãos. De centímetro em centímetro, a gleba de terra transformou-se num jardim encantado que chamava atenção e provocava espanto. Depois que a minha mãe morreu, foi a mim que as vizinhas passaram a pedir conselhos.

É preciso alguns cuidados, mas, acima de tudo, tempo — esta era, resumidamente, a filosofia da jardinagem de mamãe.

— Não nego que sua mãe e você tinham seu mundinho, do qual nem Jósef nem eu fazíamos parte. Talvez não fôssemos capazes de compreendê-lo.

Naqueles últimos tempos, meu pai dera para falar de Jósef e ele como se fossem um só. Ele diz Jósef e eu, a gente...

Às vezes, nas noites de verão, minha mãe cismava de sair para trabalhar no jardim ou entreter-se na estufa. Era como se não precisasse dormir como todo mundo, especialmente no verão. Quando eu voltava, à noite, depois de um programa com os colegas, topava com a minha mãe no canteiro, com seu balde de plástico vermelho e suas luvas de jardinagem estampadas com flores cor-de-rosa, enquanto papai dormia a sono solto. Evidentemente, não havia vitalma nas ruas e tudo estava incrivelmente calmo. Mamãe acenava para mim e olhava como se soubesse sobre mim alguma coisa de que eu mesmo não fazia ideia. Então eu me sentava ao seu lado durante um momento, arrancando as ervas daninhas, para me ocupar com alguma coisa e lhe fazer companhia. Se estivesse com uma garrafa de cerveja pela metade, fincava-a no canteiro de amores-perfeitos antes de me deitar, apoiando a cabeça nas mãos, para ver a passagem das nuvens. Quando queria ficar sozinho com ela, ia encontrá-la na estufa ou no jardim, onde podíamos conversar. Às vezes ela parecia estar com a cabeça longe e, quando eu perguntava em que pensava, ela respondia “sim, sim, o que você diz me agrada muito”. E seu sorriso exprimia concordância e incentivo.

— É que não há muito futuro na jardinagem para um indivíduo brilhante como você — diz meu pai.

— Não vejo em que eu seria um indivíduo brilhante.

— O fato de seu pai ser idoso não significa que esteja senil, Lobbi. Acontece que guardei todos os seus diplomas. Aos doze anos, primeiro da classe; aos dezesseis, formado com distinção.

— Não acredito que você guarda essa tralha. — Estava em algum lugar no fundo de uma caixa de papelão na despensa. — Jogue essa papelada fora, pai!

— Tarde demais, Lobbi. Thröstur, o homem das molduras, está enquadrando tudo.

— É uma piada, por acaso?

— Quer dizer que não pretende cursar uma faculdade?

— Por enquanto, não.

— Botânica, por exemplo?

— Não.

— Biologia?

— Não.

— Fitobiologia ou fitogenética, então, com biotecnologia agroalimentar como segunda opção?

Está claro que pesquisou sobre o assunto. Mantém as mãos crispadas no volante e não desgruda os olhos da estrada.

— Não, não me interessa ser pesquisador ou professor universitário.

É na terra molhada que me sinto no meu elemento; é outra coisa poder tocar plantas vivas, ninguém sente a fragrância do capim depois da chuva dentro de um laboratório. Difícil descrever em palavras nosso universo, meu e da minha mãe, para o meu pai. O que me interessa é o que cresce num solo fértil.

— De qualquer forma, quero que saiba que fiz uma pequena poupança, à qual poderá ter acesso se desejar prosseguir seus estudos e cursar a universidade. É uma coisa separada da herança da sua mãe. Jósef está feliz onde está — acrescenta. — Naturalmente, cuidarei para que nunca lhe falte nada.

— Obrigado por tudo.

Não levo adiante a conversa sobre jardinagem. Tampouco digo ao meu pai eletricista que ainda nem sei direito o que quero. Que é complicado decidir sua vida de uma vez por todas num dado momento. Ele diria: “Ninguém vai longe com sonhos, Lobbi”. Minha mãe, por sua vez, teria dito: “Realize os seus sonhos”. E depois teria olhado pela janela da cozinha como se percorresse com os olhos extensões situadas bem além de suas terras e não os poucos metros que a separavam da estufa e do cercado, não como se o jardim fosse um recanto florido cuja profusão de plantas e árvores e toda a vegetação ocultassem o mundo exterior, mas como se ela esperasse a visita de hóspedes vindos de longe. Em seguida, teria despejado numa tigela o conteúdo de um pacote de ameixas secas e colocado sob o jato da torneira, deixando a água transbordar.

— Claro que trabalhar com jardinagem é melhor do que enjoar num barco velho por meses a fio — conclui o meu pai.

# Quatro

Rodamos em silêncio pela estrada, atravessando o campo de lava. Ainda carrego no estômago o jantar de despedida e tenho a impressão de que o mal-estar, cuja origem deve remontar ao molho verde, está em vias de se transformar em dor crônica, aqui, no meio da lava, não longe do lugar onde o carro da minha mãe capotou. Reconheço a curva em que ela saiu da estrada; há uma pequena depressão relvada. Posso visualizar o lugar onde tiveram de cortar as ferragens para removê-la.

— Sua mãe, que era dezesseis anos mais jovem que eu, não deveria ter ido antes de mim — diz meu pai, no momento em que passamos pelo local.

— É, ela não deveria ter ido antes de você.

Minha mãe às vezes tinha umas ideias malucas, como pegar a estrada de madrugada para ir colher mirtilos no dia de seu aniversário, em algum recanto misterioso e que lhe era querido. Mais tarde nos convidava, a nós, os rapazes, como nos chamava, a papai, Jósef e a mim, para comer waffle de mirtilos frescos com chantili. Agora me dou conta de como às vezes deve ter sido duro ter somente homens em casa, nenhuma outra mulher. Não tenho a mínima pressa de me aproximar de minha mãe dentro do carro capotado na depressão da lava. Gasto todo o tempo do mundo observando a natureza, pairando um plano acima do local do acidente, como um cameraman fazendo uma tomada aérea do alto de uma grua, antes de me dedicar à minha mãe propriamente dita, a protagonista em torno de quem tudo gravita. Estamos em 7 de agosto e decido que o outono já começou. Daí o excesso de vermelho e dourado flamejando na natureza; visualizo todos os tons de vermelho no local do acidente: a touceira ruiva, o céu sangrento, as folhas carmim em ramos próximos, o musgo magenta. Até a minha mãe usava um colete bordô e não vimos o sangue coagulado antes de papai enxaguar a lã no tanque lá de casa. Detendo-me nos detalhes do cenário, como quando examinamos o fundo de

um quadro antes de passar ao motivo principal, adio a hora da morte da minha mãe. Faço o tempo se esgarçar até o inelutável, até a hora do adeus. Ora a cena pede que minha mãe ainda esteja dentro do carro acidentado, ora acabam de serrar a carroceria para soltá-la e estendê-la no terreno. Decido que isso se dará numa plataforma na concavidade da lava, como se houvessem fatiado o topo de dois montículos de terra para a relva crescer, e é ali que a depositam com extremo cuidado. No meu roteiro, ora ela ainda dá sinais de vida, ora está morta. Meu pai vai tão devagar que posso perceber a árvore, ela continua no lugar onde a plantei, um pinheiro-anão, tentativa de reflorestamento em meio a um campo de lava áspera, árvore solitária na rocha agreste, é como consagro o local à mamãe.

— Está com frio? — pergunta meu pai, pondo a calefação no máximo. Quase assamos dentro do carro.

— Não, não estou com frio.

Em compensação, sinto uma fisgada na barriga, mas não falo nada com meu pai. Seu estado de nervos me preocupa; mamãe também era ansiosa, mas, pelo menos, me compreendia.

— Muito bem, Lobbi, estamos quase lá, já dá para ver os aviões.

Justo no momento em que nos aproximamos do aeroporto, um manto escuro se ergue da cadeia de montanhas; logo abaixo, os raios do alvorecer desenham uma voluta de fumaça azul-claro e o sol horizontal de fevereiro reflete nos vidros embaçados dos automóveis.

Meu pai e meu irmão me acompanham até o saguão de embarque.

Ao se despedir, meu pai me estende alguma coisa embrulhada em papel de presente.

— Abra quando chegar — diz. — Quem sabe então se lembre do seu velho na hora de dormir.

Ao me despedir, abraço-o com força, porém não por muito tempo, apenas passo o braço ao redor de seu ombro e lhe dou uns tapinhas nas costas, como um homem. Em seguida, repito o gesto com meu irmão Jósef, que volta prontamente ao lugar junto ao nosso pai e pega sua mão. Papai puxa então um grande envelope do seu bolso de trás e me estende.

— Passei no banco e saquei um pouco de dinheiro; a gente nunca sabe o que pode acontecer no estrangeiro.

Volto-me pela última vez para ver meu pai e meu irmão gêmeo deixarem o terminal de mãos dadas. Metade da carteira do meu pai está para fora do bolso.

Pai e filho vestem jaquetas cinza que o pai comprou recentemente. Impossível dizer qual está mais bem-vestido. Jósef é o exato oposto de mim, tanto em aspecto como em tamanho: é baixo, tem os olhos castanhos e a pele escura como se viesse de praias ensolaradas. Não fosse pela combinação de cores da roupa, meu gêmeo, o especial, poderia passar por um piloto comercial, de tal modo cuida da aparência. Decido gravar na memória sua imagem com a camisa roxa estampada com borboletas. Quando amanhecer de verdade, estarei longe da lama; o sal da terra subsistirá apenas sob a forma de anéis brancos na borda dos meus sapatos.

# Cinco

É no instante preciso em que o avião deixa a pista e se eleva acima de sua película rosada de gelo que sinto a pontada na minha barriga acentuar-se nitidamente. Debruço sobre a passageira ao meu lado e, pela janelinha, dou um último relance na montanha lá embaixo, toda manchada de branco, como um lombo de carne gordurosa. A mulher usa um suéter amarelo de gola rulê. Gentilmente, retrai-se no encosto do assento para permitir que eu desfrute da vista, e logo me canso de comparar o tamanho de seus seios com o rosário de crateras, desinteressando-me da paisagem. Pois, embora isso devesse me aliviar, a pontada na barriga me impede de apreciar plenamente a liberdade de estar acima de tudo que está embaixo. Mais do que ver, tomo consciência de todo aquele sêmen viscoso: a lava negra, o feltro amarelado da relva seca, os rios leitosos, o terreno acidentado, os pântanos, os campos de tremoço selvagem e, mais além, a pedra infinita. Existe algo mais frio e antipático do que a rocha? Nenhuma rosa se arriscaria a brotar em meio a estilhaços de pedra. Tudo bem, é realmente um belíssimo país, adoro vários de seus aspectos — lugares e pessoas —, mas sua moldura ideal é um selo do correio.

Pouco depois da decolagem, levanto-me para verificar como estão as mudas de roseira na minha mochila a dez mil metros de altitude. Estão acondicionadas em jornais molhados, e amoldo essa massa úmida em torno dos caules verdes. É sem dúvida sintomático do meu estado de saúde, e ao mesmo tempo prova da malícia do acaso, eu ter escolhido — involuntariamente — as páginas dos obituários do dia. No exato momento em que me liberto dos laços terrenos, não é anormal pensar na morte. Tenho vinte e dois anos, nada mais natural do que mergulhar várias vezes por dia em meditações sobre a morte. E, em segundo lugar, sobre o corpo — o meu e o dos outros. E, em terceiro lugar, sobre as rosas e outras plantas. Claro, não necessariamente nessa ordem. Guardo mais uma vez as plantas na mochila e volto a me sentar ao lado da



mulher. Não bastasse a pontada, que está se transformando em dor insuportável, sinto engulhos; aperto minha barriga com as mãos e me debruço para a frente. O barulho do motor me lembra a balsa, e a náusea, meus quatro meses de convívio com um enjoo marítimo crônico. O mar não precisava estar encapelado: era só eu pisar a bordo da embarcação para o meu estômago revirar e eu perder todas as minhas referências. Quando a trepidação aumentava no casco de aço e jogava o barco ritmicamente contra o cais, o suor frio da náusea brotava e, na hora de largar as amarras, eu já tinha vomitado uma vez. Quando não conseguia dormir de tão mareado que estava, ia para o convés e mergulhava na bruma. A linha do horizonte subia e descia, enquanto eu tentava me controlar. Após nove expedições pesqueiras, eu me tornara o homem mais pálido da Terra; até os meus olhos pareciam flutuantes, com uma tonalidade azul aquosa.

— É chato ser ruivo — disse o mais veterano —, são os que mais enjoam no mar.

— E é raro voltarem — reforçou o outro.

# Seis

As aeromoças esgueiram-se por entre os assentos, suas pernas morenas envoltas em meias de náilon e seus saltos altos estão bem na minha linha de mira, por mais encolhido que eu me encontre na poltrona. Elas não me perdem de vista e deslizam ao longo da fuselagem em várias idas e vindas para verificar se estou bem, espanar meu encosto de cabeça, me trazer um travesseiro e um cobertor, bajular e paparicar.

— Deseja um travesseiro, deseja um cobertor? — perguntam, ar preocupado, instalando um travesseiro atrás da minha cabeça, cobrindo-me com um cobertor. Depois seguem para a parte de trás do avião a fim de confabular.

— O senhor está doente? — pergunta a passageira de suéter amarelo de gola rulê, ao meu lado, na janela.

— É, não estou me sentindo muito bem — respondo.

— Não tenha medo — ela diz, sorrindo, enquanto ajeita o cobertor sobre mim.

Noto agora que ela poderia ter a idade da minha mãe. Três mulheres cuidam de mim no avião; sou um bebê, prestes a abrir o berreiro. Endireito-me no assento e faço o melhor que posso para remover a cobertura de alumínio de minha bandeja descartável. Na passagem seguinte da aeromoça, pergunto o que foi que me serviram.

— Vou checar — ela diz, desaparecendo na traseira da fuselagem.

Ela não volta imediatamente e, para demonstrar à mulher sentada ao meu lado que sou um rapaz cuja boa educação minha mãe confirmaria, estendo-lhe a mão e me apresento.

— Arnljótur Thórir.

E, para completar, vasculho o bolso do casaco de couro e pego o retrato de um bebê com a cabeça de fora em seu macacão verde. É bem possível que ela

julgue pouco viril viajar com mudas de flor embrulhadas em obituários encharcados, ou vomitar a refeição do voo, mas não lhe dou tempo de fazer perguntas indiscretas a respeito do meu estado nem tampouco de me oferecer um pedaço de chocolate, e me apresso a tomar a dianteira.

— É minha filha — digo, estendendo-lhe a foto.

Ela parece se surpreender, depois sorri amistosamente, procurando os óculos na bolsa. Pega o retrato e se aproxima da luz.

— Bonita criança — diz. — Tem quantos meses?

— Tinha cinco quando a foto foi batida. Hoje, seis meses e meio.

Minha intenção era falar seis meses e dezenove dias, mas a pontada na barriga não permite que eu me alongue.

— Criança bonita e esperta — ela insiste —, com grandes olhos claros. Talvez não tenha muito cabelo para uma garotinha. Para ser franca, achei que era menino.

A mulher olha com simpatia para mim.

— Ela tinha acabado de acordar e haviam tirado a touquinha — digo —, daí os cabelos estarem amassados assim. É, tinham acabado de tirá-la do carrinho.

Pego novamente o retrato e o guardo no bolso. Não tenho nada a acrescentar quanto à escassez capilar de minha filha, de maneira que o assunto está encerrado. Aliás, uma dor preocupante não demora a ofuscar qualquer outro pensamento. Preciso vomitar de novo e quando fecho os olhos vejo mentalmente o molho verde-maçã cobrindo o peixe frito. A mulher ao meu lado me olha com ar preocupado. Não tenho forças para continuar a conversa, por isso finjo ter mais o que fazer e me contorço até a mochila. Dela retiro o livro contendo o meu herbário e — ironia do destino — abro-o justamente na página das plantas mais antigas, a dos trevos de seis folhas que eu colhi, todos na mesma manhã, no quintal dos fundos de nossa casa. Papai achou curioso eu ter encontrado três trevos de seis folhas no dia dos meus seis anos, como se fosse um bom presságio para a festa de aniversário que faríamos mais tarde ou um sinal de que um sonho se realizaria sob a forma de uma árvore só para mim no jardim, na qual eu poderia trepar.

— É um herbário? — pergunta minha vizinha, com evidente interesse.

Fujo da pergunta e ergo delicadamente um dos trevos para aproximá-lo da luzinha de leitura do avião. É o último que continua inteiro, rijo e frágil — uma florzinha eterna. Para alguém que deve estar com uma grave intoxicação

alimentar, e no ponto em que se encontra a minha vida, é sem dúvida simbólico o fato de o caule estar por um fio.

# Sete

— Tem certeza de que consegue se virar sozinho? — perguntam as aeromoças, enquanto tento sair do avião na posição ereta. — O senhor está muito pálido.

No momento em que deixo a aeronave, uma delas me toca no ombro e diz:

— Tentamos descobrir a natureza exata da refeição. Duas aeromoças provaram, mas não chegamos a um consenso. *Sorry*. Mas é *definitely* peixe à milanesa recheado com requeijão ou frango à milanesa recheado com requeijão.

Um funcionário do aeroporto rabisca um endereço num pedaço de papel, que amasso na palma suada da mão. Encontro-me numa cidade onde nunca estive. É minha primeira escala no exterior e estou encolhido no banco de trás de um táxi. A mochila está ao meu lado e brotos verdes saem da maçaroca de jornais no bolso externo. Pensando bem, não tenho muita certeza de estar sozinho no táxi; não excluo a possibilidade de a mulher do suéter amarelo de gola rulê ter me acompanhado até o meu destino.

Quando o carro para num sinal vermelho para que os pedestres atravessem, vejo as pessoas se olhando nos vidros do veículo.

De vez em quando o motorista me espia pelo retrovisor. No banco da frente, um grande cão policial, a língua salivando e pendendo da boca. Não consigo ver se está preso numa coleira, mas não tira os olhos de mim. Fecho os olhos, e quando volto a abri-los, o carro está parado em frente ao hospital e o motorista voltado em seu assento me encarando. Ele me faz pagar o dobro por ter vomitado no táxi. Não parece especialmente com raiva, e sim surpreso ante o caráter irresponsável de minha conduta.

# Oito

Primeiro acomodo a mochila com precaução, para que a água não escoe das mudas, depois me deito na mesa de exames forrada de plástico. Vinte e dois anos e já no fim da linha, a viagem termina antes mesmo de começar. Levo um tempo infinito para escrever meu nome numa folha de papel, letra por letra, uma eternidade. A moça que me ajuda a me despir, na sala de exames iluminada com luzes frias, tem cabelos castanhos sedosos e olhos também castanhos. É bastante atenciosa. Estou sem camisa e em vias de tirar a calça. Minha mãe teria sentido a mesma coisa que eu, quando ela agonizava sozinha num campo de lava, em mãos desconhecidas? Em todo caso, está claro que o dia em que eu morrer será um dia de felicidade para uma multidão de habitantes da Terra — antes que o sol se ponha, uma montanha de crianças terá nascido no meu lugar e uma infinidade de bodas será celebrada.

Morrer não é nenhum dramalhão. Quase todos os melhores filhos e filhas deste planeta morreram antes de mim. Vai ser um duro golpe para o meu velho pai, isso é normal. Meu irmão gêmeo especial bolará um novo esquema sem mim, e a bebê, que ainda era muito pequena para passar a noite na casa do pai, jamais o conhecerá. No entanto, não deixo de lamentar, gostaria de ter feito amor com mais frequência e plantado as mudas na terra.

Quando a moça de cabelos sedosos encosta a mão na minha barriga, observo que usa uma presilha verde em forma de borboleta. A mulher que cuida de mim nos últimos quinze minutos da minha vida carrega em suas madeixas o símbolo da renovação da vida.

As mudas de roseira não resistirão sem água, e por isso me soergo num cotovelo e aponto para a mochila.

— Plantas — digo.

Ela estende a mão para a mochila e a aproxima do leito. Não preciso sequer conhecer as palavras certas, faço um sinal e a mulher compreende. Isso

faz com que eu me pergunte se poderíamos formar um casal, se eu não estivesse, por assim dizer, prestes a deixar este mundo. Ela deve ser uns dez anos mais velha, deve ter uns trinta e dois anos, mas neste exato momento a diferença de idade me parece irrelevante. Infelizmente, a pontada lancinante na barriga faz com que eu não tenha tempo de aprimorar a ideia de uma relação estável entre nós. Quando termino de vomitar os restos empanados com o molho de queijo, ela me ajuda a retirar cuidadosamente as mudas da maçaroca de jornal, como se retirasse as ataduras da perna de um doente após uma cirurgia bem-sucedida.

— Trouxe plantas com o senhor? — ela pergunta e, quando se aproxima, vejo pintinhas amarelas nas asas da borboleta.

— Sim — respondo fluentemente, na língua dos nativos.

Ela balança a cabeça como se eu fosse um homem dotado de razão. E o expert aqui acrescenta:

— *Rosa candida*.

Quando se trata de plantas e cultivo, minha ousadia e vocabulário expandem-se incrivelmente. Ainda acrescento:

— Sem espinhos.

— Sério, sem espinhos? — ela diz, dobrando meu jeans antes de colocá-lo com cuidado na cadeira, por cima do meu suéter azul trançado, o último que minha mãe tricotou para mim. Por um breve instante, a enfermeira de presilha-borboleta nos cabelos será a última das sete mulheres a ter me visto pelado. — E as outras duas também são — hesita — *Rosa candida*?

— Sim, sobressalentes, caso uma delas morra — digo, voltando a me deitar no colchão forrado de plástico.

Como ela foi testemunha do meu sofrimento, me ajudou a vomitar e a regar as mudas, sinto-me na obrigação de lhe confidenciar alguma coisa íntima. Então pego o retrato da bebê e lhe estendo.

— Minha filha — digo.

Ela segura a foto e a examina de perto.

— Uma gracinha — diz, sorrindo. — Quantos meses?

Suas perguntas, simples e acessíveis, não exigem muito de meus conhecimentos linguísticos.

— Sete meses exatos.

— É mesmo uma gracinha — ela repete —, talvez meio calva para uma garotinha de sete meses.

Por essa eu não esperava. A gente mostra a outra pessoa uma coisa importante num momento crucial e termina levando uma rasteira. Parece-me subitamente imprescindível que a última pessoa com quem interajo nesta vida compreenda de uma vez por todas aquela história de cabelo. Retratos enganam e cabelos de bebês louros talvez não sejam muito visíveis no primeiro ano, ao contrário das crianças morenas, que costumam nascer cabeludas. Essas coisas ficam engasgadas na minha garganta, e só a dor e as deficiências no plano linguístico me impedem de assumir a defesa da minha filha.

— Ela só tem sete meses — insisto, como se isso explicasse definitivamente a calvície.

Então me dou conta de que agi por impulso ao lhe mostrar o retrato, e não quero que ela mexa mais nele.

— Devolva — digo bruscamente, estendendo a mão para a foto. Contemplo Flóra Sól, minha filha, sorrindo com seus dois dentinhos de baixo e, justamente, lembro-me de vê-la com um minúsculo cachinho na testa, recém-saída do banho, quando fui me despedir dela e da mãe, sem telefonar antes.

Fecho os olhos enquanto sou transportado para a sala de cirurgia e sinto frio sob o lençol. A dor volta a ser a única realidade tangível. Tudo bem, claro que meus sofrimentos são insignificantes comparados à doença e à miséria do mundo, à seca, aos ciclones e guerras em curso.

Tento deduzir a partir das pessoas vestidas de verde o grau de minhas probabilidades de sobrevivência. Uma diz uma coisa a outra, a qual se põe a rir às gargalhadas atrás da máscara verde; nada sugere uma situação grave, como alguém às portas da morte. E nada mais patético no meu derradeiro momento do que a alegria das pessoas e a abordagem despreocupada daquelas que ainda estarão aqui quando eu tiver partido. De mim sei que não falam — pelo menos isso eu compreendo —, mas de um filme que uma viu e outra verá esta noite. *O campo de tulipas*, sim, conheço o filme. É a história de um homem que foi duramente rejeitado e sequestra a mulher que desdenhou dele e juntos assaltam um banco. Recentemente o filme ganhou o prêmio especial num festival de cinema.



De repente uma carícia rápida nos meus cabelos, no meu penacho de cabelos ruivos, como teria dito minha mãe.

— Não precisa ter medo, é uma apendicite — diz uma voz atrás da máscara.

*Carícia* não é a palavra certa. É mais como se alguém corresse os dedos suavemente através dos meus cabelos. Sou um passarinho e alço voo, batendo minhas pesadas asas e planando acima da cena. Acompanho com os olhos o que acontece lá embaixo, mas não participo, pois estou alforriado de tudo. Imediatamente antes que tudo comece a desaparecer, tenho a impressão de ouvir a voz do meu pai ao meu lado: não há futuro nas rosas para um rapaz de hoje em dia, meu pequeno Lobbi.

# Nove

Quando abro os olhos, não lembro imediatamente onde estou. Por um instante tenho a impressão de sentir um cheiro de terra molhada e vegetação, como quando acordamos dentro de uma barraca num dia de chuva. Mas é o branco que domina. Estou sozinho e percorro o quarto com um olhar panorâmico que se detém na mesa de cabeceira ao lado da cama. Nela, encontram-se alinhados três copos de plástico, preenchidos com três caules verdes, que reconheço. São minhas mudas. Há um bilhete escrito à mão encaixado entre os copos. Tateio embaixo do edredom em busca do corpo que escorcharam e cerziram para sentir se de fato é real e se estou vivo. Procuro meu pulso e sinto os batimentos do coração. Em seguida, desço a mão e a esfrego levemente sobre os músculos abdominais descrevendo um círculo no sentido dos ponteiros de um relógio. Dou-me igualmente ao trabalho de verificar outras partes, terminando por me aproximar cautelosamente da região do curativo, onde me operaram, e pressiono de leve em cima do corte. Depois me apoio num dos cotovelos e, embora esteja zozinho e esse movimento repuxa os pontos de sutura, consigo retirar o dicionário do bolso da mochila. Levei um tempinho para decifrar a mensagem, palavra por palavra.

“Me lembrei das suas mudas e avisei à colega que vai me substituir. Estou saindo de férias, vou para a casa de campo dos meus pais. Boa recuperação, ruivo. P.S. Encontrei o presente de Natal na mochila ao pegar as plantas.”

Ela deixou o presente do meu pai sobre o edredom. O embrulho é um papel com desenhos de renas e sininhos e amarrado com uma fita de seda azul com as pontas encaracoladas. Abro o pacote. É um pijama de flanela grossa com listras azul-claras, parecido com os pijamas do meu pai e com os que ele compra para o meu irmão Jósef. Tiro-o da embalagem de plástico e puxo o papelão de dentro da camisa. Papai removeu a etiqueta com o preço. Quando desdobro a camisa, cai da manga um cartão escrito à mão.

“Meu pequeno Lobbi, os últimos anos deixaram mil lembranças a serem rememoradas com gratidão. Jósef e eu lhe dirigimos afetuosas saudações, com nossos votos de que esse pijama singelo lhe seja útil na ‘eterna tormenta’ do estrangeiro.

Seu pai e Jósef.”

Fez inclusive Jósef rabiscar suas iniciais como forma de assinatura. O que ele pretendia dizer com esse pijama “singelo”? Ele sabe que, no máximo, durmo de cueca. Será “não singelo” dormir sem pijama como faço?

Eu queria me levantar, descalço, mas isso repuxa os pontos de sutura e minha cabeça roda. Sinto-me vergando, como se estivesse com água até os joelhos na correnteza de um rio caudaloso, e deito novamente para dormir. Quando acordo, há uma mulher de jaleco branco junto ao meu leito. Tem os cabelos castanhos presos num rabo de cavalo, mas não é a mesma de antes. Servem-me um chá já adoçado e uma torrada com queijo. Enquanto tomo o chá, a mulher me interpela. Mostra interesse pelas plantas.

— Qual é a variedade? — pergunta.

Junto palavras que combinem com uma vida nova.

— Rosa de oito pétalas — digo, com uma voz rouca, irreconhecível.

— São todas da mesma variedade?

— Sim, duas delas são mudas extras, para o caso de alguma vir a morrer — respondo, com uma voz pastosa, estranha.

Corpo e voz não andam mais juntos.

— Logo irá recuperar sua voz normal — ela diz —, é a anestesia.

Sinto um sono irresistível e noto que volto a perder o fio das coisas, como se não conseguisse nem me desvencilhar do meu sonho nem me manter acordado.

Quando acordo mais tarde, duas pessoas de jaleco branco ocupam os dois lados do leito e falam a meu respeito. Uma delas levanta o edredom no lado do curativo e, mesmo eu captando uma palavra aqui, outra ali, falam rápido e as frases soam fora de contexto. Cabeceio de sono. Falam comigo, me perguntam alguma coisa e, tentando responder, apago e durmo no meio do diálogo.

— Ele está esgotado, vamos deixá-lo dormir — é a última coisa que ouço.

Por dormir todas as vezes que tentam falar comigo, sou premiado com mais dois dias de hospital. Ninguém emite nenhum comentário sobre as

mudas, todos os plantonistas parecem cientes e não azucrinam mais.

Cada vez que apago, tenho o mesmo sonho. Sonho estar calçando botas de borracha azuis novas, de excelente qualidade, e trabalhando num roseiral célebre e isolado. Ao acordar, visualizo as botas com clareza. São, sem dúvida, grandes para os meus pés. Não há mais nada colorido no sonho, nem sequer as rosas, só as botas azuis. O sonho então dá uma guinada de cento e oitenta graus, que sou forçado a acompanhar. Meu olhar mergulha num beco estreito e mamãe está na abertura luminosa da entrada do beco. Calçando minhas botas azuis, subo atrás dela uma longa escadaria até uma porta, pela qual ela some. Bato à porta, ela aparece e me oferece um chá.

Quando finalmente acordo, perdi três dias de calendário. Uma vez que estou vivo, a situação regurgita possibilidades. Como sou em bicas ao sair do sonho, a plantonista desta última manhã de hospital quer que eu tome um banho antes de ser devolvido à vida civil. Sigo-a em passos miúdos até o boxe, pois andar repuxa os pontos. Ela também tem olhos e cabelos castanhos, embora estes sejam curtos. Eu teria preferido ficar sozinho, mas ela me vigia, com medo de que eu desmaie, imagino. Não posso negar: as mulheres que cuidam de mim são um poço de solicitude. Tiro o pijama do hospital e o coloco sobre a cadeira em frente ao espelho do banheiro. Quando saio do chuveiro, vejo que ela se deu ao trabalho de desembalar o espelho. Contemplo meu corpo efêmero enquanto ela troca o esparadrapo que protege a incisão, do lado direito do abdome. Pontos negros brotam da pele. Neste exato instante, recém-saído do chuveiro, com a enfermeira à minha esquerda, sinto-me resumido a esse novo corpo e sua cicatriz. Sentimentos, lembranças e sonhos não constituem mais o que faz de mim o que sou, primordialmente um corpo masculino de carne e sangue. Após viver morte e ressurreição no espaço de três dias, conseguir conversar com três enfermeiras de olhos castanhos, sou dispensado, munido de uma caixa contendo quatro comprimidos analgésicos cor-de-rosa. Visto minha roupa e guardo as mudas na mochila, bem como o herbário e o pijama. Procurando no fundo da mochila uma camiseta limpa, esbarro no último pote de geleia de ruibarbo da minha mãe, que papai enfiou ali. A enfermeira providencia algumas folhas de jornal para eu enrolar as plantas e reconheço imediatamente que são páginas de crítica teatral.

— Tem a casa de alguém para onde ir? — pergunta o médico que me dá alta.

Respondo que estarei em boas mãos.

No momento, meu único contratempo na vida é a dificuldade para subir o zíper do jeans. Faço o melhor que posso para me virar e vestir sozinho a calça, mas toda a região da incisão está dolorida e, no fim, é a mulher de olhos castanhos que vem em meu socorro.

# Dez

Ligo para o meu pai de uma cabine na saída do hospital. Limpo a garganta diversas vezes enquanto o telefone toca e então, num tom tão neutro quanto possível, falo que tive de passar por uma cirurgia de apêndice de emergência. Tento não fazer drama, mas minha voz rouca soa esquisita, como se um completo desconhecido dublasse os primeiros capítulos de minha curta biografia, e, de repente, estou à beira das lágrimas.

Meu pai quer que eu volte no primeiro avião. Quando falo que isso está fora de cogitação, quer vir cuidar pessoalmente de mim durante a minha convalescença. Entendo sua preocupação.

— Sua mãe teria largado tudo — ele diz. — Aliás, venho mesmo pensando em mostrar o mundo a Jósef — acrescenta. — Ele vai gostar de andar de avião.

Esclareço minha situação e digo que me emprestaram um apartamento.

— Um cubículo para estudante, no sexto e último andar, sem elevador.

— O jeito então é Jósef e eu ficarmos na hospedaria.

Ele fala como alguém saído de um livro antigo, como se houvesse um único hotel em toda a cidade. Como se esperassem ser despachados por falta de lugar e obrigados a dormir na cocheira.

Levo um bom tempo para convencer meu pai, a quem faltam três anos para se tornar um octogenário e que pretende pegar o avião com seu filho deficiente, de que não preciso de ninguém para cuidar de mim. Luto para recuperar a minha voz normal e digo para ele não se preocupar, que vou para a casa de uma amiga que estuda arqueologia aqui.

— Lembra-se da Thórgunnur? — pergunto. — Estudou na mesma sala que eu durante todo o primário e ia muito lá em casa, tocava violoncelo, usava óculos e aparelho nos dentes.

Estudamos, aliás, juntos no secundário também, mas ela deixou de ir lá em casa por essa época. Depois disso, encontrei-a por acaso no florista quando ela retornou ao país para passar as férias. Eu precisava de fertilizantes; ela tinha na mão um amor-perfeito no vaso e, ao sairmos da loja, me convidou informalmente para uma temporada com ela no exterior.

— O apartamento é ótimo — falo agora, após evocar o precário cubículo de estudante. — Lá ficarei bom depressa. Ela vai cozinhar para mim, tenho certeza — acrescentei logo em seguida a fim de tranquilizar o meu pai, que transborda de atenção para com seus gêmeos, seus únicos filhos. Omito que a estudante de arqueologia vai passar uma semana fora escavando os cemitérios de duas cidades e ampliando seus horizontes.

— Outra opção é voltar para casa — ele diz. — Não mexi em nada no seu quarto; está como você deixou, só fiz uma pequena faxina, mudei a roupa de cama e limpei. Levei uma noite inteira passando os lençóis.

— Já falamos sobre isso, pai. Vou ficar lá uns dias até tirarem os pontos. Depois vou comprar um carro usado e pegar a estrada para o jardim, no sul, aonde devo chegar em poucos dias.

Sinto o cansaço em toda a sua plenitude. Impossível sustentar a conversa por muito mais tempo. Falta, porém, agradecer pelo pijama. Isso me exige ao mesmo tempo concentração e energia.

— Muito obrigado pelo pijama, veio bem a calhar.

Em seguida dou ao meu pai o número do telefone de minha parceira de crisma — como ele a chama —, que me emprestará sua cama enquanto ela própria se dedica a escavar dois cemitérios com uma pazinha e a se enriquecer com uma experiência que sem dúvida será uma revelação para ela e contribuirá para sua nova visão de mundo. Ele diz que volta a ligar à noite para saber como vou me virando.

Não é longe a casa da minha amiga, mas a sutura dói quando ando. No caminho, observo os prédios e as pessoas. A maioria das mulheres é morena de olhos castanhos.

As chaves estão na padaria, no térreo, mas o apartamento fica no sexto e último andar, na mansarda, sem elevador. É um molho com quatro chaves, e a padeira me explica para que servem: para a porta da entrada, a despensa, a caixa de correspondência e o apartamento da minha amiga. A escada de madeira estala. Cada degrau é um desafio para uma barriga recém-costurada. O apartamento é frio. Está tudo muito bem arrumado; e a cama, feita com

esmero. Presumo que a colcha dissimule um edredom de cuja maciez eu possa usufruir durante uma semana, enquanto minha colega, com quem perdi contato, estuda lápides. Está na cara que é uma mulher que mora aqui: é cheio de bibelôs supérfluos, castiçais, toalhinhas de crochê, incensos, almofadas, livros e retratos, que devo tomar cuidado para não derrubar. Os móveis parecem comprados numa feira de antiguidades. O minúsculo apartamento comporta uma escrivaninha antiga com uma luminária antiga, uma cama antiga, castiçais antigos e, no vestíbulo, um espelho antigo, que me encarou na entrada.

A altura do espelho na parede foi calculada para uma mulher de estatura mediana e preciso me abaixar para me ver.

Passo a mão em meus cabelos grossos e rebeldes, um dos meus gestos característicos e marcantes. Não resta dúvida: minha palidez assusta, mesmo descontando a aparência perpetuamente empoada de muitos ruivos. Apesar do meu aspecto juvenil, sinto-me como um velho curvado sob o peso dos anos mas aprisionado no corpo de um jovem. Não seria agora apenas questão de deixar passar o tempo até o túmulo? Existiria ainda alguma coisa capaz de me surpreender?

Alinho as mudas em seus frascos hospitalares no parapeito da janela e testo diversas regulagens na calefação, sem sucesso. Estou com fome, não tive presença de espírito para comprar alguma coisa na padaria, e agora sinto preguiça de descer os seis andares para depois ter de subi-los novamente. Em vez disso, deito-me na cama e estico minha jaqueta de couro sobre a cabeça. Logo em seguida, tiro suéter e calça e entro debaixo do edredom. Cheiro a colcha e não sinto nada de especial. Embolo-me nos lençóis, ora tiritando, ora suando; eu não me surpreenderia se a ferida houvesse infeccionado e eu estivesse com febre. Apesar disso, não me deixo afundar na autocomiseração. Por outro lado, sinto saudades de meu pai. Na realidade, ainda não abandonei a casa paterna e me vem à mente a capa do edredom azul-celeste com barquinhos à vela. O que ele deve ter preparado para o jantar? No instante em que penso nisso, ele pode estar escaldando batatas para então, quando já não se vê nada pela janela por causa do vapor, introduzir as postas de peixe na panela. Embora eu não tenha propriamente saudades de suas experiências culinárias depois da morte de mamãe, a presença paterna continua associada à hora das refeições. Eu não diria não à ideia de um bacalhau cozido com batatas e manteiga. Quando eu era pequeno, era o meu pai que cozinhava o peixe para



mim, tirava as espinhas, despejava manteiga derretida e amassava tudo junto com as batatas. Eu o observava erigindo o morro branco-amarelado, evitando espalhar a comida no prato para não esfriá-la. Alisar o cone do vulcão em todas as suas faces, passar sobre aquela matéria aberta e rugosa a lâmina da faca afiada, podia exigir um bom tempo. Engulo duas colheradas, não mais, depois perco o apetite e preciso arranjar outra coisa para fazer. Papai me senta de novo no banquinho pacientemente e continua a me dar na boca. Mas onde está o meu irmão, por que não está na mesa? Ah, pronto, aí está ele à minha frente; tranquilo, come tudo o que lhe servem sem criar caso. Não emite comentários, não demonstra curiosidade e não faz perguntas sem parar como eu, não se esgueira embaixo da mesa para ver o que se esconde sob a superfície das coisas.

— Uma colherada para o papai.

# Onze

Embora o apartamento fique no último andar e a janela permaneça fechada, o barulho da cidade me alcança com suas buzinas, chamados e gritos aparentemente bem próximos. A tardinha cai e o céu desbota por volta das seis horas, quando a escuridão recobre a cidade.

A janela dá para um pátio estreito e da cama vejo o apartamento vizinho iluminado, a cozinha sem cortina e a sala de jantar, que devem se situar no máximo a quatro metros da minha cama. É como espiar o interior de uma casa de boneca da qual se houvesse retirado a fachada e assistir a cenas da vida doméstica. É a terceira vez em menos de uma hora que a vizinha da frente aparece de calcinha e sutiã na cozinha. Observo-a passar manteiga em duas fatias de pão e guarnecê-las com um salame qualquer. É como se não desse a mínima para a ausência de cortinas, e, uma em cada duas vezes, olha inclusive abertamente na minha direção, em sua lingerie fúcsia, com o pão na mão. Em seguida, desaparece brevemente da moldura e, ao voltar, cobriu-se com um roupão. Ao seu lado, na cozinha, um homem retira as compras de uma sacola plástica. A garota deve ter mais ou menos a minha idade e me coloco instantaneamente no lugar de seu namorado. Supondo que eu me recuperasse por milagre, não me furtaria à eventual possibilidade de falar com ela. Embora não vislumbre tal oportunidade, enceno mentalmente um encontro imaginário. Eu poderia, por exemplo, dar pela falta de ovos — uma vez que sei fazer ovos estrelados — e me ver obrigado a bater na casa dela. Precisaria, claro, descer seis andares, atravessar a rua, onde fica a loja que vende ovos, e depois entrar na portaria do seu prédio. Como não disponho da chave da portaria, teria de esperar uma oportunidade e entrar junto com um vizinho distraído para subir os seis andares e bater à sua porta. Rumino outras possibilidades de abordagem.

O mais simples, naturalmente, seria encontrá-la ali embaixo, na padaria.

“Venha”, ela diria, agarrando minha mão para atravessarmos o pátio calçado. “Vamos dar uma subida lá em casa.” Depois que ela me afagasse os cabelos, como fez com o namorado, não tenho certeza de que eu teria alguma coisa a lhe dizer. Pergunto-me se a minha experiência de seis mulheres é razoável ou desprezível para um homem da minha idade. Abaixo da média, na média ou acima da média?

Abro a janela e o cheiro de comida me dá fome. Ocorre-me verificar se há alguma coisa para comer na cozinha e olho nos dois armários. Um exame rápido revela biscoito cream-cracker e uns saquinhos de sopa de aspargos. Pego a geleia de ruibarbo na minha mochila e como três biscoitos com geleia enquanto a sopa está no fogo. É inacreditável a quantidade de utensílios de cozinha que minha amiga possui; são pelo menos quatro itens de cada coisa. Abro o armário de louça para procurar uma tigela. As xícaras têm flores estampadas e uma borda dourada, tenho medo de esbarrar em alguma peça e desfalar o aparelho. Introduzo a mão com cuidado no fundo do armário até encontrar um copinho de plástico.

Qual será o aspecto do meu lar? É preciso dois para formar um lar, diria minha mãe. A única coisa que eu julgaria indispensável seriam plantas, embora eu me veja antes do lado de fora num jardim do que arrumando um interior. Não sou feito meu pai, um marido nato; ele não vai à oficina sem colocar sua gravata, e a chave de fenda ou a de boca estão sempre ao alcance da mão. Não sou dotado para trabalhos manuais, como esses homens de família que sabem fazer tudo: construir uma calçada, instalar uma fiação, fabricar portas para um armário de cozinha, rebocar uma escada, desentupir a pia, trocar uma janela, martelar despreocupadamente uma vidraça dupla, tudo que um homem deve saber. Sem dúvida eu poderia fazer uma coisa ou outra, até mesmo todas, mas nunca sentiria prazer nisso. Poderia, por exemplo, instalar uma estante, mas isso jamais viria a ser um hobby, eu não perderia nisso minhas tardes nem meus fins de semana. Não me vejo empunhando uma chave de fenda e montando uma estante enquanto papai, o eletricista, instala uma tomada. Quem sabe meu sogro não viria a ser um instalador de carpete e os dois debateriam o serviço a ser feito, cada um com a respectiva caneca de café pousada na minha estante. Ou então, o que seria pior, papai e eu estaríamos sozinhos e ele me daria instruções, como a um aprendiz. Quanto mais penso na possibilidade de formar um lar, mais vejo que não fui feito para isso. Seria diferente no jardim; lá, eu poderia passar meus dias e noites na solidão.

Papai liga assim que eu termino a sopa de aspargos. Quer saber se comi, e eu posso garantir que sim. Quer então saber o que havia para comer e respondo que, depois de uma operação de apendicite, é recomendado pegar leve; portanto, foi uma sopa de aspargos. Ele, por sua vez, me conta que foi convidado para tomar um ensopado na casa de Bogga. Depois pergunta por Thórgunnur e eu respondo que deu uma saidinha. Ele quer saber se estou me recuperando e digo que me sinto bem melhor. Depois pergunta se não anoitece sempre na mesma hora.

— Sim, por volta das seis.

— Como está o tempo? — ele pergunta.

— Igualzinho a de manhã, ameno e nublado, um autêntico clima de primavera.

— A eletricidade é como aí?

— Como assim? A luz acende — digo.

Sou um zero à esquerda em matéria de eletricidade. Na manhã dos meus nove anos, meu pai tentou me ensinar a trocar uma tomada e eu me lembro de seu espanto diante de meu desinteresse. Era como se eu lhe dissesse que não queria ser homem. Quando ele me faz uma pergunta sobre eletricidade, tenho a impressão de que toma o pulso de minha virilidade.

— Sempre tive horror ao escuro, Lobbi — diz o velho eletricitista, antes de me desejar boa-noite.

Quando termino de me despedir de papai, sem me esquecer de mandar lembranças para Jósef, visto o pijama que eles me deram de presente e me deito nos lençóis femininos. Está meio curto nos braços e nas pernas. Depois que fui operado, penso nitidamente mais no meu corpo do que antes, no meu e no dos outros. Entendo por dos outros basicamente o corpo das mulheres, mas observo igualmente o dos homens. Pergunto-me se a anestesia de quatro dias atrás teria como efeito colateral expandir a consciência corporal. A barriga continua dolorida, mas me sinto incrivelmente isolado debaixo do edredom. O único recurso disponível é me apalpar para comprovar que estou vivo. Começo por tatear elementos avulsos, como se para me certificar de que fazem mesmo parte de mim. Embora claramente condenado à solidão durante o período de minha convalescença, sinto de maneira tangível que sou um homem. Impossível dormir, então me ponho a pensar. Chego a me perguntar se não deveria ter pedido o número do telefone da enfermeira de olhos castanhos que cuidou das mudas e me ajudou a deitar na primeira noite, aquela com a

presilha em forma de borboleta. Ou então o da outra, que me ajudou no chuveiro e em seguida trocou meu curativo.

# Doze

Na manhã seguinte, há uma nuvem esquisita no céu; tem a forma de uma touca de bebê com franja de babado. Após passar pela morte e pela ressurreição, dou a volta por cima e, quando aperto levemente os pontos de sutura, já quase não dói. Isso acaba me fazendo pensar de um jeito diferente no início desse novo dia.

“Tudo que você precisa é de tempo e repouso”, mamãe teria dito.

Não posso dizer que tenho vontade de voltar para casa, tampouco que haja qualquer coisa que me atraia por lá. Talvez seja incomum um cara de vinte e dois anos ficar tão alegre por estar vivo, mas sinto que tenho fortes motivos para comemorar após as dificuldades dos dias anteriores. Não existe dia rotineiro enquanto se está vivo, quando não se está com os dias contados. As plantas também parecem saudáveis, no parapeito da janela; radículas brancas finíssimas, quase invisíveis, estão se formando. Decido me vestir e sair para comprar alguma coisa para comer.

Assim que chego de volta com pão e salame, o telefone toca. É papai. Pergunta como vou indo e se já tomei o café da manhã. Depois me pede novamente notícias de Thórgunnur e do tempo. Falo da curiosa formação de nuvem, e ele me conta que a ventania continua soprando do norte e que a erva daninha do verão passado se espalhou e formou tufo espessos. Depois acrescenta:

— Imagine que o seu retrato de formatura caiu da minha mesinha de cabeceira e o vidro quebrou.

— Não tiraram um retrato meu quando terminei o colégio.

Realmente não cheguei a usar um chapéu de formatura, mas minha mãe fez uma foto minha no jardim no dia da entrega dos diplomas. Mamãe era esperta. Em seguida, bateu outra, minha e de Jósef, na qual ele está me dando a mão, como costuma fazer. Eu era uma cabeça mais alto que ele. Para terminar,

Jósef tirou um retrato meu e da mamãe, junto ao arbusto de lírios alaranjados, nós dois rindo. Não sei se papai está um pouco surdo ou se é de propósito que ignora parte do que falo.

— Eu estava mudando a foto de lugar quando caiu no chão. ThrÖstur, o sujeito das molduras, vai colocar uma nova, um pouco maior que a antiga. Ele concorda comigo e acha que ela pede um passe-partout maior; assim, a borda branca substituirá o vidro.

Não tenho forças para levar a conversa adiante.

— Escolhi uma moldura em mogno.

— Está bem, pai, falaremos com mais calma depois.

— Concorda com o mogno, Lobbi?

— Plenamente.

Estou de licença até que os pontos sejam removidos, o que me permite ficar na cama e ler. Leio o dia inteiro. À tardinha pego meu livro de horticultura na mochila e folheio rapidamente os primeiros capítulos sobre o gramado relva, preocupação importante dos jardineiros, e as plantas ornamentais, antes de me deter no capítulo sobre a poda ornamental dos arbustos. Deste, passo a outro, interessante, sobre enxertos, assunto escasso em informações.

Para falar a verdade, não sei o que me espera no jardim. Na carta não constava nada sobre o trabalho de jardinagem propriamente dito. Mesmo preferindo me dedicar integralmente às rosas, estou também disposto a podar arbustos e ceifar capim, contanto que me permitam plantar minhas mudas na terra. Seja como for, achei estranho o abade do mosteiro, com quem me correspondi, indagar que tamanho de sapato eu uso.

Leio alguma coisa sobre as modificações genéticas dos vegetais, quando alguém introduz a chave na fechadura e minha amiga aparece. Estou debaixo do edredom.

— Está um frio danado — ela diz, sem preâmbulos —, não ligou a calefação?

— Não consegui acertar.

— É só colocar na tomada e ligar — ela explica, tirando sua boina basca vermelha. Desenrola o cachecol do pescoço e se livra da jaqueta de camurça verde. Em seguida, minha colega de infância se despe, ficando só de calcinha e camiseta cor-de-rosa, levanta o edredom e pergunta:

— Cabe mais um?

# Treze

De minha parte, precisamente neste momento da vida, recém-operado de apendicite, eu não teria qualquer condição de me lançar em todos os preparativos necessários para que uma mulher se introduzisse na minha cama. O fato de minha amiga voltar para casa mais cedo do que o programado me pega desprevenido e me desconcerta completamente. Teria desejado me surpreender? Thorlákur, meu velho amigo, diz que as mulheres nunca fazem nada por acaso.

Pergunto por que antecipou a volta.

— Você falou que ia ficar três ou quatro dias, comprar um carro velho e pegar a estrada para um jardim — ela diz, admirada. — Pensei que já tivesse ido.

Vejo-a praticamente sumir sob o edredom, afundando o colchão. Tem a clara intenção de dormir comigo e, como não há outra cama no quarto, podemos dizer que pulamos várias etapas no processo de abordagem.

— Mas não estou pressionando você a ir embora — ela diz embaixo do edredom.

— Fui operado de apendicite — digo. — Vão tirar os pontos amanhã.

Conto minhas desventuras, pelas quais ela manifesta interesse, e rezo aos céus para que não expresse o desejo de ver a cicatriz.

— Posso ver a cicatriz?

Arde de curiosidade, feito uma criança querendo ver um cãozinho. Graças a Deus, estou usando o pijama que ganhei de presente do meu pai, mesmo que denuncie o gosto de um homem que vai ser octogenário daqui a três anos.

— Bonito pijama.

— Obrigado.

Abaixo a calça, o suficiente para mostrar a sutura, mas ela fica bem longe, abaixo da linha do quadril.



Ela cai na gargalhada. Tudo, literalmente tudo nela é novidade para mim e me pega desprevenido.

— Você não usava aparelho na escola?

— Sim, dos treze aos catorze.

Tira os óculos e os coloca na mesa de cabeceira, indicando que não vai ler na cama. Eu continuo com o meu livro na mão, o dedo marcando a página no meio do capítulo sobre as modificações genéticas das plantas.

O que mais surpreende é ver minha amiga pela primeira vez sem os óculos de miopia, ver os olhos que se escondiam atrás das lentes grossas. É como se nunca tivessem se mostrado, como se fosse uma estreia para eles. Ela não poderia estar mais nua do que sem os óculos.

— São para miopia? — pergunto e, transferindo toda a atenção para a força e a espessura das lentes, tento distrair minha mente do fato de estar em trajes íntimos na cama com uma ex-colega de classe. Ainda não perdi a esperança de que as lentes me tirem do apuro e nos conduzam à próxima etapa de uma conversa normal.

— Sim, seis graus em cada olho.

— Já pensou numa cirurgia a laser?

— Estou justamente pensando nisso.

Sinto um arrepio quente propagar-se ao longo da minha barriga no quarto frio e estou encharcado de suor. A dor abdominal dá lugar a outra sensação.

— Você não foi contratado como jardineiro? — ela pergunta. — Não falou que estava a caminho de um roseiral qualquer?

— Isso mesmo.

Sim, mas não estou a caminho de um jardim qualquer. Trata-se de uma propriedade com uma história secular e citada em todos os livros sobre os mais belos roseirais do mundo. A resposta que recebi do abade Thomas era em parte vaga e confusa, mas eu era muito bem-vindo.

— E antes disso você trabalhava no mar?

— Exatamente.

— O que foi feito do melhor aluno de latim?

— Simplesmente evaporou.

Ela muda de assunto.

— Não tem filhos? — pergunta.

— Sim, uma filhinha de sete meses — respondo e me abstenho de ir pegar o retrato para mostrar.

— Você e a mãe não moram juntos?

— Não, só fizemos a criança. Não foi premeditado. Era, na verdade, a namorada de um amigo meu. Lembra-se de Thorlákur? Ele foi louco por ela durante um tempo. Foi como a conheci; porque ele não parava de falar nela, mas a atração não era recíproca.

— Ele não fez teologia?

— Exatamente, foi o que ouvi dizer.

— Então você está fugindo dela?

Ela fala como papai.

— Não, não.

Ficamos um tempo deitados sem nos mexer, cada um do seu lado da cama. Ela se cala. Nós dois nos calamos.

Foi no primeiro inverno depois da morte de minha mãe, no dia dos meus vinte e um anos, Anna e eu nos desgarramos um pouco dos convidados. Era de madrugada, nevava muito, e imprimimos os primeiros passos do dia na neve rangente do jardim. Nós nos jogamos e deixamos desenhados na neve dois anjos agitando os braços. Depois eu quis mostrar a ela os pés de tomate — ela fazia biofísica e nesse dia parecia interessada na genética das plantas. Deviam ser cinco da manhã, e eu não lembro mais quando entramos na estufa, onde sempre havia luz para as plantas e onde tudo recendia a rosa. Assim que transpusemos a soleira, uma quente umidade se abateu sobre nós, como se estivéssemos a léguas da casa, no coração impenetrável de uma selva de trinta metros quadrados. As ferramentas de jardinagem ficam guardadas atrás da porta e há também um velho leito de campanha. Tinha sido eu que o levava para lá a fim de poder estudar perto das plantas quando me preparava para as provas. Desde então ele se fossilizou no lugar. Minha mãe também tinha uma velha vitrola na estufa, sua coleção de discos era uma curiosa miscelânea procedente de todas as partes do mundo. O regador e suas luvas cor-de-rosa com flores estampadas também continuavam no lugar, como se ela tivesse acabado de sair dali. Seja como for, isso não significa que eu estivesse pensando na minha mãe naquele momento. Tiramos nossos casacos e topei casualmente com um disco cuja capa mostrava uma espécie de planta trepadeira, um arbusto ornamental originário do jardim de um palácio indiano, e dançamos no meio do caos — eu praticava dança com meu irmão Jósef. Certamente conversávamos sobre biologia quando, antes que eu pudesse me dar conta, começamos a nos despir. Todo o resto permanece enevoado em minha

memória. Em todo caso, tive a impressão de vislumbrar um clarão na noite, estranhamente perto, como se fizesse dia no monte de neve acumulada. Lançando repentinamente uma claridade ofuscante na estufa, a luz abriu caminho através das plantas e desenhou um arabesco de folhas no corpo da minha amiga. A carícia de minhas mãos fez com que as pétalas de rosa em seu ventre deslizassem e, no mesmo instante, ambos sentimos nitidamente uma corrente de ar, como se houvessem ligado um ventilador. Foi só bem mais tarde que vim a me lembrar dessa história de corrente de ar e comecei a pensar naquele clarão na escuridão como um fenômeno prodigioso. Logo depois ouvimos uma voz de homem do lado de fora da estufa, próximo ao monte de neve — era o vizinho, com uma lanterna na mão, chamando o cachorro. De manhã, havia dois anjos gravados na neve, de mãos dadas, como um recorte de guirlanda no papel. Se estivesse viva, minha mãe teria me olhado através da mesa do café com um ar enigmático e perspicaz. E, como eu estava sem apetite para o café da manhã, ela não teria deixado de dizer que eu estava emagrecendo.

“Ou ainda está em fase de crescimento?”, ela perguntaria, erguendo os olhos risonhos para o seu pedacinho de céu.

Vivia preocupada com a possibilidade de que nós, os três homens de sua vida, definhássemos e eu, em especial, não comesse o suficiente. Então não ouvi falar mais da futura mãe da minha filha durante dois meses, pois foi logo depois da virada do ano que ela me ligou para perguntar se podíamos nos encontrar para um café.

# Catorze

Não posso dizer que eu esteja em condições físicas ideais para transar com quem quer que seja nas atuais circunstâncias. Se tivesse de ser absolutamente sincero, no momento eu escolheria o manual de horticultura em vez da garota. Posso dizer isso sem magoá-la e sem tornar extremamente penoso o que viria depois?

— Trouxe plantas? — ela pergunta, apontando para as mudas nos copos do hospital no parapeito da janela.

— Sim, são mudas de roseira da estufa lá de casa. Vou levá-las para o jardim.

— Ela tem um nome especial, a rosa?

— Sim, rosa de oito pétalas.

— De onde vem esse seu interesse pelas plantas? — ela pergunta.

— Fui praticamente criado dentro de uma estufa. Sinto-me muito bem no meio dos canteiros.

Imagino que seu interesse por jardinagem não seja muito grande e, como não me ocorre nenhum outro assunto, pode ser que eu me veja obrigado a elevar nossa comunicação a outro nível, sem palavras. Tenho duas possibilidades à minha frente: ir adiante ou não fazer nada. A questão é: quando exatamente o tempo da escolha terá expirado; daqui a cinco minutos, dez minutos ou ele já passou? Tiro o relógio e estico o braço sobre ela para colocá-lo na mesinha de cabeceira. Minha colega não dorme, olhando para mim com seus olhos grandes. Não é nada fácil adivinhar o que se passa na sua cabeça. De resto, isso não é importante, a minha também está turva e embaralhada.

# Quinze

E depois é sempre possível não se lembrar de nada do que aconteceu, de maneira que, ao despertar e ver apenas um cocuruto com cachos castanhos ao seu lado, convém começar por verificar quem está deitado ali, sob o edredom. Não se deve deduzir disso que eu tenha passado muitas vezes pela situação de ficar na dúvida quanto à identidade da pessoa que compartilha meu edredom. No caso da minha amiga de infância, lembro-me claramente da noite de ontem. Está pregada no sono e, passando por cima dela sem despertá-la, consigo sair da cama. Sinto-me um pouco zozzo ao levantar, mas enfio meu jeans num piscar de olhos. Então dou um pulo na padaria para comprar alguma coisa para o café da manhã de Thórgunnur. Sentindo necessidade de lhe agradecer, compro um vaso de flores cor-de-rosa. Depois disso, preciso realmente me apressar. Ela está de pé quando reapareço e passa a cabeça pela porta da cozinha. Usa uma túnica estampada comprida por cima do jeans e um casaco, como se estivesse pronta para sair. Colocou os óculos, de modo que me sinto novamente seguro. Confesso me surpreender com o fato de ela ter se arrumado para sair sem se despedir de mim. Estendo-lhe a sacola da padaria e a flor no vaso. É uma dália.

— Comprei para o café — eu digo.

— Obrigado — ela diz, cheirando a flor.

Esta praticamente não tem cheiro, talvez eu devesse ter escolhido uma variedade aromática.

— Ela deve sobreviver sozinha por alguns dias, enquanto você explora os cemitérios — digo.

— Como vai a cicatriz? — ela pergunta.

— Muito melhor, aliás cem por cento.

E é verdade, embora eu ainda deva tomar cuidado ao subir o zíper da calça.

Minha colega de classe diz que está com pressa. Em todo caso, dá uma espiada na sacola e, após afirmar que não tem tempo para o café da manhã, escolhe uma espécie de sonho polvilhado com açúcar.

— Está na hora da minha aula — ela diz, ainda segurando o vaso com a flor. — Boa viagem e boa sorte com as rosas de oito pétalas no jardim prometido.

— Muito obrigado pela hospedagem — eu digo, pegando o vaso para colocá-lo na mesa da cozinha. Depois a tomo nos braços e passo a mão nas suas costas uma ou duas vezes. Por fim, ajeito seu cachecol, enrolando-o melhor em volta de seu pescoço.

— Obrigado mais uma vez — repito.

— Não quero atrasá-lo — ela diz e começa a juntar suas coisas depressa, enfiando livros na bolsa e indo pegar algo no banheiro. Depois me dá um beijo fugaz e caminha rente à parede até a porta. Ali, para um instante para dar uma olhada no espelho e ajeitar um prendedor que ela colocou em seus espessos cabelos crespos. É sinal de que está prestes a partir, mas ainda tem algo a dizer. Hesita na porta de entrada, segurando numa das mãos o sonho com açúcar de confeitiro que pretende comer a caminho da biblioteca.

— O seu negócio não é mulher?

A pergunta me pega de surpresa. Afinal, o que posso responder? Que sim, mas não todas as mulheres do planeta, arriscando-me a magoá-la? Ou — o que é verdade — que a minha experiência acumulada até a manhã de hoje não é suficientemente extensa para eu responder com segurança. Ou ainda me justificar fisicamente e mostrar de novo os pontos negros que me brotam da barriga, dizendo:

— Sim, mas não todo costurado.

— Não me leve a mal — diz minha colega com um pé na soleira. A arqueóloga usa botas de cano alto com saltos.

O despertador está sobre a mesa de cabeceira, de maneira que posso ver o tempo passar enquanto junto minhas coisas e faço a cama, o que não me toma nem quatro minutos.

# Dezesseis

Não precisei de muito tempo para encontrar o carro certo. Um Opel Lasta 37 com nove anos de uso, amarelo-limão, me espera na rua. Tem rádio e parece num estado satisfatório; lustraram a carroceria, passaram aspirador no interior e esvaziaram o cinzeiro. Verdade que rodou um número incrível de quilômetros — cento e cinquenta e cinco mil —, mas me saiu por uma bagatela. Dado de presente, diria papai. Pago o carro à vista, contando as cédulas sobre a mesa. O vendedor me olha de esguelha, carimba o recibo e põe sua rubrica na tinta ainda fresca. Já sem os pontos, retirados no hospital, posso pegar a estrada. Contudo, antes eu passo no mercado de flores da periferia da cidade a fim de comprar terra para as mudas. Tampouco resisto à tentação de comprar duas roseiras em vasos. Por fim, com meus dedos terrosos comprimo ligeiramente o húmus em volta das radículas brancas finíssimas e instalo cuidadosamente as plantas no porta-malas. A princípio, vou na direção do sol — existe coisa mais simples? Apesar de ainda estar à procura de mim mesmo, pelo menos sei para onde vou.

No primeiro posto de gasolina, compro algumas garrafas d'água para regar as plantas, um mapa rodoviário para me orientar, um sanduíche pensando no almoço e uma agenda para anotar dados estatísticos: quilômetros percorridos e despesas. Na hora de pagar, quando a atendente já calcula o total, estendo a mão para pegar um pacote de preservativos próximo ao caixa e o coloco sobre o mapa rodoviário. Não serei pego desprevenido quando acaso e sorte cruzarem meu caminho, como o dos outros. Há dez no pacote, o que deve ser suficiente para alguns dias, ou, quem sabe, anos.

Ao sair do posto de gasolina, telefono para o meu pai só para dizer que retiraram os pontos e que estou a caminho do mosteiro.

— Não vá pelas autoestradas, Lobbi.

— Pode deixar, seguirei pelas vicinais, como combinamos.

— Os estrangeiros não rodam a menos de cento e vinte por hora, naturalmente. Não que sejamos um exemplo. Basta ler os jornais aqui. No último fim de semana, botaram as mãos num jovem da sua idade a cento e quarenta numa estradinha de terra em plena zona de casas de veraneio. Ele dirigia um veículo de empresa que chamava atenção pelo anúncio espalhafatoso de um agrotóxico, que todo mundo notou quando ele passou feito um carro de corrida. Foi flagrado sem carteira numa birosca, comendo batatas fritas.

— Não se preocupe, meu calhambeque não passa de setenta — digo, embora, a rigor, eu esteja fora da jurisdição de papai.

— Um homem no exterior se vê exposto a diversas tentações, Lobbi. E mais de um indivíduo honesto foi tragado por elas. — Então ele conta que Jósef irá comer lá em casa e que está pensando em convidar Bogga também, já que outro dia ela o convidou para compartilhar seu ensopado.

O problema é que ele não consegue decifrar as receitas de mamãe.

— São folhas avulsas, a letra nem sempre é legível e ela parece omitir quantidades e proporções. Não há nenhum algarismo nas folhas.

— O que pretende fazer?

— Uma sopa de halibute.

— Lembro que é bem complicada a sopa de halibute.

— O peixe já comprei. A questão é saber quando as ameixas secas entram em ação e se devo deixá-las de molho desde a manhã, como quando ela fazia a compota.

— Não me lembro de ela botar as ameixas de molho de manhã quando fazia sopa de halibute.

— Era o que eu também achava.

— Bom, então está bem, pai, ligo de algum ponto da estrada.

— Não pise muito fundo, Lobbi.

Abro o mapa rodoviário sobre o capô amarelo-limão e estudo o trajeto. Não conheço o país, mas procuro decorar os nomes dos lugares. Vejo logo que, se eu pegar a velha estrada dos peregrinos, que atravessa três fronteiras, farei zigue-zagues inverossímeis de uma igreja a outra e a viagem tomará mais tempo, porém, em contrapartida, terei a possibilidade de estudar a vegetação e conversar com os habitantes. Quando não resta outra saída a não ser perguntar o caminho a todo momento, conhecemos pessoas, praticamos a língua e comemos em restaurantes de comida típica. Aponto aleatoriamente o indicador para o mapa e decido que é aqui que passarei a noite, em algum canto por



aqui, a apenas dois centímetros de distância. Ou seja, a meros duzentos quilômetros no mapa-múndi. Travamos duas grandes guerras por menos que isso, até mesmo por uns milímetros a mais ou a menos. Meu indicador desliza até a beirada do mapa, até o fim da viagem, que na verdade fica fora do mapa, no capô. O lugar não está contemplado no mapa, mas penso que a estrada dos peregrinos termina logo depois. Calculo então uns cinco dias para chegar ao meu destino, ao roseiral.

# Dezessete

Tenho as duas mãos no volante e a estrada dos peregrinos serpenteia à minha frente, curva após curva, enquanto atravesso a floresta, com árvores dos dois lados. O sol do meio-dia bate no meu rosto; ele se deslocará daqui a pouco, junto com o entardecer.

Sinto-me muito bem viajando sozinho, embora talvez fosse mais prático, para não me perder, ter alguém ao lado para ajudar com o mapa. Na falta disso, volta e meia ligo o alerta e paro na orla da estradinha, na floresta verdejante e escura. Com o motor desligado, decifro o mapa e aproveito para regar as plantas no porta-malas. Convém, naturalmente, ficar de olho nos cervos, javalis e outros animais que possam atravessar a estrada. Tento passar em revista na cabeça os animais possíveis. É como se eu ouvisse a voz do meu pai ao meu lado:

“Florestas podem ser perigosas, abrigam ursos, lobos e até salteadores; um crime sem dúvida está em vias de ser cometido atrás dos arbustos, ali, a dois passos, o qual será noticiado no jornal regional do dia seguinte. Aliás, as adolescentes que pedem carona podem perfeitamente ser cúmplices de uma quadrilha de ladrões; quando elas param o carro, o bando surge das moitas ao redor.”

As preocupações do meu pai deprimem qualquer um. Ao contrário dele, confio nas pessoas. Volto os olhos para o lado, não, mamãe não está aqui.

Sinto que minha mãe começa a desaparecer, receio em breve não conseguir mais invocar sua imagem. Então repasso novamente nossa última conversa ao telefone, quando ela ligou de dentro do carro esmigalhado, e me detenho nos detalhes mais ínfimos e inimagináveis. Ela queria falar com meu pai e fui eu que atendi. Ele lhe dera o celular pouco tempo antes, mas, que eu soubesse, ela nunca o utilizava; eu nem sequer sabia que ela o carregava para todo canto. Para que ela continue a existir, volta e meia descubro algo novo a

seu respeito e, a cada reminiscência, acrescento novas informações sobre o que antes ignorava.

Papai se despedira dela como todas as manhãs; custava-lhe perdoar-me por ter atendido ao telefone e, acima de tudo, perdoar a si mesmo por não estar em casa. Queria ter sido o único depositário das últimas palavras de mamãe, que ela não partisse sem lhe haver dedicado aquelas últimas palavras.

“Ela precisando de mim e eu numa loja comprando uma extensão”, dissera.

O fato de mamãe ter partido antes dele, com apenas cinquenta e nove anos de idade e dezesseis anos mais nova que ele, como repetia incessantemente, foi um imenso desapontamento para meu pai. Imaginara as coisas bem diferentes.

Ela diz ter sofrido um pequeno acidente e avisa que as equipes de socorro estão no local, uns caras corajosos — e que eu não me preocupasse, estava em boas mãos. Eles são bons no que fazem, estão cuidando de tudo.

— Foi um pneu furado, mãe?

— É o mais provável — ela responde, com uma voz calma. — É, deve ter sido isso. O carro me pareceu um pouco instável.

Sua voz talvez tremesse um pouco, mas ela falou duas vezes que eu não me preocupasse, que sofrera um pequeno acidente — foi exatamente o que ela disse: um pequeno acidente, fruto de uma barbeiragem boba. Voltaria a ligar quando as equipes houvessem terminado de recolocar o carro na pista — ela disse, como se fosse um piloto de rali com quatro assistentes.

— Você saiu da estrada?

— Providencie o jantar para você e seu pai; caso eu não chegue a tempo, é só requeijar os croquetes de peixe de ontem. Vai demorar um pouco por aqui.

Em seguida, faz uma pausa antes de retomar a descrição de seu paraíso de cores outonais. O sol a que ela se refere é um mistério para mim. Chovia no país inteiro aquele dia e, segundo o relatório da polícia, a causa do acidente foi justamente a chuva na estrada. Estava tudo alagado, o asfalto, os pastos, o campo de lava, e ela descrevia os matizes extraordinários da terra, a cintilação do musgo que o sol dourava em meio à lava preta, falava daquela claridade irresistível, falava da luz, sim, da luz.

— Está no campo de lava, mãe? Está ferida?

— Uma coisa é certa: vou precisar de uma nova armação para os óculos.

Agora sei que a ligação está chegando ao fim, e, para estender o tempo da recordação, para protelar mentalmente o adeus de mamãe, para conservá-la ao meu lado mais um pouquinho, acrescento ao roteiro, no momento da recapitulação, o que não tive tempo de lhe perguntar na hora.

— Mamãe, mamãe, quem sabe não devêssemos transplantar sua rosa de oito pétalas da estufa para o jardim, para um canteiro, e ver se ela resiste ao inverno...

Ou poderia perguntar outra coisa, que levasse mais tempo para esmiuçar.

— Como é que se faz um molho com curry, mãe, e uma sopa de cacau, mãe, e uma sopa de halibute?

Em seguida, acho que ela disse, mas não tenho cem por cento de certeza, que eu teria de segurar a barra do papai, mesmo ele sendo um pouco velho e cheio de pequenas manias. E continuar a ser bom para o meu irmão Jósef.

— Seja paciente com seu pai. E não se esqueça do seu irmão Jósef. Você dava a mão para ele quando ainda estavam no berço. — Será possível que ela tenha dito isso?

Ressoa então uma espécie de estertor, como um início de pneumonia, e mamãe para de falar.

A conversa terminou, mas ouço vozes de homens.

— O celular continua ligado? — pergunta alguém.

— Ela está morta, acabou — diz outra voz.

E depois alguém pega o celular.

— Alô, há alguém na linha?

Eu me calo.

— Desligou — diz a voz na outra ponta da linha.

— A ambulância chegou — diz outra voz.

— Não conseguimos alcançá-la ainda em vida, como pretendíamos, com o desencarcerador. Na realidade, não pudemos fazer muita coisa — diz um dos socorristas, que compreende perfeitamente que eu deseje fazer perguntas. — Mas vimos que ela estava falando no celular, o que é absolutamente incrível, ferida daquele jeito. Deve ter engolido sangue o tempo todo. Não havia qualquer esperança, ela não sobreviveria o tempo necessário para cortarem a lataria do veículo.

Entregaram-nos um saco contendo suas roupas e seus óculos, bem como a raiz de mirtilo e outros pertences que estavam no carro. Os óculos estavam sujos de sangue e as lentes estilhaçadas; uma das hastes entortara noventa graus.

Brigamos, papai e eu, quanto às flores a depositar no caixão. Eu queria que fossem flores silvestres; rainha-dos-prados, cerefólio, gerânio-dos-bosques, botões-de-ouro e pés-de-leão, mas papai tinha na cabeça flores mais solenes, compradas no florista, rosas importadas, de preferência. No fim, cedeu e deixou a tarefa de decoração floral a cargo do filho.

# Dezoito

Continuo na floresta, que parece não querer terminar, com sua gama de cores que abrange todos os tons de verde. Em todo caso, tenho tempo de ficar matutando sobre minhas questões, como diria papai — o que não significa que alimente esperanças de chegar a uma conclusão no fim de mil seiscentos e cinquenta e quatro quilômetros. Junto com a obrigação de me manter no lado certo da estrada, é principalmente na noite da véspera que me concentro neste momento. O que me deixa desconcertado, e impregna todos os meus pensamentos ao longo dos primeiros duzentos quilômetros, é a mudança surpreendente da minha amiga de adolescência, é vê-la sob a forma de uma nova pessoa, sem óculos e com corpo de mulher. Assim como ela, eu também poderia me perguntar se mulher é mesmo o meu negócio. Sou perfeitamente capaz de ter uma mulher nos braços durante metade de uma noite, mas não tenho certeza de poder protegê-la contra o que ela receia. Garotas costumam ter muito mais coisas a dizer do que eu, falam de sua relação com o avô, do qual eram as queridinhas, contam que ele as ensinou a jogar xadrez e as levava ao concerto antes de ficar doente, com câncer de próstata. Às vezes perigam evocar algum acontecimento dramático ocorrido na família, eventualmente no século passado, se nada de trágico afora a morte do avô, e às vezes da avó imediatamente depois, houver acontecido nos últimos anos. Mulheres têm memória privilegiada e são sensíveis aos episódios singulares ocorridos na história de suas famílias ao longo dos últimos duzentos anos; depois disso chegam ao cúmulo de me ligar às suas raízes históricas. Eu seria incapaz de me apresentar dessa forma a quem quer que fosse, mesmo estando louco para transar com uma garota.

Noto uma espécie de barulhinho crônico no automóvel. Se porventura um problema técnico aparecer, não meçam minha virilidade pela minha capacidade de consertar um calhambeque enguiçado, pois não sou esse tipo de

homem. Trocar um pneu, vá lá, não uma vela ou correia de transmissão; nunca me interessei por motores. Ninguém me espera para jantar, mas preciso encontrar um lugar para dormir antes que escureça totalmente e eu me perca por aí. Embora uma vaga inquietude me contagie na floresta escura, convenço-me de que nada há a temer, pois sei que no breu da noite descansa um lugarejo adormecido, uma aldeia invisível com sua igreja e sua agência de correios em frente à pracinha de concreto. Estou com fome. Ao lado da igreja, haverá certamente um restaurante com cortinas brancas rendadas. Ao lado do restaurante, bem poderia haver uma pousada. Pois estes são caminhos ancestrais, frequentados há mil anos, e uma coisa é percorrer uma antiga rota de peregrinação, outra é rodar no asfalto recém-espalhado sobre a negra lava áspera e nua. Espreito os arredores em busca de um ponto de referência, uma igreja, por exemplo. Desenrolam-se evidentemente muitas coisas na abóboda celeste: uma meia-lua e constelações que cintilam como borboletas prateadas. Só avisto a igreja quando, não sei como, ela aparece nos retrovisores. Isso significa que passei por ela e que preciso fazer o retorno para encontrar a bifurcação. Não há vivalma e, francamente, não me agradaria ficar vagando a esmo. Não demora muito e dou com uma tabuleta de restaurante, com uma flecha embaixo indicando que devo me embrenhar mais ainda na floresta. Ao lado da flecha, a distância: três quilômetros. Sigo as indicações e avanço por uma estradinha escura através da floresta; as bifurcações se sucedem, as tabuletas são feitas à mão, quem sabe uma criança brincando de caça ao tesouro. Embora meu conhecimento da língua seja medíocre, observo que falta uma letra numa palavra. A primeira coisa que bate na vista é o campanário da igreja, depois o trajeto se delineia e termino por ver a igreja diminuir e se distanciar até não passar, no retrovisor, de um cubo de Lego no país dos brinquedos. Estou no meio da floresta, literalmente cercado por árvores de todos os lados, sem fazer a menor ideia do lugar onde me meti. Será que um homem criado nas profundezas obscuras da floresta, onde é preciso abrir caminho através de múltiplas espessuras de árvores para ir postar uma carta no correio, pode compreender o que é esperar uma juventude inteira pelo crescimento de uma única árvore?

# Dezenove

No momento exato em que me julgava definitivamente perdido e me preparava para fazer a volta, aparece o restaurante iluminado no fim da aleia transversal. As janelas são, como eu já previa, decoradas com cortinas brancas rendadas. Há um carro na entrada. Sigo rente à fachada até chegar à cozinha. Há peles de animais da floresta penduradas em colunas cerradas ao longo das paredes: lebres, coelhos e javalis. Nesse ínterim, o dono saiu para me receber e conduzir a uma saleta com algumas mesas. As paredes também são decoradas com peles de animais e cabeças de cervo empalhadas, além de uma coleção de espingardas. Sou aparentemente o único cliente. O lugar recende a limpeza e comida succulenta; sobre as mesas, uma toalha engomada e um guardanapo de pano, três copos junto ao prato e três talheres de diferentes tamanhos.

Não progrido muito depois de ler o cardápio, que o homem tenta explicar passo a passo por cima do meu ombro, mas não consigo acompanhar. Ele diz: um instante, para impedir que eu vá embora, e vai à cozinha buscar uma mulher de avental branco como neve com quem ele deve viver há décadas, pois nem precisa lhe expor o problema. É ela quem se encarrega de me ajudar na escolha dos pratos.

— Prefere isto ou isto? — pergunta.

Balanço a cabeça. Então a mulher põe-se a rir.

— Do que está com vontade? — tenta.

É a pior pergunta que podem me fazer, pois toca no âmago do meu ser; ainda não sei o que quero, há tanta coisa para eu experimentar e compreender.

— Aí é que está o problema — digo à mulher —, não sei do que tenho vontade.

Desconfio que a nota mais baixa na hierarquia do restaurante vá para aquele que não sabe sequer o que lhe apetece. A mulher balança a cabeça, compreensiva.



— Pedirei o que a senhora me sugerir — digo, para encerrar o assunto. A mulher parece satisfeita. Não é a primeira vez que peço a uma mulher que decida por mim.

— Confie em mim — ela diz, com um ar ao mesmo tempo misterioso e tranquilizador —, não irá se decepcionar.

Fico sozinho na sala, sob a cabeça do cervo. Ao fim de um pequeno instante, a mulher volta com um prato de frios variados e uma garrafa de vinho. Será o primeiro prato de uma longa série. Ela serve o vinho numa das taças.

— Tomei a liberdade de escolher o vinho também — diz. — Bom apetite. Posiciona-se a certa distância de maneira a poder observar minhas reações.

— O que está achando?

— Muito bom — eu digo, erguendo a cabeça do patê quente guarnecido com molho de cogumelos silvestres.

— Foi o que imaginei.

Traz a fotografia de um ouriço para me mostrar a origem do patê. Após o patê de ouriço, sucedem-se pelo menos outras três entradas, tudo patê: de javali, de pato e foie gras. Depois, três especialidades do restaurante da floresta: peito de corça, filé de alce, pernil de cervo, um prato de carne atrás do outro. De acordo com a série de fotografias que a mulher me mostra a cada prato, tudo, absolutamente tudo que servem aqui, vem da floresta. Cozinham-se os bichos que temi atropelar o dia inteiro. Não há muito legume nos pratos, que vêm acompanhados de molhos e pão. A mulher insiste para eu tomar uma taça de vinho a cada nova iguaria. O casal é amabilíssimo e me faz um monte de perguntas, às quais me esforço para responder na medida em que me permitem meus conhecimentos linguísticos. A cada novo prato, penso ter chegado ao final do cardápio e da refeição. O homem pergunta qual é a destinação da minha viagem e respondo. De quando em quando uma moça da minha idade atravessa a sala. Entra e sai e parece me ter na mira. Observo que usa uma saia de poá. A sensação é de que toda a família me vigia e que essas idas e vindas têm um desígnio secreto.

Em todo caso, só me resta dizer que o jantar estava excelente e a conta, ridiculamente modesta. Como bebi um número excessivo de taças de vinho para seguir viagem, pergunto à mulher por uma pousada na floresta. Esta calha de se situar em cima do restaurante, onde mora o casal. Vou então pegar minha mochila e as plantas no carro. A família me acompanha com os olhos

desde a escada da entrada, e o homem pergunta se trabalho com jardinagem. Respondo que pode-se dizer que sim. A mulher sugere que eu deixe para pagar amanhã e, após entornar um cálice de licor de airela, uma cortesia da casa, rego pela última vez minhas plantas, escovo os dentes e me dispo, antes de me esgueirar entre lençóis brancos feito neve.

# Vinte

Ainda me sinto empanturrado ao descer de manhã, mas por via das dúvidas botaram a mesa do café debaixo da galhada de cervo. Nela, alinham-se pão caseiro numa cesta de vime, três tipos de amanteigados, geleia da casa — bagas da floresta, esclarece a dona —, dois ovos cozidos, algumas fatias de carne e, suponho, o resto do patê de ouriço da véspera. Uma vez sentado, vejo a mulher trazer suco, café e leite fervido, e ela me pergunta se eu não gostaria de uma xícara de chocolate quente depois do café. A jovem está sentada a uma mesa na outra ponta da sala, perto da coleção de espingardas, e bebe uma tigela de chocolate quente. Usa um arco vermelho na cabeça, não vejo se continua com a saia de poá. Não há outros hóspedes para o café da manhã. Após colocar minhas coisas no carro, pago o jantar, o quarto e o café da manhã. O total da conta é o mesmo da conta do jantar de ontem. Não vejo qualquer acréscimo pelo pernoite. Se eu não tivesse coisas importantes para fazer, poderia relaxar e passar longas horas na floresta desfrutando meus parques meses de salário de homem do mar. Quando, depois de pagar, ligo o motor e me preparo para manobrar o Opel na estrada da floresta, vejo o dono da estalagem descer os degraus e me fazer um sinal. Abaixo o vidro.

— Acontece que temos alguém atrás de uma carona.

A interpelação me pega desprevenido e minha indigência na língua não permite que eu saque as palavras certas e as junte numa única frase comportando uma recusa polida, seguida de uma desculpa e uma explicação para a recusa — nem com o dicionário eu daria conta da empreitada.

— Pois é, na realidade esse alguém é minha filha. Ela estuda arte dramática numa cidade pertinho daqui e vem nos visitar nos fins de semana. Não posso levá-la porque esperamos um hóspede à tarde.

— Quantos quilômetros?

— Trezentos e quarenta e quatro no total — responde o pai, acostumado com aquele trecho da estrada.

Teve todo o tempo do mundo para me estudar enquanto eu me digladiava com as especialidades culinárias da casa e agora me julga digno de confiança para conduzir a filha ao seu curso de arte dramática. Devo ter um aspecto bastante ingênuo, com meus cabelos ruivos e minha cara de criança — como diria minha mãe. Só que as aparências enganam. Meus pensamentos obsessivos sobre o corpo permanecem invisíveis para os outros. Percorrer trezentos e quarenta e quatro quilômetros com uma atriz iniciante desconhecida não é para qualquer um. A família preparou meticulosamente a solicitação e não tenho margem para recusar a carona. Enquanto, às voltas com a minha afasia, procuro montar uma resposta gramaticalmente correta, a moça sai da casa correndo, cabelos ao vento, tendo trocado o arco vermelho por um preto. Veste um casaco curto roxo com cinto largo e carrega uma bolsa na mão, quer dizer, está pronta para pegar a estrada. Ao se encaminhar para o carro, torce os cabelos numa espécie de coque e prende tudo num elástico. Em seguida, dá um beijo em cada face do pai e os dois trocam algumas frases. Não sei exatamente do que se trata, mas o pai desaparece dentro de casa e ela me diz *espere*, fazendo sinal de que a família ainda tem alguma coisa para entregar. Quando ele volta, um instante depois, tem nos braços uma caixa de papelão que me parece bem pesada e me faz um gesto com a cabeça para abrir o porta-malas a fim de que ele descarregue.

— É para você — traduz a garota. O pai faz questão de me mostrar o conteúdo e inclina um pouco a caixa de papelão. Conto doze garrafas de vinho tinto. — Da nossa própria lavra — diz ela. O rótulo das garrafas estampa um delicado desenho a bico de pena representando a igreja paroquial acima do sobrenome do produtor. Não me admiraria ter bebido uma ou duas garrafas do mesmo tonel na noite anterior.

— A carona com certeza vale isso.

O favor prestado à filha é avaliado em doze garrafas. Ele próprio quer acomodar o presente e, quando explico que não há espaço no porta-malas por causa das plantas, ele inspeciona o carro e decide instalar a caixa no assoalho do banco de trás. Em seguida, reaparece do lado do motorista e, com dois dedos, dá uma batidinha no vidro. Abro a janela e ele introduz o braço, tendo na mão alguma coisa enrolada que ele comprime na minha. São cédulas de dinheiro.

— O jantar e o quarto são ofertas da casa, o que sobrar é para a gasolina — ele diz, com uma cara animada. — Agora posso lhe desejar boa viagem.

Um par de pernas valsa dentro do carro e a garota atira mais beijos para o pai. Ela já se despediu da mãe na escada da entrada. Em seguida, pai e filha trocam acenos de adeus e eu o vejo distanciar-se no retrovisor, enquanto saio do entroncamento. A garota, virada para trás, fica de joelhos no banco do carona, os quadris no meu ombro, até o pai desaparecer. Arrependo-me imediatamente de, num súbito acesso de generosidade, ter aceitado levar a garota.

— Ponha o cinto — eu digo, apontando com o dedo para a coisa, ao mesmo tempo que ilustro essa frase simples com o gesto condizente. Ela me olha com a cara de tédio dos adolescentes; depois, com um grande sorriso, desce os pés do assento e se contorce para alcançar o cinto de segurança. Agora que tenho tempo de observá-la mais de perto, vejo que parece mesmo uma futura estrela de cinema.

— Já que insiste.

Já que insisto. Repiso a frase na minha cabeça, questionando-me se existe alguma conotação subliminar nesse “já que insiste”. E também me pergunto se é possível aplicar isso a outras coisas, e então quais seriam elas, e, se eu realmente viesse a exigir essas outras coisas, se a garota concordaria com as minhas exigências. Quando retorno à estrada dos peregrinos, tiro a mão direita do volante para me apresentar, apertando a dela formalmente.

— Arnljótur Thórir.

Ela sorri para mim.

O aperto de mão dessa atriz por excelência é franco e firme. Antes de conseguir frear meus pensamentos, pergunto-me, em contato com sua mão, se terei a chance de transar com ela num momento qualquer daqueles trezentos e quarenta e quatro quilômetros.

Ainda não percorri quase nada da estrada quando minha companheira se abaixa e retira de sua bolsa uma caixa vermelha que lembra uma lancheira. Abre-a e tira um sanduíche, o qual ela protege com um guardanapo branco antes de me passar. Em seguida, pega um para ela também, envolve-o da mesma forma com um guardanapo branco e empurra para trás o encosto reclinável do assento. Eu me dou conta de que o sanduíche é de salame; não faz meia hora que acabo de ingerir um café da manhã de três pratos e mal se passaram doze horas desde que encarei a maior refeição da minha vida.

Em seguida, minha companheira filiforme tira da bolsa um maço de folhas de papel, espalha tudo no console de bordo, dobra as pernas embaixo de si sobre o assento e, com o canto do olho, percebo que tenta decorar um script. Ela permanecerá calada durante os primeiros trinta quilômetros, o tempo de decorar seu papel.

# Vinte e um

Não acho desagradável a presença de outra pessoa ao meu lado, contanto que em silêncio e lendo seu texto, razoavelmente tranquila em seu assento. De toda forma, só me resta aturar a futura atriz pelas seis horas vindouras. Olho-a de soslaio. Ao longo de sua pálpebra, bem acima dos cílios compridos e cerrados, há uma fina linha negra que lembra realmente uma atriz de cinema famosa que já vi num filme.

Ao cabo de um momento, a atriz faz um canudo com o script, aponta-o na minha direção e puxa conversa. Pergunta onde nasci.

Respondo.

— Sêrio?

Emite interjeições e muda de posição no assento, colocando o pé direito no assoalho e o esquerdo sob si mesma, enquanto passa o cinto de segurança sob a axila. Assim, pode se virar melhor para mim a fim de continuar a conversa.

— Como é por lá?

— Não há muita coisa a dizer; não é um lugar muito fértil.

Não tenho certeza de ter alguma coisa a acrescentar. Ela só fala na língua dela, que aprendi na escola, mas na qual nunca fui obrigado a me exprimir em longas frases com os nativos.

— Fale alguma coisa do seu país.

— Musgo.

— Bacana.

Mal pronuncio a palavra musgo, vejo o problema que arrumei. Impossível esticar o musgo como assunto de conversa. No máximo poderia enumerar suas variedades, o que não constituiria um diálogo.

— Como é o musgo?

Caso tivesse acesso às palavras, eu diria a essa estrela cinematográfica em ascensão que o musgo é uma esponja filamentosa que levamos tempo para atravessar, pois, apesar de os dez primeiros passos serem tranquilos, percorrer um vasto campo de lava coberto de musgo equivale a andar num colchonete de ginástica o dia inteiro. Atolar no musgo quatro horas seguidas faz doer o tendão de aquiles e pode acarretar mais câibras do que escalar uma montanha. Quando arrancamos o musgo, abre-se uma chaga no solo e a terra se desfaz. Seria um prazer falar alguma coisa bastante inusitada, que ninguém lhe houvesse falado antes de mim, mas minha competência linguística não permite qualquer bravata e, se discorresse sobre os matizes do musgo e seu cheiro depois do temporal, estaria entrando no registro dos sentimentos, como se a cortejasse. Não fraquejarei, de agora em diante só abro a boca para falar o que domino gramaticalmente:

— Uma planta igual a um colchonete de ginástica.

— Engraçado — ela diz. Ela não joga a toalha. — Fale outra coisa.

— Touceira.

Fico perplexo com a minha facilidade em encontrar as palavras e me exprimir em língua estrangeira quando se trata de vegetação. Pelo menos estou no meu elemento quando o assunto são plantas.

— O que é touceira?

É complicado explicar a formação das depressões e touceiras do terreno, discorrer sobre as incessantes mudanças da temperatura do solo, a alternância contínua do congelamento-descongelamento. Devo meditar cada palavra pronunciada, nada flui naturalmente.

— É difícil acampar onde há touceiras.

Então mudo de assunto.

— Pântano.

No que se refere a pântano, mamãe me contou mais de uma vez a história do puro-sangue do vovô que chafurdou com ele montado e cujo esqueleto voltou à superfície alguns anos mais tarde. Vi uma fotografia do meu avô no cavalo e, sem ser um especialista, não notei nada que diferenciasse seu cavalo favorito dos demais, todos eles de pernas curtas, a despeito de meu avô Arnljótur Thórir — de quem herdo o nome — ter sido alto, comparativamente.

Depois do pântano, desfilio nomes de vegetais terrestres sem quaisquer outras explicações e a atriz se acostuma. O nome latino das plantas me conduz



à fase mais árdua do diálogo e ela balança a cabeça, permitindo-me definir as características das formas vegetais locais. Estou na minha área, domino a situação e penso ter encontrado assunto de conversa para os próximos cinquenta ou sessenta quilômetros: revisão dos nomes de plantas em latim. Nomeio os tufo de erva seca, amarela e hirsuta, o mirtilo e o *silene acuale*. Vêm então o gerânio silvestre, a rainha-dos-prados, a dríade de oito pétalas e depois a cevadinha, a eglantina, a rosa pimpinela e o pé-de-leão ou manto-de-nossa-senhora.

— Calma aí, manto de quê?

Não preciso enveredar na botânica, é só citar todas as plantas que me vêm à mente e minha companheira de estrada tem com que meditar enquanto esvazio o saco de minhas raízes.

— A angélica — digo. — Pode alcançar a altura de um homem.

— Sério?

— A relva.

— A relva?

— Sim, a relva fica verde o verão inteiro, um verde vibrante, incrivelmente verde — eu digo, percorrendo a tundra com o pensamento e pisoteando a relva luxuriante até finalmente encontrá-lo, o tapete de pés-de-leão. Consulto a hora e vejo que gastei quinze minutos, se tanto, nesse inventário da vegetação. Minhas explicações não demoram a me levar a um impasse tanto imaginativo como gramatical. Termino o catálogo com o epilóbio ártico.

— Há epilóbios cor-de-rosa que brotam aleatoriamente nas praias de areia negra.

Acho importante uma pessoa criada na floresta aprender de uma vez por todas que uma flor pode brotar onde menos se espera, do nada, numa duna de areia negra, às vezes até no cânion de um rio. Basta eu mencionar o epilóbio para cair no sentimentalismo.

— É possível colher essas flores?

— Não, elas têm muita dificuldade para crescer, assim, sozinhas... uma ou duas flores talvez, em toda uma duna.

Empenho-me em falar a língua, acoplando substantivos e verbos, cercando as plantas com preposições, para que minha companheira possa imaginá-las em seu meio ambiente natural. Dos cânions dos rios, desço para o litoral e amplio a praia. Julgo importantíssimo que essa moça estrangeira — digo moça como

meu velho pai — visualize uma praia vasta e deserta, intocada, e depois nada além do mar infinito, talvez a crista das ondas espumando ao longe e o céu infinito por cima. Digo duas vezes infinito, pois faço questão de passar a imagem de alguém pisando a areia virgem e escura da praia deserta. Omito os pios das gaivotas, eles perturbariam a imagem silenciosa. Como se diz infinito? Se eu conseguisse dizer infinito, poderia encaminhar a conversa para domínios abstratos. A atriz me dá a deixa.

— Atemporal?

— Não exatamente.

— Imortal?

— Sim, acho que sim — digo —, imortal.

— Bacana — ela diz.

Ocorre-me então ser igualmente possível falar em imprimir os primeiros passos do dia na neve quebradiça.

— De certa maneira é igual à areia escura — digo —, o importante são as primeiras pegadas.

A atriz balança a cabeça.

Acho absolutamente inacreditável o trabalho que as mulheres se dão para me conceder sua preciosa atenção e tentar compreender aonde quero chegar. O que inclusive denota certa falta de espírito crítico de sua parte. Em todo caso, não é uma garota que pareça estar à beira do desespero, em absoluto; não me espantaria um dia vê-la pisando o tapete vermelho dos festivais de cinema.

# Vinte e dois

Não vejo mais qualquer graça em falar da vegetação. Só quero ficar calado pelos próximos duzentos quilômetros. Faço uma conta na cabeça para deduzir a distância que resta para minha companheira de viagem chegar ao seu destino. Assim que paro de me concentrar na gramática, recomeço a pensar nos corpos. Minhas dificuldades linguísticas poderiam perfeitamente elevar nossa relação a outro nível, o das conversas sem palavras entre dois corpos.

De todo modo, preciso cuidar das plantas no porta-malas. Aciono então o alerta e paro no acostamento. Ela aproveita para se livrar do cinto, indicando que vai atrás de mim para bisbilhotar. Quando ela abre a porta do seu lado e eu abro a minha simultaneamente, o roteiro lhe escapa das mãos e folhas brancas voam e se espalham. Ela não se lança atrás das páginas nas moitas da floresta, mas em vez disso se aproxima delas com astúcia e ponderação, o mais depressa possível, como um felino prestes a saltar, disposta a cravar o salto alto na presa ao seu alcance. Estendo-lhe algumas folhas num gesto mecânico, porém, vendo que ela domina completamente a situação, deixo-a perseguir sozinha a *Casa de bonecas* e vou abrir o porta-malas.

— Ei — ela diz —, o que está aprontando com essas plantas? É maconha?

Ela me olha com desconfiança, enquanto despejo o conteúdo de uma garrafa d'água nas plantas.

— Não, são rosas, mudas de roseira da minha casa e mais duas roseiras, que são daqui.

A atriz cai na risada.

— Você tem namorada? — ela pergunta sem rodeios, quando nos instalamos novamente no carro.

— Não, mas tenho uma filha.

É a terceira vez na viagem que me sinto obrigado a falar da pequena.

Ela se agita toda no assento e parece ter soltado de novo o cinto de segurança.

— Bote o cinto — eu digo.

— É uma piada, por acaso?

— Não. Há muitos animais circulando. — Aponto uma placa com a silhueta de um cervo.

— A propósito, quanto ao seu filho...

— Não é filho, é uma menina, tem sete meses.

— Você se divorciou?

— A mãe não é minha ex-mulher; é a mãe da minha filha. Está longe de ser a mesma coisa.

— Quase sempre uma coisa acompanha a outra.

— Não no nosso país.

— Quanto tempo durou a relação?

— Metade de uma noite — respondo. (Foi ela que partiu, mas isso não quer dizer que fui eu que a dispensei. Foi ela a primeira a se vestir e ir embora.)

Minha carona me olha com interesse.

— Tenho um retrato da minha filha na mochila, no banco de trás — digo, apontando onde procurar. Ela solta agilmente o cinto de segurança, acende a luz do teto e mergulha entre os dois assentos para fuçar minhas coisas. Seu quadril comprime o meu ombro, enquanto ela explora o bolso externo da mochila.

— Na carteira?

— Junto com o passaporte.

— É esta a sua namorada, sua ex?

— Não, é minha mãe.

Tinha me esquecido daquele retrato.

Minha mãe está em frente ao muro da casa, que é lilás, em meio a lírios alaranjados que batem em sua cintura. Sou eu que estou na foto com ela e, por mais curioso que possa parecer, foi meu irmão Jósef quem bateu o retrato. Eu tinha ajustado a distância focal e posicionado meu irmão no lugar adequado, riscando no cascalho uma linha que seus dedos dos pés não deviam ultrapassar e lhe mostrando três vezes como apertar o botão. Na quarta tentativa, deu certo e, nesse momento, mamãe e eu estávamos rindo. Sou uma cabeça mais alto que ela e passo meu braço ao redor de seus ombros. Ela veste um suéter roxo, saia e botas — mamãe nunca usava calça comprida na estufa ou no jardim.

Em contrapartida, usava quase sempre roupas de cores vistosas, às vezes com estampas curiosas, e tinha uma queda por todo tipo de tecidos gostosos de acariciar e os quais ela me fazia às vezes apalpar para sentir a diferença entre Dralon e musselina. Vez por outra levava peças de fazenda para casa e sentava à máquina de costura. No dia seguinte vestia uma jardineira nova no café da manhã. Engraçada essa história dos ombros; não me lembro de tê-la abraçado assim. Ela parece feliz.

Minha companheira de viagem vira-se de frente.

— Achei.

Tem nas mãos o passaporte, que contém todas as informações essenciais sobre a minha pessoa, o retrato de minha mãe e o de minha filhinha. Olho meio de lado a foto que ela sacode e retorno meu olhar para a estrada. É ela mesma, é Flóra Sól que está no retrato. Meus faróis iluminam os olhos vermelhos de um coelho. Não veria a menor graça em encontrar retalhos de carne incrustados nas estrias dos pneus quando parasse para encher o tanque. Já me pergunto se essa floresta tem fim.

— Uma gracinha — ela diz, ao fim de um momento, examinando o retrato após tê-lo voltado para a luz. — Mas não se parece muito com você.

— Estou sem o teste de paternidade. — Consigo me fazer compreender, consigo inclusive falar algo engraçado.

Ela ri.

— Sete meses, ouvi direito? Ela não tem muito cabelo para uma menina; para falar a verdade, é completamente careca...

Corrijo:

— Apenas sete meses — eu digo. É cansativo ter de explicar a mesma coisa a todo mundo, esse negócio do cabelo. A foto data de um mês atrás, a pequena só tinha seis quando foi tirada. Cabelo louro é assim, a gente não vê mesmo.

Faço uma última tentativa de explicar a essa infeliz que bebês louros geralmente quase não têm cabelo no primeiro ano. Como pude fazer a besteira de mencionar a pequena? O que deu em mim para mostrar o retrato?

— Passe de volta para cá — eu digo, tirando uma das mãos do volante para pegar a foto, que ela me estende sem uma palavra.

Dou um relance na minha filhinha, com seu sorriso franco revelando os dois dentes de baixo, antes de guardar o retrato no bolso da camisa, debaixo do suéter. Nada na criança denota que ela seja fruto de meia noite de amor.

Mesmo sem manter muito contato com a minha filha até o momento, presumo que terei de pensar nela no futuro, só preciso me acostumar. Amamos nossos filhos, sem isso seríamos uns desgraçados.

— Não teve um troço quando soube que ia ter um filho com uma desconhecida?

— Mais ou menos — respondo, sem me estender mais com a garota.

# Vinte e três

A futura mãe da minha filha me telefonou logo depois do réveillon marcando um encontro num café. Assim que sentei à mesa, ela me disse à queima-roupa que estava esperando um filho.

— Vamos ter um filho no próximo verão.

Foi realmente um golpe e a única coisa que me passou pela cabeça foi chamar o garçom e pedir um copo de leite. Ela tomou um chocolate quente. Considerei por um instante os farelos sobre a mesa, que ninguém limpara após a partida do freguês anterior.

— Costuma beber leite? — ela perguntou.

— Não, na verdade não.

Ela riu. Eu ri também. Fiquei contente por ela rir. Agora, quando tento rememorar tudo isso, lembro-me sobretudo de seu perfil, enquanto ela mexe a bebida quente em sua xícara. Ficamos calados por um momento, ela tomando seu chocolate e eu meu copo de leite. Era difícil para mim imaginar um filho na minha vida. Como ainda era invisível, ainda era irreal; havia também a possibilidade de ele simplesmente nunca vir ao mundo. Não nos conhecíamos muito e, embora eu já tivesse feito planos dos quais nem ela nem a criança faziam parte, ela me agradava muito. Em todo caso, não surgiu mais nenhuma outra oportunidade de darmos sequência à visita na estufa. Será que eu deveria lhe dizer que estava perplexo, que me arrependia de tê-la convidado para admirar os pés de tomate e pedir desculpas por nada ter feito para impedir a concepção do bebê? Isso a magoaria? Ou deveria lhe dizer que, gostando ou não, eu não fugiria das minhas responsabilidades para com a criança que crescia dentro dela?

— Para quando é? — perguntei.

— Provavelmente 7 de agosto.

Era o dia do aniversário da minha mãe. Julguei não ter muito a dizer. Talvez devesse perguntar a minha amiga, sentada à mesa diante de mim, qual era seu ponto de vista sobre a questão, como ela via o fato de ter um filho meu. Em vez disso, foi ela quem disse:

— Claro que não conto necessariamente com você.

Não gostei muito de ser dispensado assim de cara.

— Tudo bem, mas, para seu governo, me considero plenamente capaz de amar um filho — eu disse.

Ela deu um gole no chocolate e limpou o creme do lábio. Era magra feito um palito.

— Não quer comer alguma coisa? — perguntei, estendendo-lhe o cardápio. Consistia basicamente em sopas e sanduíches, mas meus olhos bateram no bagre, que lhe sugeri.

— Isso não vai parar no meu estômago — ela disse.

Naquele momento eu deveria ter pensado no tipo de mãe que meu filho teria, mas não conseguia me conectar ao filho daquela mulher, criar uma ponte entre mim e a criança. Não conseguia ver meus atos em perspectiva, relacionar causa a efeito, atinar que meu sêmen caíra em terra fértil e se aninhara na mulher que estava sentada à minha frente e mexia o chocolate quente na xícara.

Na realidade, a única coisa que me restava fazer era esperar que ela me telefonasse e convidasse para visitar o bebê. Difícil imaginar que a criança viesse a precisar de mim um dia, ou que a mãe me pedisse para ficar com ela enquanto ia ao cinema, possivelmente com o pai adotivo. Primeiro o bebê precisava nascer.

— Tenho que correr — disse a estudante de genética, enquanto subia o zíper de seu anoraque azul. — Fiquei de ir a uma conferência na faculdade, sobre as anomalias cromossômicas.

Terminei meu copo de leite e paguei a conta. Ela me estendeu a mão e eu lhe estendi a minha. Bastava vê-la correndo para atravessar a rua e pulando dentro do ônibus para perceber que era uma garota esperta: não havia razão alguma para sentir remorso.



# Vinte e quatro

— Não lhe deu vontade de conhecer melhor a futura mãe de seu bebê?

— Talvez, só que não aconteceu. De certa forma, um saiu da vida do outro.

— Não voltou a estar com ela antes do nascimento do bebê?

— Sim, uma vez — respondo.

Voltei a encontrar a mãe da minha filha no fim de abril, quando ela estava na fila do cachorro-quente. Atravessei a rua correndo e entrei na fila atrás dela. Só havia um homem entre nós. Como eu tinha sido o primeiro a vê-la, tive tempo de observá-la antes de cumprimentar. Ela usava o anoraque azul. Seus cabelos castanhos e cheios estavam presos num rabo de cavalo e ela tinha um grande cachecol enrolado duas vezes no pescoço, pois fazia frio naquela primavera. Agora saltava aos olhos que esperava um filho; a criança tornara-se uma realidade. Senti meu coração disparar e não pude me impedir de pensar que havia dois pulsando dentro de minha amiga de uma noite, mas, quando tentei rememorar nossa visita à estufa, só me vieram à mente as imagens das folhas sobre sua barriga quente.

Eu a ouvi pedindo um cachorro-quente com todos os condimentos, menos cebola crua, e pouca maionese, e ruminei então que a criança também teria um cachorro-quente com tudo, menos cebola crua, e que ela recebia alimento da mãe, embora seus olhos pudessem assemelhar-se aos meus. Esperei que o homem que nos separava fosse atendido antes de cumprimentá-la: encarei-a e disse olá.

— Olá.

Ela sorriu para mim, com o sanduíche na mão, aparentemente surpresa, um pouco tímida também. A mãe do meu filho e eu éramos dois indivíduos que trocavam cumprimentos na esquina. Perguntei-lhe como estava passando, mas ela tinha acabado de dar uma mordida no cachorro-quente e tive que

esperar que ela mastigasse e depois engolisse. Era falta de tato de minha parte desfechar-lhe uma pergunta justo no momento em que ela estava com a boca cheia, e ela mastigou velozmente enquanto eu a examinava. Então tirou um pouco de mostarda invisível do canto dos lábios. Tinha uma boca bonita. Falou que estar grávida era igual a ficar enjoada meses a fio. Eu a compreendia perfeitamente e ruminava minha responsabilidade. Eu mesmo me achava entre duas expedições de pesca. Ela acrescentou que o pior já passara e que em breve suas provas teriam início.

De tempos em tempos ela dava uma espiada em seu meio-sanduíche; estávamos um diante do outro e eu via a mostarda solidificar rapidamente. Enquanto ela ajeitava o cachecol roxo em volta do pescoço, passou-me o sanduíche, que peguei com a mão esquerda, segurando o meu na direita. Fiz o pequeno favor de segurar alguma coisa para ela, como se faz entre amigos. Ela não aparentava uma futura mãe; não havia nela nada de particularmente maternal, ela simplesmente parecia uma garota que tinha provas pela frente e muito que estudar.

Devolvi-lhe o sanduíche e foi sua vez de olhar para mim, de modo que, instintivamente, passei a mão no meu tufo de cabelos emaranhados — queria estar apresentável. Ignorava se ela costumava pensar em mim; sem dúvida devia se perguntar a quem o bebê puxaria — é dura a vida de ruivo.

— Já sabe o sexo do bebê?

— Não — ela respondeu —, mas meu palpite é que será menino.

Numa fração de segundo — como se um flash me espocasse na mente — me vi conduzindo pela mão um garotinho num conjunto de calça e casaco azuis. Eu acabava de pegar a criança na casa da mãe, ou seja, levava-a comigo; não conseguia preencher o lapso de tempo entre as duas coisas. É possível, todavia, que eu desse pão aos patos — o lago estava congelado e estávamos perto do espelho-d'água ainda líquido, onde os patos chapinhavam. Nessa visão, eu segurava o garotinho pela mão; não ia deixar a criança que me haviam confiado por meio período cair no brejo dos patos, ou algo do tipo. Por outro lado, julgava difícil imaginar uma cena tão distante da realidade. Ainda que não criasse o menino na companhia da mãe — e testei mentalmente o som das palavras *mãe de meu filho* —, eu de toda forma não era um canalha e queria lhe dizer que ela poderia contar comigo, que eu poderia levar o menino às aulas de educação física e que poderíamos ser amigos.

— Boa sorte nas provas — eu digo, no momento de nos despedir.

Só me restava esperar que Anna me telefonasse um dia me chamando para conhecer o bebê.

— Não me restava outra coisa senão esperar a criança nascer — digo à minha companheira de estrada, sem me estender mais nesse capítulo.

# Vinte e cinco

Hesitei quanto ao momento certo de contar ao meu pai sobre a criança que viria ao mundo no dia do aniversário de mamãe, no mês de agosto, e também sobre o que eu faria. Eu tinha vinte e dois anos e ainda morava na casa dos meus pais. Meu pai tinha cinquenta e quatro quando seus únicos filhos, gêmeos, nasceram: meu irmão Józef e eu. Por mais estranho que possa parecer, o que me deixava mais apreensivo era revelar o dia do nascimento. O que era e o que não era decente a respeito da concepção e do nascimento de uma criança? Eualaria durante o jantar, sem preâmbulos e de maneira descontraída, como se ter um filho com uma desconhecida fosse coisa trivial? Ou procederia de maneira mais formal, comunicando-lhe que tinha um assunto para tratar em particular, como se fôssemos mais de dois na casa, e então nos sentaríamos no sofá e desligaríamos o noticiário no rádio para marcar a importância desse acontecimento inelutável? Eu sentia como se fosse contar ao eletricista o enredo de um romance que ainda não lera, não havendo meio, portanto, de torná-lo interessante. Além disso, temia decepcioná-lo, ele poderia achar que eu viera finalmente lhe comunicar minha decisão de estudar biologia vegetal.

Quando pensei ter encontrado a hora certa de dar a notícia ao meu pai, minha amiga ligou dizendo que estava a caminho da maternidade, prestes a dar à luz. Falou que ia me esperar e julguei perceber uma espécie de tremor no timbre de sua voz, como se fosse desabar no choro. Eram dez e meia de uma noite de sexta-feira, 6 de agosto.

— Ela telefonou praticamente na hora do parto — digo à atriz.

Faz três horas que estamos na estrada e ainda não saímos da floresta. Vejo minha carona enfiar o braço na bolsa para pegar a lancheira vermelha.

Confesso ter ficado surpreso quando minha amiga ligou, pouco antes do nascimento da criança. Até ali ainda não me caíra a ficha de que o bebê

acabaria nascendo. Tomei uma chuveirada e passei a única camisa branca que tinha — era minha contribuição para o nascimento da criança, estar de camisa passada, como no Natal. Afora isso, eu não sabia o papel que Anna me reservava no nascimento do bebê. Minha impressão era de estar indo fazer uma prova para a qual não havia estudado direito. De repente meu pai apareceu, junto à tábua de passar, e eu falei a toda velocidade que estava prestes a ter um filho com a namorada de um amigo meu.

— Lembra-se de Thorlákur? — perguntei.

Sua reação me surpreendeu, ele pareceu contente, pegando o ferro com a intenção de terminar de passar a camisa.

— Nunca alimentei grandes esperanças de ter a alegria de ser avô — disse. — Sua mãe e eu achávamos que não era sua praia.

Não perguntei o que ele entendia por “minha praia” e deixei-o me ajudar a vestir a camisa como se eu fosse um garotinho a caminho de seu primeiro baile de Natal. Ele perguntou se eu queria uma gravata emprestada.

— Não, obrigado.

O momento lhe despertou recordações.

— Nas últimas semanas de gravidez, quando esperava vocês, sua mãe ocupava praticamente o espaço todo da pequena cozinha laranja, de maneira que eu evitava ir à cozinha quando ela estava lá. O apartamento não era grande e a gente esbarrava o tempo todo um no outro, impossível locomover-se ao lado dela. Eu tinha a impressão de estar sobrando, como se o apartamento não pudesse conter vocês dois e a mim.

# Vinte e seis

Após um breve instante, sinto necessidade de colocar mais cartas na mesa.

— Ajudei no parto — digo à atriz, sabendo perfeitamente que meus conhecimentos da língua não me permitem entrar em detalhes. É como se alguém falasse através de mim sobre minha vida privada com a garota.

Minha companheira está absolutamente fascinada.

— Sério?

Olha para mim com um misto de espanto e admiração. Pela cara, é a admiração que parece predominar.

Embora eu não tenha substituído a parteira ou algo assim, longe disso, eu efetivamente estava lá, in loco, quando minha filha nasceu. E não fiquei indiferente.

Uma claridade leitosa inundava o corredor. Eu não me sentia importuno, mas supérfluo, meu papel na vinda daquela criança ao mundo terminara nove meses antes. Anna vestira uma camisola branca de hospital, que se esticava sobre sua barriga dilatada, e meias brancas. Dava a impressão de estar distraída e angustiada, como se não dominasse completamente a situação.

A parteira me recebeu com simpatia e sorriu para Anna. Sabendo o que a esperava, tive muita pena dela. Agora eu já achava que tudo aquilo era culpa minha. A vontade era pedir desculpa e dizer que sentia muito, que nunca esperara que aquilo lhe caísse na cabeça. Em vez disso, fiz o que me mandaram, sentei comportadamente na cadeira a mim destinada ao lado da cama e dei um tapinha no dorso da mão da iminente mãe. Viam-se pela janela dois corvos pretos pousados no parapeito. As mulheres confabulavam num tom de voz aveludado, enquanto Anna, calada, estava deitada de lado, abraçando um travesseiro branco.

Eu não entendia por que a mãe do meu filho resolveu solicitar minha presença; a gente se conhecia tão pouco... Eu me sentia sobrando, mas

felizmente as coisas andaram depressa e não tive de presenciar por dias e noites a fio os sofrimentos de minha amiga. O parto foi normal e o bebê nasceu pouco depois da meia-noite, no sábado 7 de agosto, duas horas após minha chegada ao hospital. Era uma menina. Veio toda vermelha e gosmenta e chorou depois de uma fração de segundo, o tempo de encher de ar os pulmões, gesticulando com todos os seus membros. Em seguida, calou-se e observou calmamente à sua volta com seus olhos diamantinos vindos das entranhas da terra. De um azul profundo, estavam um pouco baços, como se ainda pertencessem a outro mundo.

— Como foi ajudar no parto? — pergunta minha companheira no carro.

— Surpreendente.

— O que o surpreendeu?

— A gente pensa na morte. Quando a gente tem um filho, sabe que vai morrer um dia.

— Cara esquisito — ela diz.

Por que ela diz isso? A menos que eu não tenha ouvido direito. Custa-me pensar mais de uma coisa ao mesmo tempo, é inclusive um milagre eu conseguir atrelar o sentido das palavras estrangeiras ao seu eventual significado. Minha carona, por sua vez, se exprime sem esforço, tal como respira. Não tenho coragem de perguntar o que ela quis dizer com *esquisito*. Prefiro retrucar:

— Esquisita é você.

Eu não sabia o que passava na cabeça de Anna, mas me surpreendeu um pouco o fato de o bebê ser menina. A parteira me mostrou como fazer para segurar o bebê escorregadio, formar um casulo em torno do corpo minúsculo, que tinha um cheirinho doce, lembrando caramelo de baunilha. Minha filha, por sua vez, mostrava-se compreensiva diante da falta de jeito do principiante. Inteiramente calma, me espiava com seus olhos grandes, alertas, enevoados. À primeira vista, não tinha cabelo, porém, depois que lavamos o cocuruto, uma penugem loura apareceu.

— Minha filha tinha um tufo de cabelo quando nasceu — digo à minha companheira, qual um advogado reabrindo um caso diante de novas provas.

Não fossem o cheiro e o contato daquele corpo tenro de bebê, eu teria achado tudo aquilo completamente irreal, como se estivesse assistindo a um filme. Esforçava-me para manifestar apoio à mãe da minha filha, dando-lhe

tapinhas no ombro. Seus olhos pareciam em brasa, como se ela tivesse tido uma experiência que eu jamais poderia compreender. A criança — eu titubeava nas palavras *minha filha* — era incrivelmente miúda e graciosa, uma boneca de porcelana. A parteira, que embrulhara o bebê num paninho, também disse que ela era uma graça, dirigindo as palavras sobretudo à mãe, depois me fitando perplexa, como se tentasse nos fazer coincidir, a criança e eu. Anna segurava o bebê nos braços e era como se pensasse em outra coisa, como se tivesse feito o dever de casa e quisesse dormir. Então, voltou-se para mim e disse:

— Ela é a sua cara.

E me passou a trouxa para confirmar que a criança não vinha de sua linhagem, sua contribuição pessoal tendo consistido basicamente em conceber minha filha saudável e em passar pelo inevitável processo de colocar a cria no mundo. Eram duas da manhã e eu me perguntava quando seria apropriado me despedir, pois admitia que Anna estivesse cansada. O bebê me olhava fixamente e minha vontade era ficar com ele no colo ainda por um tempo. Gostaria de dizer à mãe que ela podia repousar, dormir tranquilamente, que eu ainda ficaria um pouco com a criança, enfim, se ela não visse inconveniente nisso.

Enquanto eu treinava segurar o bebê, a mãe me observava de soslaio. Sua expressão denotava uma vontade de chorar ou de zarpar dali e me deixar sozinho com a criança. No fim, fui eu, não a mãe, quem começou a chorar. Ela olhou para mim com espanto, assim como a parteira e o enfermeiro de plantão.

Quando se tem um filho, sobretudo se for o primeiro, é normal transbordar de emoção, explicou a parteira. Foi assim que ela formulou a coisa, falando da emoção que transbordava das pessoas.

— Chorei — digo, sem hesitação, no carro. A estudante de arte dramática me olha com interesse. Ponto para mim, por cair na tentação de me vangloriar para ela.

Apesar de sermos exclusivamente, no sentido estrito, duas pessoas estranhas que tiveram um filho juntos, a parteira teimou para que eu passasse a noite na maternidade com a mãe e a criança. O quarto estava reservado para o pai também, suas necessidades eram levadas em conta, havendo um sofá-cama extra. O bebê dormia num berço transparente ao lado do leito da mãe. Esta não protestou, mas me olhou como se tentasse me situar em sua vida, como se o seu corpo se lembrasse de algo que ela buscava definir. Como a minha filha



mal tinha uma penugem na cabeça, julgaram por bem protegê-la com uma touquinha de dormir — me explicou a parteira.

— O resfriado em geral começa na cabeça — ela me disse. Foi inclusive quase se desculpando que ela cobriu minha filha com uma touquinha cor-de-rosa. Antes de encerrar o plantão, nos deu um folheto sobre os benefícios da previdência e da licença-maternidade.

Anna adormeceu assim que encostou a cabeça no travesseiro, o que era compreensível, já que havia posto no mundo uma criança inteirinha; estava esgotada e dolorida. Minha vontade era lhe dizer alguma coisa bonita, mas ela estava cansada demais para escutar. Deve realmente ser muito estranho acordar uma sexta-feira de manhã e correr para o hospital a fim de parir um filho. Também queria ser amável com ela de alguma forma, mas não sabia como agir.

Considereei uma espécie de sacrilégio, eu, homem adulto, dormir num leito da maternidade. Nunca havia dormido na mesma cama que Anna, tendo passado com ela apenas o tempo suficiente para conceber um filho. Eu teria achado grotesco circular de cueca, ou mesmo de pijama listrado azul — trajes em que a mãe de meu filho nunca me vira —, pela maternidade. Aquilo não era um quarto de hotel e não éramos amantes. Um homem adulto que ia ao banheiro e se esquecia de levantar a tampa do vaso nada tinha a fazer no universo delicado dos bebês e suas mães, em seu ninho macio.

Quando a parteira foi embora e Anna rendeu-se ao sono, puxei o berço de acrílico até o sofá-cama e me debrucei para observar a pequena. Eu estava a sós com ela. Ela estava acordada e também me observava. A encarnação de minha negligência contraceptiva estava me encarando.

— O bebê estava acordado e olhando para mim — digo à minha companheira no carro. Depois da floresta, que finalmente deixamos para trás, surgem campos amarelos de girassóis, imensas corbelhas de flores amarelas que se estendem a perder de vista. Começou a chover.

Debrucei-me um pouco mais para que a minha filha visse o pai e distinguisse as feições de seu rosto. Era um bebê incrivelmente bonito — naturalmente eu dispunha de poucas referências, embora tenha visto alguns outros recém-nascidos na ala. Para ser franco, assemelhavam-se a pequenos anciãos, com suas carnes arroxeadas, enrugados pelas preocupações e o fardo de uma vida recém-inaugurada. Minha filha — nossa filha — era diferente. Tampouco a julgava parecida comigo, ou com a mãe em especial; era de certa forma à parte, outra versão, não que eu cultivasse ideias preconcebidas sobre

seu aspecto, muito pelo contrário, havia praticamente descartado esse gênero de especulações. Examinei minuciosamente o bebê, sorvendo-o com os olhos.

Em seguida, levantei a manta e minha filha esticou as pernas, retesando os dedinhos do pé; contemplei um pezinho incrivelmente pequeno. Havia um brilho em volta da criança; eu me perguntava se podia ser o reflexo do tecido da manta.

— Bem-vinda — sussurrei, colocando meu mindinho na palma de sua mão. Não mudei de roupa e, em parte porque não sabia quando voltaria a vê-la, passei a noite inteira a observá-la. A mãe da minha pequena e eu não éramos um casal e eu tampouco tinha certeza de vir a encontrá-la com alguma frequência, embora certamente estivesse convidado a visitar a filhinha que tínhamos juntos.

Esgotada e com a boca entreaberta, Anna dormiu o sono dos justos. Certifiquei-me diversas vezes de que tudo corria bem, mas não queria me aproveitar da situação para observá-la em detalhes. Assim mesmo ajeitei seu cobertor, espalhei-o melhor sobre ela, depois alisei o edredom minúsculo de nossa filha. Dessa forma, preparei tudo para a noite. Minha mãe dobrava igualzinho meu edredom, quando arrumava a cama para eu dormir. Era a última coisa que me ficava na cabeça antes de dormir no escuro: mamãe alisando o edredom na penumbra, depois indo dar um jeito na cozinha, fechar as janelas, apagar a luz e encerrar o dia. Foi então que me dei conta de que não sabia nada sobre a família de Anna, de que nunca lhe fizera perguntas sobre o avô e a avó da pequena. Impossível, em todo caso, ir até o leito onde ela dormia, pálida, faces róseas e lábios úmidos, debruçar-me sobre ela, apertar-lhe levemente o ombro e perguntar:

— Quem são seus pais, Anna?

A estudante de arte dramática parece ora divertida e irrequieta em seu assento, ora grave e tensa, sem saber se vou conseguir formar novas frases de cinco palavras.

— Era um recém-nascido que me olhava — repito a ela.

Em seguida, me debrucei completamente sobre o bebê e o levantei delicadamente, como uma pluma, em sua camisa de pagão em tecido acolchoado. Recostei-me suavemente sobre o travesseiro do sofá, com a criança nos braços. Instalei-a sobre a minha barriga o melhor que pude, cobrindo-a com o edredom. Suas pernas estavam dobradas em posição fetal e puxei delicadamente o tornozelo de um pé, depois o outro, e minha filha esticou

voluntariamente uma perna, que senti na altura do meu umbigo. Apesar dos meus esforços para não respirar muito forte, a pequena subia e descia como num colchão de ar estufado. Acariciei levemente suas costas até que ela dormisse, tomando o máximo de cuidado para eu próprio não cair no sono.

# Vinte e sete

O recentíssimo avô perguntou se convinha pegar Jósef no centro social para conhecer o bebê. Botei as coisas em pratos limpos, a saber, que minha amiga e eu não nos conhecíamos muito bem e que eu ainda não a iniciara nos assuntos da família; não mencionara meu irmão que comemora o aniversário no mesmo dia que eu, não falara do que me ligava a mamãe. Não éramos íntimos, a despeito da relação íntima.

— Não formamos um casal, pai — eu disse.

— Nem por isso deve se furtar à sua responsabilidade, Lobbi! Sua mãe não ia gostar.

Julgou por bem evocar a própria experiência, quando nasceram seus únicos filhos.

— Os médicos não souberam imediatamente o que Jósef tinha e, como ele nascera fraco, puseram-no na incubadora. Como você era o irmão gêmeo, passou as primeiras vinte e quatro horas na incubadora com ele. Quando me debrucei sobre vocês dois, vi que você lhe dava a mão; você só tinha vinte e quatro horas e já começara a cuidar dele.

Ele não queria dizer apenas que nos viu de mãos dadas, mas que eu cuidava do meu irmãozinho duas horas mais novo que eu, que havia alguma coisa de errado com ele. Coloria as recordações com seu olhar retrospectivo.

— Era você que segurava a mão dele. Seu irmão dormiu praticamente o tempo todo no primeiro ano. Ao passo que você estava acordado e observava o mundo.

É assim que ele nos apresenta, os dois irmãos, por oposição.

— Você começou a andar com dez meses, enquanto Jósef continuava dormindo. Sua mãe passava grande parte do tempo com você. Eu ficava mais com seu irmão. Dividíamos as tarefas. Sua mãe e você conversavam muito, enquanto Jósef e eu nos calávamos. Funcionava muito bem assim.

E então o eletricitista quis ir comprar um carrinho de bebê e uma roupinha para a neta, bem como calças e diversas outras coisas de que um bebê precisa. Foi minha mãe quem, mais uma vez, teve a última palavra.

— Sua mãe não teria feito diferente.

Insistiu muito para que eu comprasse três itens de tudo: três camisas de pagão em tecido acolchoado abotoadas no ombro, três pares de meias, três pijamas com diferentes estampas, elefantes, girafas e ursinhos. Queria também que eu comprasse um carrinho de bebê e uma malha impermeável. Então sacou a carteira.

— Sua mãe não teria feito diferente.

— Ela é igualzinha a você quando tinha essa idade — disse meu pai ao ver a netinha pela primeira vez. Eu achava que só as avós diziam coisas assim.

— Quando eu tinha vinte e quatro horas? Você se lembra da minha cara com um dia e uma noite de idade? — questionei o avô de primeira viagem.

— Ela é o retrato de sua falecida mãe — afirmou. Como se mamãe e eu fôssemos a mesma coisa.

Ele torcia para que a garotinha fosse batizada com o nome da minha mãe; vi sua expressão quando ele examinou a criança: procurava minha mãe.

— Não cabe a mim decidir o nome, pai — eu disse. — Seria diferente se morássemos juntos. Além disso, ela se chama Anna, como a mamãe. Para ela, seria o mesmo que batizar a menina com o próprio nome.

Ele não compreendeu esse ponto de vista.

— O nome da minha filha é Flóra Sól — digo à estudante de arte dramática.

— Bacana — ela diz. Em seguida, ficamos em silêncio. Não falta muito para chegar.

# Vinte e oito

A paisagem muda, surgem à nossa frente morros arredondados e, ao longe, montanhas. Os campos de girassóis ficam para trás, acabamos de entrar novamente numa floresta densa. A estrada está molhada, concentro-me na direção. Permanecemos ambos calados. Um pouco adiante vemos luzes azuis piscando, reduzo para primeira e me aproximo dos cones de plástico fluorescentes alinhados no meio da pista. Um policial de colete fosforescente gotejante se posta diante da viatura; me faz sinal para desviar para o acostamento de cascalho a fim de ultrapassar um veículo ao qual falta toda a parte da frente, como se tivesse sido literalmente cortado ao meio. Há uma poça de óleo na pista. Passo pelo local do acidente bem devagarinho; toda a frente do carro desapareceu, como se a floresta a houvesse engolido. Outro agente de colete fosforescente está na beira da estrada. Vejo-o recolher uma perna na pista; é uma perna de homem, com meia preta e sapato. Com uma das mãos o policial segura a perna bem rente ao meu carro e com a outra faz sinal para eu avançar. No momento de passar pelo semicarro, entrevejo metades de corpos ainda sentados e eretos, são um homem e uma mulher idosos, bem-vestidos, elegantes até. Estão ali, sentados, empertigados, lado a lado, como um casal que passou décadas sentado à mesa do jantar. Não há sangue, os rostos lívidos estão intactos, semelhantes aos dos bonecos num museu de cera. O que mais me impressiona é o fato de eu não experimentar nenhum sentimento de horror, ao passo que estou longe de ser insensível. Em vez disso, bastante sereno, tento me imaginar vivendo as vidas do casal na estrada, como se tivesse um grave problema a resolver, mas, independentemente da maneira como abordo o enigma, não me vejo sentado ao lado da mesma mulher durante dezenas de anos a fio, nem no carro nem à mesa de jantar.

E se me acontecesse ter o mesmo destino na mesma estrada? Digamos que eu me esborrachasse contra uma árvore e destroçasse o carro; o para-brisa estilhaçaria sobre a atriz e sobre mim e morreríamos juntos, um ao lado do outro. O que pensaria Anna, a mãe da minha filha, ao receber a notícia? Talvez encontrassem uma bobagem qualquer na floresta, a cena final, encharcada, da *Casa de bonecas*; os socorristas sempre esquecem alguma coisa. Ou então, o que seria igualmente verossímil, alguém colocaria o texto dentro do meu saco plástico e meu pai receberia aqueles papéis misteriosos, incompreensíveis para ele.

Olho para a garota. Ela está sentada, com as mãos nos joelhos, os olhos abaixados, marejados de lágrimas.

— Tudo bem, tudo bem — eu digo, tocando-lhe o ombro.

— Tudo bem — digo novamente, acariciando-lhe a face.

Agora que os dois fomos testemunhas de um acidente fatal, podemos dizer que passamos a carregar uma experiência em comum na vida. Sem contar o fato de ter compartilhado com ela a experiência do nascimento de um filho. Tudo bem considerado, nosso convívio, ao longo das últimas seis horas, lado a lado dentro do carro, cobre os dois acontecimentos mais importantes da trajetória do homem: nascimento e morte, o princípio e o fim. Se ela me perguntasse sem rodeios, na última centena de quilômetros da viagem, se eu queria transar com ela, eu não diria não.

Quando bifurco novamente para a autoestrada, ultrapasso um caminhão parado que se enganou de hora e lugar ao pegar o caminho da floresta — talvez o motorista procurasse no rádio uma estação de música clássica. No retrovisor, ainda vejo o brilho azul das sirenes dos carros de polícia sob a chuva.

Não demora muito e sou obrigado a parar mais uma vez na beira da estrada, numa clareira da floresta, desta vez para vomitar o sanduíche de salame que comi mais cedo. Não me sinto muito bem e, se não tivessem acabado de me operar, diria tratar-se de uma nova crise de apendicite.

Desligo o motor e saímos do carro. Estou de camisa branca, sinto frio. Ouvimos grilos, todo tipo de insetos, a fragrância da mata é intensificada pela garoa.

— Pronto — ela diz —, já passou.

Julgo de bom-tom me afastar uns dez metros do carro para regurgitar o sanduíche. É mais ou menos a essa distância que empurravam os membros da

Resistência fora do caminhão antes de executá-los.

— Pronto — ela repete, alisando a manga da minha camisa, quando termino de vomitar. Em seguida, me pega pela mão e me arrasta para dentro da floresta. — Vamos respirar um pouco até você se recuperar.

Ela parece conhecer o terreno; talvez tenha vindo aqui com o pai, o dono do restaurante, abater um cervo. Estou arrepiado, pois visto roupas leves, como um homem saindo de um concerto em sua bela camisa social para ir à floresta. Abrimos caminhos através da mata abaixando galhos empapados de seiva viscosa e terminamos sentados no tronco de um carvalho que deve ter mil anos de idade. Basta levantar um pouco a casca para que a vida reine ali embaixo, uma sociedade inteira de formigas operárias.

— Sempre teve esse nome? — ela pergunta.

— Como assim, por acaso você muda de nome à medida que envelhece?

Ela ri. Rio junto com ela.

Recolho três pinhões e os coloco no bolso, em seguida removo do ombro da atriz uma folha verde-clara com veias aparentes, bem como alguns fiapos de capim, antes de voltarmos para o carro.



# Vinte e nove

Quando chego ao destino com a garota, ela pousa a mão no meu ombro e me orienta a entrar na cidade que eu pretendia contornar. Conta que, além da escola de arte dramática, há uma escola de palhaços e a sede de uma célebre escola de circo e também que ali se faz um queijo azul famoso. Viro cinco vezes à direita antes de chegar à casa onde ela mora, a dois passos do centro histórico da cidade.

— É ali — ela diz, começando a se agitar. — Chegamos.

Chove fino e tenho a curiosa impressão de estar terminando um noivado, embora seguramente eu não tenha nenhuma experiência de primeira mão no assunto. Ela se mexe um pouco no assento, a mão ainda pousada no meu ombro.

— Está com pressa? — ela pergunta. — Precisa chegar ao seu destino numa data específica?

— Até que não, mas ainda tenho muito chão pela frente — digo, para tornar minha resposta mais convincente.

Fico alerta para a eventualidade de qualquer iniciativa imprevista; mulheres quase sempre têm algum desígnio e, antes que possamos nos dar conta, já planejaram parcialmente sua execução.

— Não, eu só ia sugerir que passasse a noite aqui — ela diz. — Alugo o apartamento com duas garotas da escola, mas tem espaço para você também.

Rumino para saber se pode haver algum risco oculto em aceitar o convite, ou mesmo se isso não poderia afetar meus planos. Aqueles que conseguem entrar por um curto instante na sua vida podem ter mais importância do que os que participam dela há anos; a experiência me ensinou que o acaso pode ser traiçoeiro e cheio de consequências.

— Sério — ela diz, arrumando uma mecha de cabelo sob o arco. — A propósito, será uma noite escura.

— Aceito, obrigado — eu digo, decidindo compartilhar o apartamento das três atrizes. De toda forma, já terei partido quando elas acordarem.

— Só um detalhe — ela diz. — Minhas colegas de apartamento são vegetarianas, espero que tudo bem pra você. Esta noite, por exemplo, é quase certo termos lasanha de espinafre no jantar.

Antes de sair do carro, pergunta subitamente:

— Como se chama mesmo a planta que é igual a um colchonete de ginástica?

# Trinta

Ao me levantar, tomo o máximo de cuidado para não acordar as atrizes. Elas não têm aula na parte da manhã. Antes de ir, dobro o lençol e o cobertor, que deixo sobre o colchão no assoalho, ao pé do pôster de uma estrela de cinema num vestido preto colado ao corpo, olhos de amêndoa semicerrados, cílios como asas de borboleta e cabeleira negra cacheada. Escrevo então algumas linhas agradecendo às três locatárias a noite agradável e a lasanha de espinafre e encaixo o bilhete entre os copos sujos na mesa da cozinha. Pode-se dizer que desde o início da viagem desfrutei da companhia de diversas pessoas que o acaso colocou no meu caminho no âmago da floresta úmida. Acabou de raiar o dia quando abro o porta-malas para tirar de lá uma das duas rosas estrangeiras, a com os três botões rosados, e volto para deixá-la no centro da mesa da cozinha, junto à minha carta de despedida. Um caos impressionante reina na vida dessas três atrizes; uma gata não encontraria sua ninhada entre as pilhas de pratos e recipientes sujos. Termino por colocar os pratos e copos na pia e, para valorizar a rosa, limpo a mesa e arrumo um pouco.

Embora de tempos em tempos eu volte a pensar na estrela de cinema, enquanto o Opel se arrasta até o topo da estrada montanhosa antes de descer na planície, sinto prazer em estar sozinho, pois a presença física de uma garota pode virar tudo de ponta-cabeça. Talvez eu não pense continuamente em sexo, mas, quando estou sozinho, me esforço em tentar apreender o laço que existe entre meu corpo e eu mesmo e entre meu corpo e o dos outros. Quando paro novamente para me debruçar sobre o mapa, tiro as mudas do porta-malas e as acomodo no assoalho do carro, ao meu lado. Elas sobreviveram à viagem de avião, à temporada no hospital em frascos de plástico higienizados, às condições de transporte rudimentares no porta-malas e no banco traseiro do carro, numa distância que em breve ultrapassará os dois mil quilômetros.

Como meu pai está sempre preocupado comigo, telefono para ele de uma cabine num posto de gasolina do outro lado da fronteira. Depois de me perguntar pelo tempo e pelas condições da estrada, ele diz que sete ciclones atingiram o país em sete dias. Conta então que a sopa de halibute foi um sucesso e que agora está pensando em fabricar linguiça de cordeiro.

— Como sua mãe fazia.

— A temporada da linguiça só começa daqui a seis meses.

— Eu queria antecipar para você. Acho que devemos honrar os hábitos de sua mãe. Nem que seja por Jósef.

Ocorre-me que Jósef nunca participou do preparo da linguiça. Em contrapartida, mamãe permitia que eu costurasse os tubos desde os nove anos de idade.

— Curioso, esse afã de renovar tudo — diz em seguida.

— Hein?

— Thórarinn, filho de Bogga, já trocou tudo várias vezes no apartamento deles. Assim que uma coisa completa dois anos, cismam de substituí-la. Essa mania de renovação está longe de ser normal. Tudo deve estar impecável. É como se, trocando encanamentos e instalações elétricas, o homem julgasse escapar à morte — diz o electricista, que continua com os armários de cozinha azul-claros que ele mesmo fabricou quando mamãe e ele se mudaram para a casa.

— Não está curto de dinheiro, Lobbi?

— Não, não, não preciso de nada.

— E não se sentiu muito sozinho durante a viagem?

— Não, não.

— E as pessoas são atenciosas?

— Sim, sim, são atenciosas.

E é verdade. As pessoas são incrivelmente atenciosas. Inclino-me a crer que o homem no geral é, por natureza, bom e honesto quando as circunstâncias permitem, e que as pessoas geralmente se esforçam no sentido de fazer o melhor possível. Se a pessoa a quem pergunto o caminho nunca ouviu falar do lugar e não conhece a estrada, nem por isso deixa de me guiar. No pior dos casos, fruto do excesso de cortesia, isso pode significar algumas horas extras pelas montanhas. Nem por isso o Opel e eu deixamos de atravessar três fronteiras sem contratempos desde que deixei a garota. Comi quando senti fome diversas espécies de patês e chocolates e dormi três noites em lençóis

limpos em três países diferentes. Por estar sozinho, tenho de parar várias vezes para consultar o mapa. Pena que ele não fornece nenhuma indicação a respeito da altitude das estradas, só as distâncias, pois convém não sofrer de vertigem para percorrer os últimos cinquenta quilômetros de uma sinuosa estrada de montanha. As curvas são muito fechadas e dou graças a Deus pela neblina que não me permite ver o fundo do vale. A bem da verdade, havia outra estrada no vale, detalhe de que só me dou conta depois. Não há muito tráfego; nos últimos quilômetros, cruço com um único carro, branco.

# Trinta e um

A aldeia situa-se numa encosta rochosa e em seu topo avisto imediatamente o mosteiro. Parece inverossímil existir lá em cima um jardim que consta de todos os manuais consagrados ao cultivo de rosas desde a Idade Média.

Uma faixa de neblina amarela divide a construção ao meio, dando a crer que ela se libertou de suas bases terrenas. As ruas, tão estreitas que só vemos riscas de céu ao olhar para o alto, são praticamente na vertical, o que faz com que eu abandone o carro. Pego minha mochila e a caixa de papelão com as roseiras para encarar a subida. Ainda bem que minha bagagem é leve. O colorido das casas é extraordinário; bastam alguns metros para eu descobrir que é aqui a terra prometida das cores do meu irmão Jósef: a camisa cor-de-rosa, a gravata verde-hortelã, o suéter roxo, o avelã do colete de losangos se oferecem sucessivamente aos meus olhos ao longo das fachadas. Hortênsias e dalias em vasos de barro decorados escalonam o caminho até o topo. Bem no cume fica a única rua que não é em ladeira. Ao seu fundo, impera a igreja de pedra, emoldurada por uma luz azul; ao lado, funciona o albergue do mosteiro, onde devo me apresentar.

É fácil orientar-se e ter uma noção do conjunto, pois o lugarejo parece comportar apenas um exemplar de cada elemento: um albergue, um restaurante, uma barbearia, uma agência de correio, uma padaria, um açougue e um mendigo. A exceção são as igrejas que surgem a cada esquina, às vezes duas ou três ao mesmo tempo. Em nenhum lugar vi tantas igrejas em tão exígua superfície. Tudo tem mil anos, menos as pessoas. Carrego nos braços a caixa de papelão com as plantas e noto que os moradores me observam furtivamente. No fim de vinte minutos de caminhada, já estou no ponto culminante da aldeia e não me admiraria ter visto metade de seus moradores. Sinto o cheiro dos molhos refogando nas panelas. Muita gente termina suas compras, alguns carregando talos volumosos de alho-poró e aipo. Palavras

incompreensíveis abatem-se sobre mim, mas tenho um livro na mochila que deve me quebrar o galho num dialeto praticamente em vias de extinção. Classifico sumariamente as poucas mulheres que surgem no caminho. São de todas as idades. Antes que eu me dê conta, um cálculo de probabilidades alinha seus algarismos diante de mim na fachada roxa da pensão. Partindo da regra segundo a qual a humanidade se divide em dois sexos, é lícito presumir que, dos setecentos habitantes, trezentos e cinquenta são mulheres, trinta das quais provavelmente na minha faixa etária, cinco anos a menos ou a mais.

O abade do mosteiro, frei Tomás, me recebe à porta, num suéter de lã cinza com torçais e gola em V. Diz que aguardava a minha chegada, que limpavam o quarto a mim destinado e que a cama está feita. Já eu uso o suéter azul que minha mãe tricou. Tem torçais idênticos — eu poderia comentar, mas julgo despropositado nesse primeiro estágio de nosso relacionamento. Em vez disso, ele pergunta que língua prefiro falar e me oferece uma seleção para que eu escolha, o que me deixa um tanto desconcertado.

— Antes eu estudava linguística — diz —, línguas são a minha paixão.

Atrevo-me a perguntar quantas fala. Ele declara falar bem dezenove e razoavelmente quinze outras, além de pescar uma coisa ou outra de muitas mais.

— Pelo parentesco — ele diz. — Quando passamos das onze, não é complicado acrescentar mais uma.

Em contrapartida, eles não recebem muitas visitas nesta época do ano, e minha carta e o interesse que demonstro pelo jardim os surpreenderam.

— Os visitantes vêm mais para ver os manuscritos — diz, indo buscar uma garrafa contendo um líquido amarelo num armário envidraçado da entrada, para servir dois copos. — De maneira que temos apenas dois quartos com calefação, você ficará num deles e eu no outro. Você pode comer no mosteiro enquanto estiver trabalhando no jardim; há sopa ao meio-dia e uma refeição no restaurante aqui ao lado à noite. Temos uma conta lá. Se começar na segunda-feira, o cardápio é sopa de aipo. Suponho que deseje conhecer a vila amanhã. Temos aqui uma interessante igreja de pedra com quadros antigos e um belo vitral no coro.

Ele me estende um dos copos. Sinto calafrios depois da viagem.

— Seja bem-vindo. Como eu dizia, seu interesse pelo jardim nos surpreendeu. Consegue-se plantar alguma coisa no seu país? Afinal, rosas brotam na pedra? Como escrevi na carta, o jardim conheceu dias melhores.

Mas se acha possível reformar ou mesmo restaurar parcialmente o roseiral, como sugeriu, não vamos nos opor.

Frei Tomás examina a caixa com as mudas, que acomodei com precaução.

— Frei Matias está cuidando um pouco do jardim, você pode substituí-lo. Ele já está farto de platibandas e me comunicou seu desejo de trabalhar nos arquivos, como os demais. Há um grande volume de manuscritos esperando catalogação.

Frei Tomás me passa a chave do quarto oito e me precede na escada.

— Estou no quarto ao lado, no sete. Você é meu convidado para um cálice de vodca com limão depois que houver se instalado.



# Trinta e dois

Estou plenamente satisfeito com meu quarto; as paredes são roxas, há uma cama, uma mesa, uma cadeira, uma pia e um armário com quatro cabides, nos quais penduro desde já meus dois suéteres e minhas duas calças. Coloco camisetas, cuecas e meias na prateleira e termino a arrumação das minhas coisas, prevendo uma estada duradoura. Após dispor minhas plantas no parapeito da janela, saio para bater à porta do quarto número sete. O espetáculo que se oferece aos meus olhos, quando frei Tomás abre a porta, me enche de surpresa, é o mínimo que posso dizer. Todas as paredes acham-se literalmente cobertas até o teto por prateleiras abarrotadas de fitas de vídeo. Há uma velha tevê no meio do quarto e duas cadeiras diante dela. Há também uma escrivaninha sobre a qual se erguem duas torres de vídeos alinhadas com esmero, um livro grosso que pode ser a Bíblia, além de alguns outros livros e um porta-canetas.

Ele nota que meus olhos não se desgrudam das fitas de vídeo.

— Adivinhou certo, sou um cinéfilo, embora quase nunca vá ao cinema. Pessoas que conheço, no mundo inteiro, sabem da minha fraqueza e há anos me enviam grandes filmes. No momento, são mais de dois mil. Há filmes dos quatro cantos do mundo, em diversas línguas. Para ser franco, menos filmes de Hollywood. Os heróis de guerra e o sensacionalismo barato me fazem bocejar — diz frei Tomás, empurrando uma cadeira na minha direção e me convidando a sentar.

Desculpa-se então, declarando-se até capaz de compreender um texto simples em minha língua-mãe, embora careça de prática para falá-la com fluência. Provavelmente só viu um filme do meu país.

— Mas era bonito — comenta. — Insólito, eu diria. Relva verdejante. Vastos céus. Uma bela morte.

Tudo indica que frei Tomás vê os filmes na versão original, sem legendas.

— É um excelente exercício — ele diz. — Aliás, meus livros ficam no mosteiro; tenho um quarto lá também. Aqui, disponho de tempo para assistir aos meus filmes. Há os que se afeiçoam a um gato, eu assisto aos meus filmes.

Frei Tomás se levanta, me dá um tapinha no ombro e vai pegar a garrafa de vodca com limão para encher os cálices.

— Venha sempre que desejar, sempre que quiser assistir a algum filme. Costumo ver um por noite; esta semana, programei alguns diretores esquecidos.

Pega um vídeo na mesa e o agita:

— O que é especial nesse cineasta é a sua profunda simpatia por pessoas infelizes.

# Trinta e três

O restaurante onde abro uma conta para jantar fica ao lado do albergue — aqui tudo fica ao lado de outra coisa. A mulher sabe quem eu sou, frei Tomás avisou-a de minha chegada. É uma sala pequena, com quatro mesas forradas com toalhas. O aroma é bastante peculiar, agri-doce, como se emanando de mariscos e água de rosas. A mulher me recebe da cozinha, envolta numa nuvem de fritura e tendo nas mãos uma escumadeira pingando gordura, que ela usa para apontar meu lugar numa mesinha do canto. Posso vê-la na cozinha, em pé diante do fogão, deixando deslizar lentamente o peixe no óleo fervente. Ato contínuo, retira os frutos do mar, anéis de lula crocantes e dourados, e os empilha no meu prato; fatia um limão com um facão bem afiado e o arruma com graça no prato que me serve. A mulher cheira a água de rosas através da fritura. Em seguida, deixa na mesa um pudim de creme, que ela cobre com uma calda quente despejada de uma jarra.

Após a refeição, saio para uma volta de reconhecimento no vilarejo. Embora já comece a escurecer, ainda assim percorro duas vezes a rua principal nos dois sentidos e não demoro a cruzar com as mesmas pessoas. Há um burburinho na rua, é como se todos os moradores andassem de um lado para o outro depois do jantar, subindo e descendo incansavelmente a rua principal. A língua me é totalmente estranha, não compreendo absolutamente nada, é como se as palavras entrassem por um ouvido e saíssem pelo outro.

Minha percepção dos passantes como simples corpos me atordoa e, se isso não mudar, pode ficar difícil conseguir estabelecer relações normais com as pessoas e aprender seu idioma, como é minha intenção. De toda forma, tomo o maior cuidado para não esbarrar em ninguém, pois não saberia pedir desculpas nessa nova língua. Minha mãe, aliás, era assim, muito preocupada com o contato físico, sempre me segurava em algum lugar quando conversávamos. Eu não parava quieto quando criança, era muito agitado.

— Parece que está ligado na tomada — ela teria dito.

Não creio exagerar ao dizer que, em minhas quatro idas e vindas ao longo da rua principal, fiz contato visual com oito mulheres, uma ou duas com quem poderia me deitar se surgisse a oportunidade. No entanto, esses meus pensamentos assemelham-se a um raio abortado, como rojões molhados que não chegam a estourar.

Na praça em frente à igreja de pedra, a dois passos do albergue, há uma cabine telefônica. Ocorre-me verificar se funciona e ligar para o meu pai para dizer que estou são e salvo.

Conversa difícil. Mal tenho tempo de falar alô e ele já se preocupa com o custo da ligação e começa a se despedir.

— Está tudo bem, Lobbi?

— Sim, sim, tudo tranquilo, só para dar sinal de vida.

Ele não se satisfaz.

— Não gostou da cidade?

— Sim, sim, é boa, um pouco isolada, mas arranjei um quarto.

— É um quarto seguro, Lobbi?

Me intriga por um momento o que meu pai quer dizer com “quarto seguro”, se fica numa casa solidamente construída, com um cadeado seguro, algo assim? Se resiste a um eventual terremoto? Ele mesmo formula a pergunta de outra forma:

— Podemos confiar no proprietário? Não é do tipo que passa a perna num jovem estrangeiro que suou para ganhar o dinheirinho da viagem enfrentando as vagas do oceano?

— Não, não, está tudo certo. Estou hospedado num albergue que pertence ao mosteiro e tenho teto e cobertor. O abade mora no quarto ao lado.

— É um homem confiável?

— É, sim, pai, totalmente confiável. Gosta muito de cinema e fala todas as línguas do mundo.

— Então não está com saudade?

— Não, nenhuma. Mas, claro, cheguei só há três horas.

— Ainda não foi à falência?

— Não, não, tenho tudo de que preciso.

— Não se esqueça da herança de sua mãe.

— Sim, eu sei.

— Fiz uma visitinha, outro dia, à mãe e à bebê.

— S3rio?

— Tem alguma obje33o ao fato de eu dar um al33 à minha neta?

— N3o, de jeito nenhum.

Verdade que isso me irrita um pouco, mas n3o posso dizer que sou contra.

— 33 uma gracinha a pequena, uma c3pia perfeita de sua falecida m3e.

Nasceu no mesmo dia.

Ele n3o menciona o dia da morte.

— O cabelo louro, na fam3lia, vem de longe. Sua m3e dizia que seu bisav3o foi lour3ssimo, com cachos dourados. Ele os conservou por muito tempo. Davam-lhe um ar infantil, combinando com suas fei33es delicadas, mesmo ele j3 maduro. Por isso 33 que as mulheres n3o o cortejavam muito, s3 quando ele ficou mais velho.

— Minha filha ent3o puxou a linhagem paterna?

— Sim, 33 o que eu acho.

J3 deitado na cama, entre len333s limpos, com um livro na l3ngua que falam à minha volta, sinto-me terrivelmente s3. Para falar a verdade, n3o sei o que deu em mim para vir para c3, para esse buraco perdido. Ajeito o travesseiro e me estico de maneira a poder olhar pela janela na noite escura. Ou muito me engano, ou 33 lua cheia. Inspeciono melhor o firmamento; n3o resta qualquer d3vida, 33 uma lua gigante e muito, muito pr3xima. Quanto às estrelas do meu pa3s natal, sumiram do mapa, n3o brilham em parte alguma; em seu lugar, veem-se astros hostis, uma configura33o estelar desconhecida, um esquema novo, indecifrável, impresso na negra ab3bada celeste.

Parece-me ent3o ouvir distintamente um barulho estranho bem na cabeceira da cama, um barulho de motor de barco, vozes abafadas, um sil3ncio, depois novamente pessoas falando a toda velocidade e ao mesmo tempo; uma bela m3sica vem em seguida. Sento-me para tentar localizar o som e tenho praticamente certeza de que vem do quarto ao lado. Presto aten33o sem identificar a l3ngua, parece chin3s. Est3 explicado, 33 frei Tom3s assistindo a um filme de vanguarda em seu quarto.

# Trinta e quatro

Devo ter mergulhado no sono bem cedo, pois são seis horas e estou totalmente desperto. Badaladas sonoras chamam para a primeira missa da manhã e posso ver o sino secular do lado de fora da janela. O albergue, que aparentava ser sossegado, fica bem em frente à nave principal da igreja. Visto jeans e suéter; já que acordei, melhor aproveitar para sair. Cubro a cabeça com o capuz e saio na alvorada púrpura. Não há vitalma na rua; o café ainda não abriu. Uma curiosa cerração rubro-anil estaciona no vilarejo. Vou em direção ao barulho que sai do prédio contíguo ao albergue. A porta da igreja não é muito diferente das outras entradas das casas da rua, e, pela fachada, não tenho como saber o que há em seu interior. Pensando em retrospecto, havia sem dúvida um mendigo de cócoras aqui ontem à noite. Dei-lhe ou não uma moeda? Gastei a moeda na cabine para telefonar para o meu pai ou passei-a ao mendigo? Eis o que me parece agora da mais alta relevância. Olho em volta, ninguém. Esgueiro-me por uma porta à qual sucede um labirinto de corredores que me leva a outra porta. Abro-a e me vejo bruscamente chegar, por uma passagem lateral, à grande igreja de pedra, onde me acolhe o cheiro frio e úmido da rocha e, à minha frente, abre-se um espaço incomensurável, uma vasta abóbada de luz colorida. Fico sem ar e tiro o capuz. É como penetrar pela boca estreita de uma caverna e ver descortinar-se um palácio de estalactites e cristal de rocha. Do lusco-fusco matinal da rua passo diretamente ao resplandecer da igreja, onde tem início uma missa; o sol abre caminho até o coro e o ilumina com todos os seus dourados. Frei Tomás me vê. Acompanham-no onze monges de batina branca. No alto, acima do altar, um Cristo agonizante está pregado numa cruz escura; as paredes são cobertas de pinturas multicoloridas. Circulo para ver o conjunto e, embora não consiga identificar tudo que as imagens representam, reconheço alguns santos. Paro um instante diante de são José e me desloco em seguida para um quadro representando Maria num trono com o menino Jesus. O que

prende minha atenção é que o menino tem cabelos dourados, com três cachos claros caindo na testa, como minha filhinha ao sair do banho, quando fui me despedir dela e da mãe. Olhando o quadro mais de perto, não me resta senão constatar diversas outras semelhanças entre minha filha e a divina criança: a forma do rosto, os grandes olhos cintilantes, a mesma boca em flor, o nariz, o queixo e até as dobrinhas, tudo coincide, onde quer que o olhar se detenha. O quadro parece ser antigo, está craquelado e recentemente devem ter restaurado uma das mangas do vestido de Maria — o tom de azul não é o mesmo abaixo do cotovelo.

Ao sair da igreja, vejo que instalaram duas mesas na varanda do café da aldeia. Sento-me a uma delas e o dono me traz um pão doce, dizendo ser uma tradição culinária da região.

Ontem eu já esquadrinhei a vila em meia hora e não me ocorre nenhum programa para o dia de hoje. Claro, não há nada para fazer na aldeia aos domingos; as pessoas ficam em casa, almoçam e, depois do almoço, tiram a sesta. Só me resta então telefonar de novo para o meu pai e saber o que ele conta. A esta hora, madrugada como é, ele já terá passado graxa nas dobradiças rangentes e cola nos postigos soltos. É possível que se assuste por eu telefonar dois dias seguidos, mas ajusto meu tom de voz para que não haja qualquer dúvida sobre o lugar ou minha situação aqui, caso contrário ele me exortará a voltar para casa e a prosseguir meus estudos. Depois de me perguntar pelas condições climáticas e eu lhe responder que estão iguais às de ontem, com a diferença de que, em vez da cerração amarela, houve uma rubro-anil de manhã, ele me diz que os dias estão mais claros por lá.

— Hoje o dia durou mais dois minutos.

Sinto-me bruscamente cansado do meu pai. Antes da chegada da primavera, cento e vinte furacões de grande porte terão se abatido sobre o país e ele me fará um relatório sobre cada um deles.

— Sim, e depois os dias ficarão escuros de novo, querido pai.

— Se sobrevivermos até lá.

— É, se você sobreviver até lá.

— Sua mãe não deveria ter ido antes de mim, uma criatura jovem, dezesseis anos mais moça que eu, com apenas cinquenta e nove anos, isso não é idade.

— É, ela não deveria ter ido antes de você.

Ficamos calados, enquanto vasculho meu bolso para introduzir outra moeda na fenda. Então ele me diz que foi convidado para comer pernil defumado na casa de Bogga à noite.

— Ah é? E como ela está?

— Bem. Mas eu nunca fui um grande apreciador de pernil, nem dessas outras partes de porco.

— Virou judeu ou muçulmano?

— A questão é: o que posso levar para ela?

— Por que não tomates? Ela não tem quatro filhos crescidos?

— É uma ideia, Lobbi.

Faz uma breve pausa antes de me perguntar se não estou à míngua.

— Não, não me falta nada.

— Não se sente sozinho?

— Não, claro que não. Vou ao jardim amanhã.

— Ao roseiral.

— Isso mesmo, ao roseiral.

— Suponho que seja um trabalho melhor do que estar no mar — diz papai.

Ele passa em branco o fato de eu ter feito uma longa jornada, depois de flertar com a morte no início da viagem, para estar agora no umbral de um dos mais célebres roseirais do mundo, onde sem dúvida encontramos mais variedades de rosa do que em qualquer outro lugar. Foi minha mãe quem me mostrou o primeiro livro sobre esse jardim quando eu era pequeno, e todos os livros sobre cultivo de rosas que li depois mencionam o jardim dos monges como algo não convencional. Apesar disso, muito poucos autores conhecem o jardim pessoalmente: ouviram falar por outros autores e notei que chegam a reproduzir palavra por palavra descrições extraídas de velhos manuscritos.

— Vamos nos despedir, Lobbi. Se precisar de dinheiro, é só avisar.

De certa forma, fico mais satisfeito com a minha sorte após falar com meu pai e mato completamente a saudade de meu país.



# Trinta e cinco

O acesso ao mosteiro, que fica bem no cume da encosta, é feito a pé por uma trilha em patamares que sai da aldeia. Quem esperaria encontrar um roseiral nesse lugar, muito acima do nível do mar e no topo de um rochedo? Não vejo o jardim imediatamente, pois ele tem três lados vedados pelos muros do mosteiro, o único lado aberto dando para a aldeia. Num plano abaixo, há também encostas cobertas de parreiras que garantem a produção vinícola dos monges. É frei Matias quem me recepciona. Ele vai me mostrar o jardim e passar informações.

— Frei Tomás me falou a seu respeito, ressaltando que eu o reconheceria imediatamente — diz, sorrindo. — Talvez pela estatura e os cabelos ruivos. Estamos muito contentes de tê-lo aqui entre nós.

O mais célebre roseiral do mundo não passa agora da sombra do que era, o que, aliás, frei Tomás repetiu três vezes para mim. As aleias e lajotas estão cobertas de mato, as roseiras das platibandas se emaranharam inextricavelmente. Antigamente havia um espelho-d'água no centro do jardim, com gramado e bancos. Embora a negligência e o abandono saltem aos olhos em toda parte, reconheço o jardim imediatamente, pelos desenhos.

— É verdade, o jardim ficou muito tempo esquecido e abandonado — explica frei Matias. — Investimos na produção vinícola e na biblioteca. Ainda hoje há mais de mil manuscritos para catalogar. E os efetivos do mosteiro diminuíram. Os jovens frades da regra preferem mergulhar nos livros a respirar o ar livre do jardim; só saem para fumar — diz frei Matias, que aparenta ser octogenário.

Caminhamos pelo jardim, que se revela maior do que imaginei e encerra surpresas. De toda forma, é necessário reconstruí-lo de ponta a ponta e analiso o que é possível fazer para salvá-lo. A maior parte das variedades de rosas

sobrevive. Não consigo me impedir de tocar nas plantas, apalpar as delicadas folhas verdes. Não detecto a presença de pulgões.

— É, é verdade — diz frei Matias —, quase todas as variedades resistiram.

As aparências enganam, considerando que as roseiras dão flor em diferentes épocas do ano; justamente, não há muitas rosas abertas neste momento, sem dúvida não mais que setenta.

Avançamos por uma antiga trilha enterrada sob um emaranhado de arbustos. Ao longe, distinguimos árvores frutíferas, que parecem formar uma sebe ao redor do jardim.

— *Rosa gallica*, *Rosa mundi*, *Rosa centifolia*, *Rosa hybrida*, *Rosa multiflora*, *Rosa candida* — enumera frei Matias.

Aos poucos, à medida que o percorro, o Maravilhoso Jardim das Rosas Celestiais, como é designado nos velhos livros, toma corpo em meu espírito. Vou ter de começar arrancando as ervas daninhas e podando as roseiras — o que, trabalhando dez horas por dia, pode me ocupar por duas semanas; em seguida, desramar e plantar novamente. Escolho desde já um local protegido e ensolarado para a nova variedade de rosa que pretendo acrescentar. Talvez ela não fique muito visível no início, pois não dará flor imediatamente, mas aqui estão reunidas as condições e a luz apropriadas para que uma nova e desconhecida variedade de rosa viceje em terra fértil. Os frascos do hospital não dão mais conta, não se deve cultivar eternamente a vida no algodão. Desisto de adiar a menção à rosa de oito pétalas que se encontra no parapeito da janela do albergue e mostro a foto de uma rosa desabrochada numa estufa.

— Não, não conheço essa variedade — diz frei Matias, após um silêncio. — Não creio ter similares em nosso jardim. Certamente lembra uma rosa branca rara, *Rosa candida*, exceto pela cor, que é completamente diferente, bastante incomum. Como disse que ela se chama?

— Rosa de oito pétalas; são oito pétalas partindo da corola e depois dezesseis outras no exterior, vinte e quatro pétalas no total, em três renques que formam o botão, quase sempre orvalhado — explico. — Realmente, exceto pelo fato de não ser branca, ela se assemelha à *Rosa candida*. Trata-se de uma cepa mais robusta, provavelmente um exemplar único no mundo — digo. — Já folheei incontáveis livros sobre rosas e nunca deparei com variedade semelhante.

— Muito interessante — diz o frade. — A disposição da corola é absolutamente incomum.

— Sem falar que os caules não têm espinhos.

— Muito interessante — ele repete, examinando a fotografia. — Uma variedade de cor muito peculiar, um colorido realmente insólito. Não é cor-de-rosa nem violeta. Mais para púrpura, não é?

— Isso, exatamente, púrpura.

— É uma cor muito intensa, que se propaga no meio ambiente. A menos que seja o filme. É Kodak? — pergunta frei Matias.

Dá alguns passos, a foto na ponta do braço estendido, e a aproxima de um ou dois botões vermelho-claros.

— Como eu dizia, nunca vi espécime igual. Precisa mostrar sua rosa de oito pétalas para o frei Zacarias. Ele tem noventa e três anos e está no mosteiro desde os setenta e dois. Verdade que começa a perder a vista e que o que vê nem sempre é claro.

Diz então que está chegando a hora da sopa e, sem me dar chance de aludir ao perfume da minha rosa, lembra-se subitamente de alguma coisa.

— Encomendamos botas de borracha novas para você. Julgamos despropositado fazê-lo calçar as velhas botas de jardineiro, abandonadas no depósito durante sete anos. Também nos demos conta de que seriam pequenas. Levou seis semanas para chegarem, pois antes foram expedidas por engano para um mosteiro na Irlanda, onde chove muito.

Entra comigo num pequeno galpão de ferramentas. As botas estão ali, no assoalho, bem diante da porta. São azuis, reluzentes e novas, exatamente como no sonho que tive no hospital.

— Espero que sirvam em você, tamanho quarenta e dois, confere?

Eles podem igualmente me emprestar roupas de trabalho, calças, suéteres e luvas. Visto a calça, bate no meio da canela; idem para as mangas curtas demais do suéter. O último a trabalhar no jardim devia ser um nanico.

— Não são usadas há muito tempo, uns sete anos — explica frei Matias —, claro que precisam ser lavadas.

As ferramentas de jardinagem estão armazenadas no galpão. Eles têm uma coleção relativamente ampla, entre elas, serrotes e diversos modelos de tesouras, sem dúvida há muito fora de uso. Muitas diferem dos modelos tradicionais e são novidade para mim, que não consigo imaginar sua real utilidade.

— Frei Zacarias vai lhe mostrar como as usamos — diz o meu guia.

Por fim, julga conveniente eu saber que nem todos os monges são admiradores do roseiral; enquanto uns são alérgicos a todo tipo de vegetação, outros manifestam um horror atroz aos insetos que as rosas trepadeiras trazem pelas janelas.

— Frei Tiago pediu que eu lhe dissesse para não plantar trepadeiras no muro leste do dormitório, próximo à sua cela.

Após dividir a sopa de aipo com os monges, passo metade do dia sozinho no jardim, nas minhas novas botas de jardineiro, inspecionando as dependências, fazendo o levantamento dos canteiros de roseiras e montando um plano de trabalho para os próximos dias. Embora esteja um pouco confuso a respeito de mim mesmo, sinto-me em perfeitas condições de elaborar um programa de ação. Vislumbro igualmente a possibilidade de ampliar a horta. A sopa do meio-dia não estava ruim, mas poderíamos variar os legumes e reunir em canteiros bem delimitados os condimentos que crescem aleatoriamente no jardim.

# Trinta e seis

Virei jardineiro dos monges e antevejo uma trabalhadeira para os próximos dois ou três meses. Até lá, não preciso mais quebrar minha cabeça pensando em planos para o futuro, nem no que virá depois, se voltarei para casa ou estenderei minha temporada por aqui. Tampouco descarto a possibilidade de, daqui a dois ou três meses, minha vida continuar estagnada no mesmo ponto. Sinto-me bem no jardim; é bom aproveitar a solidão das platibandas para sondar aspirações e desejos, mudo na plenitude da terra; nem sequer preciso conhecer a língua. Sou igualmente dispensado de todas as preces: não passo de um simples jardineiro. Terei de reorganizar tudo, redesenhar o projeto com base no antigo e no que for possível descobrir nos velhos livros.

Dedico a primeira semana a capinar e abrir um caminho através de uma luxuriante sebe de roseiras, ou melhor, uma barreira de espinhos. Posso então finalmente estudar o jardim a fundo. Às vezes fico por um instante descalço na relva fresca, mas em geral uso as botas azuis.

Não sei em que medida devo me reportar a frei Tomás, que é meu principal contato com o mosteiro. Ele diz que tenho carta branca e que devo confiar em meus sentimentos e na minha compreensão das rosas, foi assim que ele formulou, acho. Quando explico minhas ideias, as adaptações e mudanças, ele aquiesce com um meneio de cabeça e dá o assunto por encerrado.

— Estamos muito satisfeitos em ter você aqui — ele diz, parecendo concordar com tudo que proponho, por exemplo criar um pequeno gramado com bancos. Como ele deu a entender, sua esfera de interesses engloba o cinema e a linguística. Na verdade, não tenho certeza de que os monges se interessam pelo jardim. Como frei Matias mencionou, a maior parte fica mergulhada nos livros e a principal ocupação deles é catalogar a coleção de manuscritos.

Descubro incessantemente novas variedades escondidas no terreno degradado: rosas arbustivas, trepadeiras, anãs e silvestres, grandes flores isoladas na ponta de longos caules ou em cachos, formas, fragrâncias e cores múltiplas. O aroma do jardim quase chega a enjoar e o esplendor dos coloridos é incrível: violeta, roxo, rosa, branco, cinza, amarelo, laranja e vermelho. Naturalmente, terei de harmonizar melhor as cores, modificar seu alinhamento. É um trabalho e tanto arranjar espaço para todas essas rosas. Ao fim de duas semanas, listei e registrei mais de cem variedades.

Os monges me deixam sossegado no jardim. Durante a segunda semana, começaram inclusive a sair com mais frequência para dar uma espiada no meu progresso e aspirar o perfume das flores. Pararam de jogar guimbas nos canteiros e não economizam elogios quando veem as mudanças. Devo confessar que essa apreciação de meus esforços não me é indiferente. A questão agora é saber se frei Tiago aceitará uma azaleia no lugar da trepadeira.

Embora eu circule o dia inteiro por entre as plantas e pense muito no jardim, nem por isso deixo de dedicar um tempo expressivo a pensamentos sobre o corpo enquanto trabalho na terra. Nem durante meus encontros diários com frei Tomás consigo afastar totalmente esses pensamentos. Corpos parecem surgir em determinada zona do meu cérebro a cada vinte minutos, sem que para isso haja razões específicas associadas ao ambiente externo. O fato de eu ter vindo para cá imbuído do sincero desejo de trabalhar nos canteiros, e simultaneamente tomar as rédeas da minha vida, não muda nada nisso.

Enquanto me debruço sobre a gramática, o corpo não ocupa o primeiro plano, mas tão logo paro de me entreter com a formação de palavras, ele ressurgue, como uma mancha de tinta borrando a toalha branca. Na superfície, conversamos sobre o jardim; no meu íntimo, bato-me contra os meus instintos. Receio que frei Tomás leia minha alma como um livro aberto; ele parece prender o riso.

— O que acha?

— Do quê?

Ele me olha com espanto.

— Do que acabamos de falar. Da rosa-trepadeira.

Impossível deixar de notar como os monges são incrivelmente alegres e têm o riso fácil, a despeito de sua renúncia aos prazeres da carne. Coloco-me mentalmente no lugar deles e, embora a rigor eu deva praticar a castidade por

certo tempo, e por mais que tente me imaginar no seio do grupo, a batina branca não fica bem em mim, é ou grande ou pequena demais.

# Trinta e sete

Costumo acordar antes de raiar o dia, uma vez que o repique dos sinos me impede de desfrutar a preguiça matinal, pois minha cama fica praticamente na soleira do santuário. Antes de ir para o jardim, como um pão doce de café da manhã; ao meio-dia, tomo uma sopa de legumes no mosteiro e, à noite, janto no restaurante nas redondezas. A segunda semana é dedicada à poda das roseiras, bem como dos arbustos e sebes de folhas persistentes, segundo os diversos modelos e formas, círculos ou cones, encontrados nas ilustrações dos livros antigos. Além das roseiras e dos arbustos, o jardim comporta carvalhos, um pomar de árvores frutíferas, e também figueiras e diversas outras ervas: angélicas, sábios-de-jerusalém, dedaleiras, prímulas e violetas-de-quaresma crescem todas no mesmo canteiro, junto ao galpão de ferramentas. Trabalho quase sempre até o anoitecer, por volta das seis da tarde.

De volta ao albergue, tomo uma chuveirada para tirar o cheiro das rosas e mudo de roupa para sair e comer um pouco de peixe frito. Também comi sopa de peixe na vizinha uma vez, e também peixe grelhado num espeto com cebola e bacon, e duas vezes polvo. Precisei de certo tempo para cortar os tentáculos e mastigá-los. No fim de duas semanas, começo a sonhar com carne vermelha. Pergunto-me se seria abuso de minha parte perguntar à mulher do restaurante se ela sabe preparar alguma receita com carne. Prefiro comentar o assunto com frei Tomás. Ele rabisca quatro palavras num pedaço de papel, que devo mostrar à mulher. Depois disso, há sempre um prato de carne à noite, menos sexta, quando é peixe.

— Eu achava que você queria peixe — é tudo que ela tem a me dizer.

De tempos em tempos, voltando do restaurante, dou um telefonema para o meu pai — embora isso seja mais raro nos últimos dias. Em geral ele está na cozinha a essa hora, o que faz com que a conversa gire em torno de saber se consigo ajudá-lo a decifrar as receitas da mamãe. Na ligação seguinte, ele me



diz que Jósef está lá para jantar, de maneira que lhe ocorreu convidar Bogga também. Ela já o convidou três vezes para comer, ensopadinho de carneiro, filé de peixe à milanesa e costeleta de porco defumada, e ele acha que agora cabe a ele entrar no jogo e retribuir o convite. Papai precisa de conselhos.

— Sabe a receita de croquetes de sua mãe?

— De carne ou de peixe?

— Peixe. Experimentei fazer alguns na panela, todos desmancharam.

— Não é para acrescentar fécula de batata?

— Você quer dizer nos croquetes, misturada com o peixe desfiado?

— É, umas duas colheres de sopa.

— Mais alguma coisa a adicionar, Lobbi?

— Um ovo e uma cebola, se não me falha a memória.

— Bem que achei esquisito.

Ele permanece calado um instante, depois pergunta se conheci alguns moradores.

— Não, na verdade, só o abade, frei Tomás.

— Não tem nenhuma mulher interessada em você?

— Não, nada disso.

— E Anna?

— Não existe nada entre mim e Anna. São coisas que acontecem, pai.

— Eu não perderia a oportunidade, se estivesse no seu lugar.

— Não é como se eu pudesse escolher. Além do mais, é preciso dois.

Ninguém se apaixona por encomenda.

— É moleza, Lobbi.

Mudo de assunto e digo que comecei a aprender a língua.

— Ora, línguas nunca foram um problema para você, Lobbi. Embora talvez não seja um grande investimento aprender uma língua que quase ninguém fala, quando existem tão poucos falantes da sua própria língua.

Diz ter ouvido recentemente que toda semana morre uma língua no mundo.

— Quem sabe então não é melhor eu voltar para casa e estudar gramática?

— digo, para encerrar o assunto.

— Tem certeza de que não está perdendo tempo aprendendo uma língua ameaçada de extinção?

Ao chegar ao albergue, cruzo com frei Tomás na entrada.

— Se quiser passar para ver nostalgia, não faça cerimônia.

— Ver o quê?

— *Nostalgia*. Devemos olhar o sofrimento nos olhos para sermos solidários com aqueles que sofrem.

# Trinta e oito

Os filmes da noite são um grande alento para mim, mesmo sendo em diferentes línguas e não legendados. Também procuro, de tempos em tempos, conversar coisas simples no dialeto da aldeia com meu vizinho do quarto sete. Aqui estou, portanto, sentado com o dicionário no colo — o que torna os diálogos bastante lentos, mas não impossíveis.

— Tenho de tudo aqui, menos violência — diz meu vizinho.

Já percebi que toda sessão cinematográfica é uma oportunidade para o meu anfitrião revisar uma obra-prima.

— Dou preferência aos filmes maiores que a vida — ele diz, me passando a embalagem que estava sobre a mesa. — Este filme é um manancial de inteligência e desejo.

Toma de volta o vídeo e o guarda numa prateleira. Em seguida, vai pegar uma garrafa e puxa as cortinas.

— Exigir da arte que reproduza a realidade é uma atitude que me espanta — ele diz, voltado para a janela. — Eu pensava que as pessoas estivessem fartas da realidade cotidiana.

Quando se trata de um filme numa língua que eu não compreendo, frei Tomás resume a trama em frases curtas e bem-cunhadas. Embora ele faça duas ou três pausas ao longo da película para me inteirar do desenrolar da ação, geralmente peno para deduzir o conteúdo do filme a partir desse resumo. Para ele, o mais importante é transmitir o talento criativo do diretor. Não se dá ao trabalho de esmiuçar para mim o fio condutor da ação, enfatizando antes a estrutura de uma ou outra sequência, entrega-se a especulações sobre o ângulo da tomada, comenta as locações das filmagens e congela a imagem para discorrer sobre uma montagem incomum, seu principal interesse quando se trata de filmes.

— A beleza está na alma de quem vê — diz.

Também se interessa pela construção psicológica, mas, nesse caso, costuma ir muito fundo na análise para que eu possa acompanhá-lo. É como se me desse pistas ou chaves de que eu devesse me servir para elucidar o sentido por esforço próprio. E embora às vezes seja difícil compreender o que se passa na tela, é em todo caso preferível a passar as noites sozinho, confinado no quarto. Frei Tomás também programa semanas temáticas, que ele dedica a diretores, assuntos ou atores específicos. Terminada a sessão, discorremos um pouco sobre o conteúdo, enquanto esvaziamos nossos cálices.

O filme dessa noite é todo em azul — que o velho aparelho não reproduz fielmente, apesar de frei Tomás ter puxado as cortinas. O filme começa com um acidente mortal numa estrada molhada e termina com uma ode ao amor, de São Paulo, cantada por uma voz soprano. A morte paira continuamente sobre a heroína, mas ela termina por desejar viver, mesmo desencantada. Antes que eu possa me dar conta, revelo ao frade que os meus pensamentos sobre a morte estão me deixando preocupado.

— Não me preocupo com a morte em si mesma — digo —, mas com os meus pensamentos sobre a morte.

Ele se levanta e abre as cortinas. Do lado de fora, o negrume da abóbada celeste.

— O que você quer dizer quando afirma pensar continuamente na morte?

— Penso entre sete e onze vezes por dia, dependendo do dia. Mais de manhã, ao chegar ao jardim, depois, tarde da noite, na cama.

Tenho uma leve esperança de que ele me pergunte quantas vezes penso no corpo e no sexo. Eu responderia que a mesma coisa, mas claro que o mais recomendável é começar a falar de coisas importantes, mais fáceis de abordar que o sexo. Se ainda assim ele perguntasse, eu responderia algo similar. Entre sete e onze vezes por dia. E acrescentaria: “Quando anoitece, os pensamentos sobre o corpo substituem os pensamentos sobre a morte”.

Se ele tivesse me interrogado a respeito das plantas, a resposta teria sido a mesma. Penso nas plantas tanto quanto no sexo e na morte. Em vez disso, ele pergunta:

— Quantos anos você tem?

— Vinte e dois.

— E a morte o deixa obcecado a esse ponto?

Sabe Deus o que passa pela cabeça do meu interlocutor. Ele pega uma garrafa e despeja o líquido transparente em dois cálices.

— Aguardante de pera Williams — diz. — Raros são aqueles — prossegue — que se dão ao trabalho de pensar na morte. E depois há os que não têm tempo de morrer. É um grupo em expansão. Você é visivelmente um rapaz maduro.

— Espero morrer mais experiente, depois de me encontrar.

— Os homens passam a vida à procura de si mesmos. Ninguém nunca chega a uma conclusão definitiva nesse domínio. Você não parece alguém à beira da morte para mim. — Ele sorri.

— Tudo bem, morremos um dia — retruco —, mas a maioria parece morrer ou cedo ou tarde demais, nunca na hora certa.

— É, é verdade, todos morremos um dia, só que ninguém sabe quando nem como — diz o monge antes de esvaziar seu cálice de um trago. — Tempo, nós temos. Alguns desfrutam de um aviso prévio maior que o dos demais, para outros ele é muito curto. Chega então um momento em que o tempo de cada homem passa a ser contado em quartos de hora, e, para terminar, num minuto. Nesse quesito, estamos todos no mesmo barco.

Uma mosca voa no quarto; ouço-a mais do que a vejo. Frei Tomás levanta-se e se dirige à janela aberta. O zumbido some.

— Matou?

— Não, expulsei — diz meu pai espiritual.

— E depois de nossa morte não subsistimos senão um pequeno lapso de tempo na memória dos que nos sobrevivem — digo.

— Isso não é uma verdade absoluta, veja Goethe.

Frei Tomás enche novamente os cálices.

— Sim, mas e os que não são Goethe?

— Você é claramente um rapaz sensível e misericordioso.

Ele me dá um tapinha no ombro, pousa a garrafa e volta a sentar-se. Conserva-se calado por um momento.

— Sofreu alguma desilusão amorosa?

A pergunta me pega desprevenido.

— Não, mas tenho uma filha. É quando nos damos conta de que morreremos um dia.

— Compreendo.

Novo e longo silêncio no quarto. Não há meio de saber o que passa pela cabeça do homem de Deus.

— Estou tentando reduzir a bebida — ele termina por dizer. — Em todo caso, ainda não cheguei ao estágio de beber sozinho, então provavelmente não tenho com que me preocupar.

Ele se levanta, o que significa que nosso bate-papo está encerrado. Também não sou homem de muita conversa.

— Assistiremos ao *Sétimo selo* amanhã à noite — ele diz —, assim poderemos continuar com a morte.

# Trinta e nove

Duas semanas mais tarde descubro uma pequena livraria numa viela que sai da rua principal, a poucos metros do albergue. Procuro basicamente livros sobre o dialeto local, mas também vejo um cartão-postal estampando a igreja de pedra, que Jósef talvez gostasse de receber. Observo alguns livros dispostos sobre a bancada, abro um ou dois e folheio algumas páginas. É nesse momento que meus olhos batem numa lombada roxa enfeitada com uma flor cor-de-rosa cuja corola inusitada lembra a rosa de oito pétalas da minha mãe. Abro o livro, mas ele não contém ilustrações, só texto.

— Jardinagem? — arrisco, dirigindo-me à moça que circula na loja e está de olho em mim. Pode ser a filha do dono, instalado no caixa; eles têm o mesmo perfil.

— Não, um romance — ela responde, corando. É a primeira mulher da minha faixa etária com quem interajo nesta aldeia.

Claro que refleti sobre as possíveis maneiras de conhecer os moradores para aprender um dialeto em vias de extinção. O problema é que o trabalho no jardim é feito na solidão e no silêncio, o que naturalmente não estimula o exercício da fala.

Devo pôr um cartaz na livraria à procura de aulas particulares dessa língua à beira da extinção? Antes de eu colar o anúncio, a filha do dono bem poderia se candidatar para isso, às quartas-feiras depois do expediente.

— Nesse dia, fechamos às seis, em vez de às oito.

# Quarenta

Embora minha intenção seja trabalhar no jardim todos os dias da semana, frei Tomás insiste para que eu tire o domingo de folga, de modo que preciso me ocupar com alguma atividade. Já trasladei os canteiros de rosas para seus locais de origem, harmonizando as cores, podei as sebes e arbustos ao longo da antiga aleia, limpei o espelho-d'água no centro do jardim e preendi a maioria das rosas-trepadeiras na face norte do mosteiro. Depois de planejar o trabalho da semana, leio os livros que pego emprestados na biblioteca dos monges. Aos domingos, a sessão com frei Tomás é uma matinê e sou obrigado a passar a noite a sós comigo mesmo.

Não posso, em sã consciência, dizer que a solidão me pesa, embora me aconteça, sob o edredom, ou mais exatamente sob o lençol e o cobertor, desejar ter alguém com quem voltar para casa. Às vezes sinto dificuldade para pegar no sono; é como se faltasse alguma coisa ao dia e eu não quisesse que ele terminasse imediatamente. Dificuldade que imagino semelhante à que eu teria para romper um namoro. Embora pense muito na minha filha, e às vezes também na mãe, em razão de as duas estarem quase sempre juntas, a pequena no colo da mãe, não posso dizer que morra de saudades de alguém no meu país natal. Minha filha ainda é muito pequena para precisar de mim.

Apesar de eu continuar um forasteiro, começo a sentir vida ao meu redor. A alma do lugar infiltra-se gradativamente em mim; meu universo e o universo dos outros deixam de ser duas entidades hostis. Alguns aldeões passaram a me cumprimentar na rua. Afora o abade, que encontro todos os dias, a primeira é a moça da livraria. Começo também a captar um pouquinho da língua. Ao cabo de duas semanas, eram cerca de dez palavras, ouvidas mais de uma vez, cujo sentido eu compreendia. Ao cabo de três semanas, são vinte a surgir claras como cristal, como rochas esculpidas pelo vento numa superfície erodida. Tento coordenar os tempos verbais para me fazer compreender e sinto que faço



progressos. Quando peço treze cartões-postais da igreja, para treinar os algarismos, a moça da livraria cai na risada. Durante esse tempo, seu pai fica no caixa refazendo as contas numa folha de papel quadriculado. Ao embrulhar os cartões-postais, ela não resiste e faz a pergunta: eu sou o rapaz do jardim do mosteiro? Outros já me haviam perguntado o que eu fazia naquele recanto esquecido. Ela então se volta para o pai, balança a cabeça e diz algumas palavras incompreensíveis para mim. Em todo caso, percebo que está confirmando uma suposição, pois ambos olham para mim assentindo.

Guardo a frase na cabeça para procurar as palavras no dicionário quando voltar ao quarto.

— É o moço das rosas — ela diz, contando os cartões-postais. Enfia-os numa embalagem de papel kraft, cuja borda ela dobra antes de me entregar.

# Quarenta e um

Após debater sobre a morte com frei Tomás e assistir em sua companhia a trinta e três filmes de arte e experimentais, como meu anfitrião faz questão de destacar, enquanto os créditos de *Andrei Rublev* correm na tela, sinto-me pronto para passar à etapa seguinte e lhe falar de minhas ideias fixas sobre o corpo e o sexo. Não é, contudo, como se eu confessasse meus pecados ou algo assim, na expectativa de receber a absolvição. Tampouco estou em busca de conselhos de um homem experiente e que já ouviu de tudo, é antes um desabafo ao meu vizinho e amigo do quarto ao lado. Mesmo assim, eu gostaria de estar mais bem preparado, talvez com anotações — em vez disso, pulo de cabeça na água gelada.

— Desde que acordei da cirurgia de apendicite, ando muito preocupado com o corpo, bem mais que antes.

Frei Tomás estende o braço para a garrafa.

— E o que entende por corpo?

— Pensamentos sobre sexo — digo.

— Na sua idade, não é anormal se preocupar com o corpo.

— Não é que eu pense o tempo todo no corpo, em todo caso penso muito nessas coisas, no mínimo várias horas por dia.

— Não está longe da média, creio.

— Na rua, percebo os outros fundamentalmente enquanto corpos. Não presto sequer atenção ao que me dizem.

Claro, omito o nome de frei Tomás nesse ponto.

Ele enche os cálices. Hoje o conteúdo é vermelho-sangue.

— Às vezes julgo me resumir a um corpo, noventa e cinco por cento de mim é corpo — digo.

— Licor de cereja — ele diz.

Ele se concentra em servir a bebida nos cálices, depois parece relancear a caixa de um vídeo sobre a mesa. Tenho a impressão de que vai me recomendar um filme.

— O problema — digo — é que o meu corpo parece dotado de uma existência autônoma e ter uma maneira própria de pensar. Afora isso, sou um rapaz normal.

Frei Tomás me estuda por um momento. Em seguida se levanta, arruma alguns objetos na escrivaninha, empurra o porta-canetas, dispõe a Bíblia bem no centro da mesa e restitui dois vídeos a seu lugar na estante.

— O homem é feito de espírito e carne — termina por dizer. — Em seu lugar, eu não me preocuparia muito com isso.

Recoloca o porta-canetas em seu local original na mesa, depois acrescenta:

— Com o tempo, é natural que um rapaz de vinte e dois anos considere tedioso passar as noites assistindo a filmes com um velho monge de quarenta e nove. Não acha que lhe faria bem sair e encontrar jovens da sua idade, conviver com as pessoas da aldeia?

Como não estou muito cansado, vou dar uma volta. Um gato esquelético, igualmente solitário, atravessa o meu caminho, mas me abstenho de acariciá-lo. Sem saber como, vejo-me na cabine telefônica, inserindo uma moeda na fenda. Tenho a impressão de que sou o único a usar esse telefone. A primeira coisa que o meu pai diz é que o gato de Bogga, que estava desaparecido há três dias, foi encontrado morto. Havia sido atropelado e abandonado na relva na beira da estrada. Também tem uma coisa a me perguntar:

— Quem é Jennifer Connelly?

— Nunca ouvi esse nome. Por que a pergunta?

— Porque ela parece estar a caminho do nosso país para passar o fim de semana.

— Quem disse isso?

— Estava no jornal. Na primeira página.

— Não sei quem é.

— Precisa de dinheiro, Lobbi?

— Não, tudo certo. Minha única despesa aqui são as moedas para o telefone.

É nesse momento, no meio da conversa, que bato os olhos num pombo morto na calçada, bem junto à cabine. À primeira vista, falta-lhe metade de uma asa e penso logo no gato. Sempre tive horror a ver animais mortos e

ensanguentados, sobretudo os emplumados. Ao sair da cabine, constato que a ave não está morta; o toco de asa ainda se mexe. Recolho o pássaro ferido sem saber o que fazer com ele. Ao fim de poucos metros, o coraçãozinho para de bater na palma da minha mão.

# Quarenta e dois

Estou de saída para o jardim na manhã seguinte, quando frei Tomás bate à minha porta. Afirmo ter chegado a uma conclusão quanto ao caso que nos ocupa.

— O corpo é mencionado em cento e cinquenta e duas passagens da Bíblia, a morte em duzentos e quarenta e nove e as rosas e outros tipos de vegetação em duzentos e dezenove. Fiz essa lista para você; a flora é que me tomou mais tempo; figueiras e videiras escondem-se em toda parte, o mesmo se dando com as frutas e todo tipo de sementes.

Ele me estende meia página quadriculada, comportando três colunas de algarismos, depois aponta para o total, sublinhado duas vezes ao pé de cada coluna, para dar ênfase. São três números que respondem a todas as perguntas que angustiam meu coração.

— Aqui está, preto no branco — ele diz. O corpo, a morte e as rosas, como se mencionasse o título de um velho romance barato. — Quem sabe você não deva examinar isso mais de perto? — ele acrescenta. No papel, não há nada além de algarismos escritos com um lápis mal-apontado, sem referências ou números de página. Em seguida, diz: — Vamos tomar um expresso e comer um pão doce antes de você subir.

A caminho do café, frei Tomás se lembra subitamente de algo.

— Outra coisa, chegou uma carta para você — ele diz. Puxa um envelope do bolso e me entrega. Não é a letra do meu pai, embora fosse a cara dele querer me enviar bons conselhos pelo correio, além dos reiterados telefonemas.

Ele mostra o selo com o dedo e me pergunta o nome da ave.

— Escrevedeira-das-neves — digo.

A carta é de Anna, uma página e meia escrita à mão em letras maiúsculas. Dou uma passada de olhos primeiro, antes de reler com atenção. Anna me dá notícias da minha filha, que se desenvolve bem, tem agora seis dentes, mais

dois prestes a sair; a pequena é precoce, um amor de criança, ela escreve, pedindo, no fim, que eu ligue para ela o mais depressa possível no número de telefone indicado. Que eu não me preocupasse, era só uma perguntinha. Anexos à carta, dois retratos recentes de Flóra Sól, com cerca de nove meses. Veste um macacão acolchoado azul e uma touquinha branca. A criança encara o fotógrafo com seus grandes olhos claros. Dou uma espiada no carimbo do selo; faz uma semana que a carta foi postada. Já se vão quase dois meses desde que vi mãe e filha pela última vez, quando me despedi delas.

— Tudo bem em casa? — pergunta frei Tomás.

Consulto meu relógio. São oito e quinze, um pouco cedo para ligar para casa. Vou esperar o fim da tarde, quando terminar no jardim.

# Quarenta e três

Sinto-me intranquilo e percebo que a mãe de minha filha também tem a voz insegura. Ela explica que vai fazer um mestrado em genética humana no exterior, mas precisa terminar uma monografia antes de se apresentar na referida universidade para uma entrevista e para providenciar um alojamento para ela e o bebê.

A questão é, diz ela — e ouço sua voz sumir subitamente, a ponto de achar que a ligação vai cair —, saber se eu poderia ficar com Flóra Sól enquanto ela termina a monografia e se instala.

— Isso pode levar aproximadamente um mês — ela diz, e sua voz quase se dissolve. — É uma criança muito dócil e fácil de lidar.

Seu pedido me pega totalmente desprevenido.

— Também acho que vai ser bom vocês dois se conhecerem melhor — prossegue Anna. — Afinal, ela é sua filha e você precisa assumir sua parcela de responsabilidade.

Ela está certa, tenho minha parcela de responsabilidade na concepção da criança. Passei e repassei cem vezes na minha cabeça o que aconteceu na estufa e parece ter sido um desconhecido, um outro eu, que agiu.

— Não posso voltar — digo —, meu trabalho vai me prender aqui por pelo menos mais um mês.

— Sei disso — ela diz imediatamente. — Eu é que vou encontrá-lo com Flóra Sól. Seu pai comentou comigo que você tem certa liberdade para fazer seus horários, que está aprendendo um dialeto raríssimo e pensando na vida.

Então é isso que o meu pai diz, que estou pensando na vida. Meu trabalho com as plantas nunca entra na equação.

Tento minha última cartada:

— O lugar fica meio fora de mão, é realmente complicado chegar aqui. Não é uma viagem recomendada para um bebê de oito meses.

— Praticamente nove — diz Anna.

— Que seja, para um bebê de praticamente nove meses — retifico. — Depois do voo, terão de mudar quatro vezes de trem e ainda tomar o ônibus na aldeia mais próxima, já que os trens não chegam aqui. São dois ônibus por dia.

— Eu sei — ela diz baixinho —, vi tudo isso no mapa. Tudo correrá bem com Flóra Sól, é uma criança muito dócil, você vai ver. Viajar com ela não é problema; ela come quando tem fome, dorme quando está cansada e acorda sempre de bom humor. Também gosta muito de olhar as pessoas e acompanhar o que acontece à sua volta. Além disso, ela nunca foi ao exterior — diz Anna, como se este fosse um elemento decisivo no desenvolvimento de um bebê de praticamente nove meses.

Algo me diz que está tudo resolvido e que a mãe da minha filha vai desembarcar com Flóra Sól, que só tem nove meses, e não terei tempo de refletir sobre isso. Ela naturalmente teve todo o tempo do mundo para costurar a coisa toda — meu pai sendo bem capaz de havê-la apoiado e incentivado em sua decisão. Não me admiraria que fosse ele o autor da ideia. É como se eu ouvisse: “É moleza, Lobbi”.

Justo quando minha vida começava a fluir — o jardim passando por uma transformação radical e eu começando a enunciar frases simples numa nova língua —, isso tinha de acontecer. Das duas uma: ou eu dizia sim ou dizia não. Nunca levei jeito para tomar decisões irrevogáveis a ponto de excluir as demais opções. Em todo caso, não quando se trata de pessoas e sentimentos.

— Pode pensar e me ligar amanhã — ela diz. Percebo seu mal-estar; parece preocupada, já arrependida da ligação. Também não me sinto especialmente à vontade.

Mulheres são assim. Surgem de repente à sua frente, no umbral de uma nova vida, com uma criança nos braços, indicando que é hora de você assumir a responsabilidade pela concepção intempestiva de um filho accidental.

— Pegue vocês duas na estação — digo, como se alguém falasse através de mim. — É muito complicado chegar aqui de ônibus.

Silêncio do outro lado da linha, como se minha reação a surpreendesse.

— Não quer pensar melhor e ligar amanhã?

— Não, não precisa — digo, experimentando a sensação pungente de não ser eu mesmo. Sem fazer ideia do papel que Anna me reserva ou do que significa cuidar de um bebê, não quero decepcionar a mãe de minha filha nem ser repreendido por ter falhado com a pequena. É normal carregar a



responsabilidade por um filho junto com a mãe. Cheguei inclusive a assistir ao parto, embora seja exagero dizer que recebi o bebê em minhas mãos ou que fui útil em algo.

— Obrigada por aceitar tão bem a coisa. Para ser sincera, eu não sabia o que esperar. Não havia outra saída — ela diz, por fim, baixinho, como se a carta que me escreveu fosse sua boia de salvação. — Última coisa: vou levar tudo, menos uma cama. Acha possível arranjar um berço para Flóra Sól, por um tempo, talvez um usado?

# Quarenta e quatro

Após falar com Anna, bato à porta de frei Tomás. Devido ao meu atraso, ele não me esperou para começar a ver um filme, mas puxa imediatamente uma cadeira. Vou direto ao ponto.

— A situação mudou — digo. — Terei de cuidar de uma criança, no caso minha filhinha de nove meses, por três ou quatro semanas. Acha possível o bebê ficar comigo no albergue e passar o dia comigo no jardim, o que me obrigaria evidentemente a reduzir um pouco minha carga de trabalho?

Frei Tomás desliga a tevê e me olha com incredulidade, com a expressão de quem não ouviu direito.

— Vou arranjar um berço — digo. — É provisório. Foi de repente.

Há um momento de silêncio no quarto número sete. No fim, frei Tomás dá o seu parecer.

— Não há lugar para crianças na vida monástica. Isso perturbaria a calma e a oração.

— Na realidade, eu não a levaria ao mosteiro, mas ao jardim. A mãe diz que a pequena dorme três horas à tarde. Ela pode dormir no carrinho de bebê enquanto trabalho no roseiral.

— Não, não e não, três vezes não. Uma criança viraria tudo de cabeça para baixo. Um bebê chora e a gente escuta. O que acha que frei Tiago vai dizer?

— Seria só por um tempo — digo, repetindo-me, e percebo o débil impacto de meus argumentos. Não entendo por que ele menciona especialmente frei Tiago.

— E pretende aparecer no refeitório com um bebê chorão para a sopa e a papinha?

Olha para mim com um misto de surpresa e horror.

— Isso não é um hotel, é um mosteiro. Aqui, os homens renunciaram à vida do lar para se colocar a serviço de Deus. E é neste mundo que você quer

abrir um jardim de infância? Ninguém pode usurpar a primazia de Cristo.

— Mas Cristo falou: deixai vir a mim... — tenho a audácia de dizer, sentindo imediatamente minha desfaçatez. Tenho a impressão de haver me afastado várias casas do meu objetivo.

— Cristo falou, Cristo não falou... Você é tão ingênuo a ponto de achar que pode discutir teologia comigo? Vamos — ele diz, conciliador. — Tomemos um cálice de licor de damasco.

Ele vai pegar a garrafa e os cálices.

— Você não mencionou que tinha uma filha. Só falou que havia perdido sua mãe e que pensava na morte e no corpo.

— Não dá para falar tudo ao mesmo tempo. Em todo caso, pensei ter comentado. Quando conversávamos sobre a morte.

— Nem sempre é fácil saber aonde você quer chegar.

Embora o assunto esteja definitivamente encerrado, arrisco-me a sacar meu último trunfo e mostrar a frei Tomás o retrato de minha filha. Escolho o mais antigo, aquele em que ela está de roupão, saindo do banho, julgando que fará mais efeito. Ela usa um cinto, como os monges, e tem um cacho molhado no meio da testa. Os dedinhos dos pés descalços que ultrapassam a barra do roupão são do tamanho de ervilhas.

Ele contempla a foto — impossível dizer o que lhe passa pela cabeça.

— Para ser sincero, eu pensava que mulher não era o seu negócio. Achei até que tinha uma queda por mim — diz, risonho. — Fico satisfeito que não seja nada disso; estava me preparando para mandá-lo passear. Pronto, dessa me livre! — diz o diretor espiritual, apoiando-se no encosto de sua cadeira.

Assunto encerrado desse lado. Acrescenta que estou convidado para ficar e assistir com ele ao resto do filme; ele pode resumir o que aconteceu nos primeiros vinte minutos. O tema, para variar um pouco, é religioso. É um filme de Godard, de vinte e cinco anos atrás.

— Não basta saber todas as coisas, é preciso acreditar — diz o abade, dando uma dica sobre o conteúdo da obra-prima. — Se uma moça que espera um filho diz não ter feito sexo com ninguém, devemos acreditar nela. Não é preciso ver para crer. A menos que ela defina o ato de outra forma. E o verbo se fez carne, como está dito. Assim, cada mulher carrega consigo o segredo da gênese, a luz da divina concepção.

Guardo no bolso o retrato de minha filha. Não há muita coisa a acrescentar. Vejo meia hora de filme distraidamente, depois me levanto e dou

boa-noite.

— Não faça essa cara, Deus o ajudará a encontrar uma solução para o seu problema — ele diz. — O Senhor esteja convosco; com você e sua filha.

# Quarenta e cinco

Mãe e filha chegam dentro de cinco dias. O que deu em mim para aceitar ficar com a criança? Que ideia foi essa? Estou aqui em vias de reformar um jardim de sonho, no qual literalmente tudo que se planta cresce, e tentando dar um sentido à minha vida. Mesmo eu sendo seu pai, ignoro o que é melhor para ela; não sei sequer o que é melhor para mim. Pode-se dizer que um bebê me caiu sobre a cabeça antes que eu me decidisse se ia ou não ter um.

Resolvo ir para o jardim um pouco mais tarde e cortar o cabelo antes; tentarei repensar a minha vida. A tabuleta estampa a palavra “barbeiro”, mas o lugar revela-se igualmente um salão de beleza feminino, com três secadores antigos. A mulher do salão lava os meus cabelos. Não demonstra pressa ao espalhar o xampu e é muito lentamente que esfrega em volta das minhas orelhas e massageia em círculo o couro cabeludo. Seus cabelos são pretos e ela me conta que reveza com uma colega. Depois diz que tenho os cabelos volumosos, que me viu algumas vezes na rua e observou minhas madeixas. Termina me perguntando quanto eu quero que ela corte. Nesse ínterim, penso em Anna, com quem estive pela última vez, e por dez minutos, já se vão dois meses, quando fui me despedir dela na porta, e na vez anterior, na maternidade. Para ser franco, isso não bate com a realidade, já que fui visitar a pequena entre as minhas expedições de pesca, a última vez levando uma boneca e um punhado de tomates.

Aliás, eu me veria em apuros se tivesse de descrever a mãe de minha filha de maneira que um desconhecido pudesse reconhecê-la. Por exemplo, à polícia, se alguma coisa lhes acontecesse e nem a mãe nem a criança desembarcassem do trem.

- Como é o nariz dela?
- Não sei direito. Feminino.
- Pode descrevê-la?

— Não muito.

— E a boca?

— Na média.

— O que entende por na média? Como são seus lábios?

— Carnudos, acho.

Deveria dizer uma boca em forma de cereja?

Tento me lembrar dela na maternidade, dormindo.

— Cor dos olhos?

— Azuis ou verdes, não tenho certeza.

Em vez disso, tento recapitular o que sou o único a deter: a luz na estufa e o corpo adornado com um arabesco de folhas.

Sinto que devo me exercitar no novo status que acaba de me ser atribuído, o que me faz contar à cabeleireira que estou para receber a visita de minha filhinha de apenas nove meses e de sua mãe. A mulher balança a cabeça, compreensiva. Logo me arrependo de dar essas informações supérfluas, que, no que me concerne, poderiam ter permanecido afogadas no fundo do mar.

Deixo-me ficar um pouco ao sol, enquanto meus cabelos recém-cortados secam e também para me recuperar da emoção. As pessoas me olham — não devem estar acostumadas a ver homens de cabelos molhados na rua. Em poucos dias, não serei mais o moço das flores, mas o estrangeiro do carrinho de bebê.

À noite, quando retorno ao albergue após o expediente no jardim, frei Tomás me aguarda na entrada.

— Não vai precisar de um apartamento, para você e a criança? — pergunta sem rodeios. — Falei com uma excelente mulher e o elogiei para ela. Ela tem um apartamento vago, aqui, na rua ao lado — diz.

— É uma coisa temporária — digo.

— Sim, justamente, temporária, foi o que eu disse a ela. Quanto tempo você falou que o bebê ia ficar, quatro semanas?

— No máximo.

— O imóvel está mobiliado. Ele costuma ficar vazio, só precisa pagar o gás e outras despesas pequenas.

Posso ir visitar o apartamento amanhã.

Após agradecer, vejo que frei Tomás ainda tem algo a dizer. Declara que os monges estão muito satisfeitos por tudo que fiz pelas rosas até aqui, que compreendem perfeitamente a mudança momentânea ocorrida na minha

situação e que naturalmente contam comigo quando as circunstâncias permitirem.

— Você pode ir ao jardim se encontrar alguém para cuidar da pequena. Não falou que ela tirava um soninho no meio da tarde? Frei Martinho a princípio não tem nada contra a rosa-trepadeira, mas compartilha o mesmo medo de frei Tiago, de que isso atraia insetos para a casa. Ele me pede para lembrar que o quarto dele dá para o sul. Para o mesmo lado que o quarto de frei Estêvão, que é alérgico a pólen.

# Quarenta e seis

Meu primeiro lar fora da casa paterna fica no primeiro andar de um prédio com a fachada verde-clara. O apartamento é todo ao comprido, com os dois cômodos enfileirados, e tem um pé-direito impressionante, sem qualquer proporção com a exiguidade do local.

— Seis metros — diz a mulher, me mostrando seis dedos, quando me vê erguer os olhos para o teto. O quarto, uma extensão da sala, tem uma cama de casal em madeira trabalhada e as paredes são forradas com um papel com gladiolos brancos sobre um fundo vermelho-escuro. Pendurado acima da cama, um quadro com aspecto de velho.

— A fuga do Egito — explica a mulher, para falar alguma coisa. Os móveis parecem peças de museu, procedentes de algum antigo solar. Apesar disso, o apartamento é limpo, claro e não há enfeites fora duas estatuetas de gesso pintado sobre a cômoda do quarto, representando um ancião curvado com uma auréola na cabeça e um homem em batina de monge segurando uma criança nos braços, igualmente aureolada.

— São José e santo Antônio de Pádua — esclarece a mulher. Conta que o apartamento é da irmã, que se mudou com todos os seus pertences, daí ele estar vazio a maior parte do tempo.

O outro cômodo é maior; é uma espécie de sala de estar, de jantar e cozinha, tudo em um. Há um sofá, que se abre e se transforma em cama, diz a mulher.

— Em caso de necessidade — acrescenta, me olhando de rabo de olho, como se admirada das atenções que o abade me dispensa.

O aluguel é insignificante; acho até que a mulher se enganou e só está me cobrando o gás.

— O gás é por fora — ela diz.



Há espelhos em toda parte. Conto sete ao todo, que têm como função fazer o apartamento parecer maior e lhe conferir o aspecto de uma espécie de labirinto. Tenho inclusive por um instante a impressão de que há três mulheres presentes. Sem qualquer experiência com bebês de nove meses, me ocorre que os espelhos poderiam divertir a menina.

— É uma coisa temporária — digo.

— Foi o que frei Tomás afirmou. Ele falou em seis semanas, para começar — diz a mulher —, e explicou que o senhor estaria com um bebê.

Ela me examina com vagar; deve achar que não levo jeito para pai.

Dou um relance no espelho ao meu lado e me vejo diante de um homem preocupado, cabelos ruivos recém-cortados. Pode até ser um excelente artifício para a solidão, mas é um pouco esquisito ver-se refletido à queima-roupa, estar o tempo todo consciente de si mesmo.

A mulher diz que vai me emprestar roupa de cama. Não tenho certeza de ter entendido bem se ela ia voltar imediatamente ou mais tarde e, na dúvida, não ousa sair dali.

Quando a mulher sai, deito-me na cama do quarto. No teto, a seis metros de altura, surgem vestígios de um afresco representando anjos perfilados em torno de um buraco azul que fura a abóbada celeste. No meio do azul do céu, uma pomba branca perdeu uma asa. Levanto-me para conhecer melhor o apartamento. Na mesa da sala de jantar há um vaso com flores de plástico. Ora, para mim uma casa sem flores vivas não é uma casa. Removo então o vaso e o guardo num armário vazio da cozinha.

— Onde estão as flores? — é a primeira pergunta que faz a mulher ao voltar, com uma pilha de lençóis passados nos braços.

Vou até o armário, abro-o e lhe estendo o vaso com flores de plástico sem uma palavra. Ela o pega e vai colocá-lo exatamente no mesmo lugar de antes, no centro da mesa. Depois que ela sai e fico sozinho na porta do meu primeiro apartamento, com as três chaves nas mãos, volto a guardar a decoração floral de plástico no armário. Abro então as grossas cortinas do quarto. São de veludo vermelho com bordados de lírios alaranjados e forro de seda. Tenho a impressão de que vieram de uma residência mais luxuosa. Na mosca! Ao revirar a barra, vê-se que foram encurtadas, e a bainha, refeita. As janelas descem mais baixo que o assoalho, dando para uma sacada com uma balaustrada, e resolvo instalar ali um banquinho e quatro ou cinco plantas ornamentais.

# Quarenta e sete

Meu vizinho no albergue resolve variar um pouco, e sua programação da semana vai contemplar filmes de juventude de estrelas esquecidas de Hollywood. Decido pular o que lançou Jane Wyman ao estrelato e fazer uma faxina na casa. Preciso arregaçar as mangas antes da chegada de mãe e filha e paro na loja da rua para comprar detergente aroma limão. É minha primeira compra na aldeia sem ser livros ou cartões-postais.

Certamente o bebê vai querer engatinhar no assoalho em seu macacão amarelo-claro. Afinal, minha filhinha de nove meses deve ter começado a engatinhar. Rumino que deveria ter feito a pergunta a Anna. Enquanto a água esquenta no boiler, percorro o apartamento e me pergunto se é um lar aconchegante. Como tornar um lar aconchegante? Não me ocorre outra ideia senão introduzir plantas. Não conheço as lojas e levo tempo para encontrar vasos de barro para as flores. Termino voltando para casa com um cravo, uma hortênsia, um lírio e uma rosa, que fui pegar no roseiral, além de alecrim, tomilho, manjerição e hortelã, cujos vasilhinhos disponho no parapeito da sacada.

Mais tarde farei outras compras para o novo lar. Várias perguntas continuam sem resposta. O trem deve chegar no fim da tarde. Será que a mãe vai me entregar a criança na plataforma da estação e regressar no trem seguinte ou virá comigo à aldeia para verificar o estado do apartamento? Se vier, ficará para jantar? Nesse caso, será um jantar formal, do tipo sentados à mesa? Já estou na aldeia há quase dois meses e não preparei uma única refeição. Decido estar pronto para tudo, apostando que Anna ficará para jantar. Por medida de precaução, imagino igualmente que ela terá de passar a noite no sofá a fim de pegar o trem do dia seguinte. Embora eu supostamente ajude meu pai pelo telefone a se lembrar de como mamãe fazia, meus conhecimentos em arte culinária são bem limitados. Eu nunca preparava nada para comer em casa, mesmo às vezes me demorando na cozinha com minha mãe. Meu batismo de

fogo na matéria aconteceu no mar, nas raras vezes que não conseguiram acordar o mestre-cuca de bordo. Mesmo tendo sido transferido das vísceras de bacalhau para a cozinha — onde consegui fritar croquetes de carne com cebola e costeletas de porco empanadas com molho agri-doce para a tripulação —, sou um zero à esquerda na cozinha. As costeletas chegavam já preparadas, passadas na farinha, e o molho agri-doce vinha de uma garrafa: bastava despejá-lo na panela. E depois eu fritava um ovo junto — era minha contribuição pessoal, que fez sucesso, de maneira que a marujada não reclamava muito. Eu também fazia ovos cozidos para o meu irmão Jósef, quando ele tinha fome. Ele não é reclamão e não faz nenhuma observação. Meus conhecimentos culinários param aí.

O que come um bebê de míseros nove meses? Digamos que minha filha tenha dois dentes na arcada superior e quatro na inferior, isso significa que ela pode comer carne moída amassada ou só papinha de legumes? Tento recapitular o que me sinto em condições de preparar sem passar vergonha. Acho que posso me sair honrosamente bem com croquetes de carne ao molho ferrugem, isto se encontrar os ingredientes certos.

# Quarenta e oito

Trabalho diariamente no jardim até a chegada de mãe e filha, reservando a última manhã para explorar a vila de uma nova perspectiva: as mercearias. Começo pelas ruas onde se vendem gêneros de primeira necessidade. O pão fica ao lado da carne; as frutas, legumes frescos e secos, feijões, geleias e café, na loja em frente. Salsichas, azeitonas, todo tipo de coisas em conserva estão no balcão envidraçado do açougueiro. Na praça, em frente à igreja, há queijos, presunto cru e mel. No açougue, não vejo carne moída e aponto para um pedaço de carne rósea sobre a bancada.

— É vitela — diz o açougueiro. Subitamente penso no meu pai e, sem saber por que, fico aliviado por não se tratar de porco.

— Sim, claro, vou levar um quilo — digo sem hesitação.

O açougueiro arruma o pedaço de carne sobre a bancada e corta oito filés com uma faca bem afiada que ele insere lentamente através do músculo sangrento, ao mesmo tempo que me observa de perto. Aventuro-me a apontar o dedo para um recipiente contendo alguma iguaria delicadamente marinada, que despertou meu interesse.

— Cem gramas — eu digo, em dialeto praticamente fluente, pois a mulher à minha frente pediu a mesma quantidade.

— Cem gramas? — pergunta o comerciante, erguendo uma sobrancelha, e me parece que os três fregueses também me observam. Em seguida, pesca com a escumadeira corações de alcachofra marinados, coloca-os sobre uma folha grossa de papel-manteiga, cujas duas pontas ele torce com agilidade, e lança o conjunto sobre a balança.

Quando chego em casa com as sacolas de compras nos braços, frei Marcos e frei Paulo já estão no meio da escada, carregando entre os dois uma bercinho branco gradeado. Estão em vias de fazer a curva no corredor do primeiro andar e parecem satisfeitos ao me verem. Os vizinhos de cima e de baixo

acompanham da soleira de suas portas os dois carregadores de batina branca com capuz.

— Trouxemos o berço — dizem. — Onde colocamos?

Não me lembro de ter dito a frei Tomás que eu precisava de um berço para a pequena. Deixo no chão as sacolas de compras e, quando finalmente encontro a chave do apartamento, ergo o berço com eles para acomodá-lo no quarto. Quando frei Marcos e frei Paulo partem, após recusarem o chá que ofereço, esvazio as sacolas e alinho seu conteúdo sobre a mesa da cozinha. Um quilo de batatas, oito filés de vitela batidos, cem gramas de coração de alcachofra marinado, uma garrafa d'água, leite, azeite, um pote de mel, queijo, sal e pimenta-do-reino.

Mãe e filha chegarão no fim da tarde e aproveito minha última passagem no jardim pela manhã para colher um buquê de rosas, que disponho no vaso que abrigava as flores de plástico. Em seguida vou bater à porta da vizinha do andar de cima, uma velha senhora de cabelos grisalhos, para lhe pedir emprestado seu ferro de passar. Um tanto espantada, ela me empresta assim mesmo, e eu passo a única camisa que trouxe do meu país — a mesma que eu usava no nascimento da minha filha Flóra Sól.

Mãe e filha estarão aqui às cinco horas e vejo-me completamente sem inspiração diante da carne recém-comprada. Termino voltando ao açougueiro e perguntando como devo preparar a carne que adquiri uma hora atrás. Ostento a minha camisa branca.

Ele não mostra nenhuma surpresa ante o meu procedimento.

— Não era vitela?

— Isso mesmo. Um quilo.

— Sim, oito filés, o suficiente para cinco adultos — ele diz.

— Sim, eram de fato oito filés — concordo. Começo a fazer progressos na língua, consigo formar frases simples e curtas e sustentar uma conversa.

— Aqueça a panela — ele diz —, ponha quatro colheres de sopa de óleo e então frite os bifes, primeiro de um lado, depois do outro. No fim, sal e pimenta a gosto. Não leva muito tempo.

— Quanto?

— Três minutos de cada lado.

— E o molho?

— Despeje vinho tinto na panela após ter fritado a carne e deixe cozinhar em fogo brando por um instante.

- Quanto tempo?
- Dois minutos.
- E o tempero?
- Sal e pimenta.

# Quarenta e nove

Ela está com a minha filha no colo ao desembarcar do trem. Não há muita gente na plataforma da estação, mas as duas destoam nitidamente dos outros passageiros e chamam atenção. Flóra Sól usa um vestido com flores cor-de-rosa, uma calça, sapatinhos cor-de-rosa e colete de tricô; cresceu, não é mais um bebezinho. Na cabeça, amarrada no queixo, uma touca amarela, da qual escapam dois cachos louros. Observo a pequena, fruto de um instante de gozo carnal, que não vejo há dois meses e ela me olha de volta com seus grandes olhos de água-marinha, entre curiosa e hesitante. Anna veste um casaco azul-marinho. Tem o cabelo preso num rabo de cavalo. Está visivelmente cansada da viagem; também parece sentir frio, embora faça calor e eu mesmo esteja em mangas de camisa. A primeira coisa que me passa pela cabeça ao vê-la descer do trem é que eu deveria ter feito um esforço para conhecê-la melhor. Três anos atrás, eu não teria notado uma garota como ela na rua; hoje, seria diferente, pois não sou mais o mesmo homem. Mãe e filha me estudam gravemente. Visto uma camisa que acabei de passar e aparei o cabelo — não posso fazer melhor. Cumprimento Anna com um beijo na face e sorrio para a minha filha. Ela me devolve um sorriso molhado, com suas bochechas róseas com covinhas num rosto pálido de porcelana. Um brilho intenso espalha-se ao seu redor. Ela estende os braços para mim. A mãe olha para ela com espanto, depois poussa os olhos em mim, como se a menina a houvesse de certa forma traído, simpaticizando de cara com um pai desconhecido. Mesmo assim, passa minha filha para mim. Ela pesa aproximadamente o mesmo que um cãozinho e é toda macia. Fica se agitando no meu colo. Faço-lhe um carinho na bochecha.

— Ela não tem medo de estranhos — explica a mãe. — Confia nas pessoas.

Vejo-me efetivamente forçado a me perguntar como duas pessoas que não se conhecem puderam fabricar uma criança tão divina em condições tão

precárias e inadequadas como as de uma estufa. Quase sinto uma pontada de culpa. Um monte de gente faz tudo certo: cortejam-se de maneira construtiva, acumulam pouco a pouco o enxoval da casa, fundam um lar, têm a maturidade necessária para resolver suas diferenças, pagam suas contas, e nem assim conseguem conceber o filho de seus sonhos.

São quinze minutos da estação à aldeia. O carro amarelo-limão, que não foi usado nos dois últimos meses, nos leva sem contratempos ao nosso destino.

— É realmente uma beleza isso aqui — diz Anna, quando nos aproximamos da aldeia. — De qualquer maneira, é mais isolado do que eu pensava — acrescenta.

Explico que a partir daquele ponto é muito íngreme e devemos continuar a pé.

— O quarto que eu alugo fica atrás da igreja — digo, apontando o dedo para o topo da colina, coroada pela aldeia, onde recentemente havia me instalado. O mosteiro se esparrama sob os nossos olhos; decido, no entanto, que é prematuro mencionar o roseiral.

Anna tem um carrinho de bebê desdobrável que abrimos para acomodar as bagagens; depois disso, pego uma garrafa de vinho para o molho da caixa que o dono do restaurante me deu e enfio outras duas na rede embaixo do carrinho. Eu tinha esquecido o vinho, mas agora vejo que posso levar uma garrafa para frei Tomás. Carrego minha filha no colo para subirmos a escarpa e ela olha em volta com curiosidade. Enquanto caminhamos, observo a jovem mulher ao meu lado. Belo perfil.

— Tem notícias de Thorlák?

O que teria me dado para pedir notícias dele?

— Não, nunca mais ouvi falar dele desde que nos despedimos no seu aniversário, faz um ano e meio — ela diz, rindo.

Alegra-me o fato de ela rir de minha pergunta estúpida. Seus olhos são verdes cor do mar; agora posso acrescentar a tonalidade dos olhos que faltava à sua descrição. Tem também um belo sorriso; não é nada difícil admirá-la e, uma vez que o destino quis que eu procriasse, admito que fico feliz por ter sido com ela. Não faz meia hora que mãe e filha desembarcaram do trem e o tempo que passamos juntos até agora já é suficiente para que eu sinta vontade de dizer à mãe de minha filha que não tenho nada contra ser seu amigo e planejar junto com ela o aniversário da pequena, que estaria disposto inclusive a retornar ao nosso país antes da Páscoa para podar as árvores do jardim dela — não digo do



jardim *deles*, considerando a eventualidade de um marido. E então me dou conta de que não é nem lugar nem hora para ser sincero.

Sem perguntar quando ela vai pegar o trem de volta, digo que preparei alguma coisa para o jantar, deixando subentendido que ela está convidada. Já assei a vitela e fervei as batatas, só falta preparar o molho.

— Foi um tremendo sufoco — digo. — Confesso que não sou muito bom na cozinha.

Outro sorriso de sua parte, caloroso.

Anna parece perplexa ao entrar no apartamento.

— É um apartamento incrível — diz —, como se tivesse saído de um conto de fadas. — Entra no quarto e acaricia o papel de parede com amarílis vermelhas. — E além disso é cheio de flores — acrescenta, espiando a cozinha, enquanto abro para ela a porta da pequena sacada. Pelo tom de sua voz, ela bem poderia estar emocionada. Desde o instante em que mãe e filha puseram os pés na minha residência, meu primeiro esboço de lar, é como se tudo ficasse mais claro, como se o apartamento se enchesse de luz. — Tem certeza de que vai dar certo? — ela pergunta, dando uma espiada em volta. Não faço a menor ideia de quais são seus sentimentos.

Continuo com a criança no colo. A fralda está um pouco pesada. Não me admiraria se estivesse na hora de trocá-la.

— Pois é, arranjei um berço — digo, desamarrando a touca da minha filhinha. Agora ela tem uma leve penugem loura, em especial na testa, onde estão os cachos. Fico de frente para o espelho para nos vermos juntos, minha filha e eu. Ela é toda em miniatura, e nenhuma semelhança óbvia salta aos olhos. Acaricio sua cabecinha.

— Ela tem exatamente as suas orelhas — diz a futura geneticista, me acompanhando com o olhar.

Anna tem razão, as orelhas têm a mesma forma, como saídas do mesmo molde, com o mesmo debrum, o mesmo tipo de lóbulo. Comparo furtivamente a criança à sua mãe com olhos de água-marinha, sem notar semelhança gritante, exceto o desenho da boca, que é idêntico: dois exemplares de boca em forma de cereja. Afora as orelhas e a boca em cereja, nossa filha não se parece senão consigo mesma, como se tivesse outra origem. Apesar de tudo, sem saber direito o que, vejo alguma coisa da minha mãe, talvez as covinhas, mas não proporcionarei ao meu pai a satisfação de lhe apontar esse fato. E

também havia sempre sol onde mamãe estava, independentemente do tempo que fazia do lado de fora. Ela era, por assim dizer, radiante. Nas fotografias, é como se um holofote a iluminasse: ali onde várias pessoas aparecem no retrato, ela é a única cuja face resplandece, parecendo até que o filme foi superexposto. Havia luz nos cabelos de mamãe, como nos da pequena, como se alguém os houvesse polvilhado com lantejoulas cintilantes, e havia luz em seu sorriso — confesso sem pudor meu sentimentalismo no que se refere a mamãe, sentia isso quando ela estava viva e continuo sentindo. E, além disso, eu nasci branquelo com um tufo de cabelos ruivos; e meu irmão gêmeo, moreno com cabelos e olhos escuros. Sinto uma vontade repentina de mostrar a Anna um retrato de mamãe, mas percebo não ser o momento certo de reivindicar a parte bonita dessa criança, não agora quando Anna vai se despedir dela e deve estar particularmente vulnerável.

— Ela é extraordinariamente dócil e boazinha — diz a mãe. — Sempre alegre e de bom humor, dorme a noite inteira e acorda com um sorriso.

Passamos da cozinha ao quarto.

— Não desgrude o olho dela. É muito curiosa e se mete em tudo que é lugar, podendo entrar num armário ou se enfiar debaixo da cama. Também mexe nas tomadas. Mesmo sendo uma criança precoce e mais adiantada que as meninas da idade dela, não tem qualquer noção do perigo. Fiz uma lista — acrescenta — das coisas mais importantes.

Tira do bolso um papel dobrado.

— O que ela pode comer e o que não pode.

— Tem alguma coisa que ela não pode comer?

— Claro, você tem que amassar a comida, ela só tem seis dentes, além dos dois que estão para nascer.

Abre então uma bolsa especial, mostra onde tudo está arrumado e me deixa treinar trocar a pequena. Deito a criança na cama de casal.

— Não precisa tirar tudo quando for trocá-la — diz a mãe, que me orienta.

Levanto o vestidinho florido e tiro a meia-calça. Depois solto as presilhas de uma espécie de malha. Falta só a fralda. Minha filha sorri de orelha a orelha, depois sopra, emitindo, para terminar, um som que se transforma em monossílabos: pá, pá, pá, pá.

— Ela não está dizendo papai, está exercitando as consoantes — apressa-se a dizer Anna, cuja voz parece prestes a se apagar. Ela deve estar cansada. A

pequena, em contrapartida, parece satisfeita e cheia de energia.

Tiro a fralda. Não resta dúvida de que é menina.

— Não é sempre que a gente usa o talco ou a pomada — explica Anna.

Ela permanece ao meu lado e fiscaliza tudo, com ares de preocupação. Subo um pouco a malha, e vejo aparecer uma barriga redonda, em cujo topo reina um pequeno umbigo em relevo parecido com um botão de campainha. Ela tem um sinal minúsculo na virilha, igualzinho a mim. São então duas as características que a criança herdou do lado do pai: o lóbulo das orelhas e o sinal — três, se incluirmos as covinhas de minha mãe. Não resisto e me abaixo para assoprar de leve sobre a barriga. A pequena ri. Abaixo mais um pouco e dou um beijo na barriguinha. A menina cheira bem. Não tenho muita certeza de como a mãe que acompanha tudo isso vai encarar a coisa; sua expressão é indecifrável, como se fosse cair no choro.

— Está acostumado a lidar com crianças? — pergunta Anna.

Ela me encara como se começasse a se arrepender de tudo aquilo.

— Nem tanto.

E é verdade. Não julgo apropriado contar que ainda dou a mão para o meu irmão gêmeo especial.

— Mas isso não me dá medo — digo, para completar meu pensamento.

Quando termino de trocá-la, a pequena estende os braços e sorri para mim. Devolvo-lhe o sorriso. Ela continua esticando os braços e contraindo o abdome. Não está mais sorrindo, na verdade começou a gemer, embora não se vejam lágrimas. No fim, vira de bruços e depois senta sozinha.

— Ela quer colo — diz minha intérprete, parecendo um pouco aliviada.

Debruço-me e ergo a criança da cama. Aprendo então o funcionamento do carrinho. Há duas posições. Assim, a criança pode ficar sentada e observar as pessoas e o ambiente. A propósito, Flóra Sól se interessa muito pelas pessoas e pelo que a cerca, diz a mãe. E além disso tem a outra posição. Assim, ela diz, apertando um botão que faz o fundo subir automaticamente. Arma-se então uma caminha, onde Flóra Sól pode dormir. Concordo, não parece complicado. Apesar de não estar seguro de haver compreendido tudo corretamente, acho que dá para me virar, posso treinar os ajustes quando a pequena dormir.

— Ela tem três chupetas — diz a mãe.

Pendura a bolsa cor-de-rosa no meu ombro para mostrar como transportá-la de um lado para outro. Cisma igualmente de me explicar como funciona a bolsa. É uma espécie de caixa de ferramentas maleável, comportando uma

profusão de bolsos e compartimentos, onde é possível armazenar fraldas sobressalentes, malhas suplementares, pomada, chupeta e lenços umedecidos, esclarece Anna. Com a diferença de que é possível abri-la de todos os lados e desdobrar as abas para transformá-la num apoio que serve de fraldário. Tudo isso, e muito mais ainda, foi assimilado pela mãe da criança no lapso de nove meses. Admiro a desenvoltura da futura geneticista. Como uma jovem estudante de genética humana pode se transformar em mãe em tão pouco tempo?

— Serão quatro semanas no máximo — ela diz, com a expressão de alguém que não tem qualquer controle da situação. — Três e meia, se tudo correr bem.

— Não se preocupe — digo.

— Tem certeza de que vai dar certo? — ela pergunta, embora eu lhe tenha assegurado, sem muita convicção e em duas oportunidades, que tudo se arranjará da melhor forma possível. Ergo a pequena para lhe mostrar que será fácil e que não me assusta ficar sozinho durante quatro semanas com uma criança alegre e risonha. Em seguida ela coloca a mãozinha no meu rosto para alisar minha face, ciente de sua responsabilidade.

— Ela é muito carinhosa, adora acariciar as pessoas — explica a mãe.

— *Pa-pa* — diz a minha filha, recostando a cabeça no meu ombro ou, mais exatamente, sob a minha face.

— Essa monografia vai ser uma pedreira; além disso, tenho que resolver a questão do alojamento e preencher os formulários de matrícula na faculdade. Claro, pode ligar quando precisar — ela conclui, me estendendo um pedaço de papel com dois números de telefone. — Se eu não atender, deixe uma mensagem.

Faz novamente a expressão de alguém prestes a cair no choro. É nesse momento que me lembro do jantar que passei metade do dia preparando.

— Fiz alguma coisa pra gente comer — repito, sem que me ocorra lhe perguntar o horário do trem.

— Obrigada — ela diz, bastante satisfeita.

Faz tempo que deixei tudo preparado, de maneira que só preciso requeentar a carne e as batatas e diluir o molho no vinho tinto. Não me atrevi a perguntar ao açougueiro acerca da guarnição; cozinhei então batatas, cenouras e repolho juntos numa panela. Afasto o vaso com as rosas e ponho talheres para três; dois

pratos lado a lado e um em frente. As duas me observam. Anna vai pegar um copinho com bico e tampa para a pequena e o coloca ao lado de um dos pratos vizinhos.

— Flóra Sól pode comer carne se você picar — ela diz.

Anna repete o prato e me faz elogios entusiásticos. Óbvio que estava faminta.

— Está uma delícia — diz.

Acompanhando a carne, tomamos o resto do vinho que serviu para fazer o molho. Papai tinha preparado uma sobremesa quando me despedi dele, mas isso não me ocorreu.

— Meu trem sai amanhã de manhã, será que incomodo se passar a noite aqui? — ela pergunta, sem me olhar nos olhos. — Posso dormir no sofá — apressa-se em acrescentar, checando o aparato do lar.

Cedo a cama de casal para a mãe e a criança e abro o sofá-cama. Anna despe a pequena e a veste com um macacão estampado com cãezinhos para a noite. Passa creme nas faces da filha, escova oito dentes de leite e afasta os cachos da testa com a ajuda de uma escova macia. Depois vem a mim com a criança para que ela me dê um beijo de boa-noite. A pequena enfia sozinha a chupeta na boca e a vejo recostar a cabeça no ombro da mãe, no momento em que ambas desaparecem no quarto.

Lavo a louça e Anna reaparece ao cabo de um instante; está cansada e vai dormir com a pequena.

— Muito obrigada pelo excelente jantar — ela diz. — E obrigada por ser tão compreensivo, com Flóra Sól. Está salvando minha vida, fique sabendo.

Então me dá boa-noite.

— Boa noite.

— Boa noite.

Esquisito saber que mãe e filha estão no quarto ao lado; é como na maternidade há nove meses, quando dormimos sob o mesmo teto. Pergunto-me se seria apropriado, sair esta noite, mas não me vejo deixando Anna sozinha no apartamento com a pequena. Tampouco me adiantaria ir às apalpadelas no escuro até o roseiral. E embora eu sem dúvida seja bem-vindo para assistir a um filme bebericando um licor de cassis no quarto de frei Tomás, na rua ao lado, constato no relógio de parede que já perdi metade da sessão.

# Cinquenta

Acordo cedo na manhã seguinte. Na véspera, comprei tudo de que precisava para o jantar; agora vou comprar o café da manhã. E, pela primeira vez em dois meses, não vou ao jardim.

Depois de algumas hesitações quanto ao que comprar, levo para casa um pacote de café, chá, pão, manteiga, bananas, queijo e flocos de aveia. Para terminar, pego também dois brioches. Leite eu comprei ontem.

Quando mãe e filha, que acabam de acordar, aparecem com as faces rosadas, já terminei de preparar o mingau. Aprendi isso com papai, que de manhã sempre preparava um mingau para Jósef e para mim. Anna usa uma camiseta azul-celeste com algo escrito, está de óculos e fez um rabo de cavalo. Por essa eu não esperava, que ela aparecesse de camiseta azul-celeste com dizeres na frente — são duas palavras, à primeira vista em finlandês. Ela me passa a nossa filhinha. Flóra Sól usa uma touquinha, que prende os cachos da sua testa.

Estamos sentados os três à mesa do café da manhã como uma família. Dou de comer à pequena, que abre o bocão depois de cada colherada, como um passarinho faminto. Descasco então uma banana e lhe dou a fruta, que ela agarra com as duas mãos e come sozinha.

— Menina boazinha — digo.

Engolida a banana, dedos gosmentos exploram meu rosto e ganham um beijinho.

Anna parece sentir-se melhor do que ontem à noite; dá a impressão de estar descansada. No entanto, se não está preocupada, tem a cabeça longe, como se nem notasse minha presença à mesa.

— É finlandês? — pergunto, apontando a camiseta.

— É, um congresso de biologia — ela responde, sorrindo. Depois se levanta e vai ao quarto juntar suas coisas.

— O trem sai às onze — diz.

Permaneço sentado à mesa, a pequena no colo.

Quando a mãe volta, toma a criança nos braços e a aperta contra si. A pequena sorri e diz *ma-ma*.

Anna não quer que a acompanhem até a estação; vai pegar o ônibus.

— Ela pode cair no choro — explica. — Ela é boazinha e pouco exigente, mas tem seu geniozinho.

— Compreendo — digo, enquanto minha filhinha encosta o rosto no meu e deixa seus dedinhos vagarem pelos meus maxilares recém-barbeados.

— Voltarei dentro de três ou quatro semanas, antes de um mês — diz a mãe.

— Já disse para não se preocupar. Boa viagem. — Não quero que ela perceba minha inquietude.

Ela beija a criança. Depois me dá dois beijos, um em cada face. A pequena sabe dizer até logo agitando a mão. Nem uma nem a outra chora.

— Confio em você — ela diz.

— Não se preocupe — repito —, cuidarei bem dela.

A pequena faz de novo até logo com a mão para a mãe.

Acabo de fechar a porta quando batem. Abro, com Flóra Sól no colo.

— Esqueci uma coisa — diz Anna, na soleira da porta. Puxa o zíper da bolsa e tira um embrulho.

— É da parte do seu pai. Junto com um beijo, claro. Desculpe ter esquecido.

Estende-me um pacote mole embrulhado em papel natalino e amarrado com uma fita verde frisada nas duas pontas. O mesmo tipo de papel que embrulhava o pijama.

Recebo o embrulho e lhe passo nossa filha — toma lá dá cá. Ela beija a pequena na face e a aperta contra si como se não se vissem há séculos. A mala está ali, na entrada do corredor. Pergunto-me se posso evitar abrir o embrulho na presença de Anna, mas a pequena me acompanha com os olhos, interessada; ambas olham para mim, esperando que eu o abra. De maneira que não tenho escolha. O embrulho contém um suéter em tricô azul com um babador branco e amarelo, para criança de dois a três anos. A roupa cheira bem, a sabão em pó. Da carta anexa deduz-se que o suéter tinha sido meu, “como você deve ter desconfiado”, ele escreve, “foi sua falecida mãe que o tricou; aliás, um suéter

para cada um dos gêmeos, quando vocês fizeram três anos. Este deve ter sido o de Jósef, pois você era um vândalo com suas roupas, enquanto seu irmão era o contrário: não estragava nada, nem roupas nem livros nem brinquedos”, prossegue a carta. “Uma vez que você foi premiado com a sorte e o milagre de ter uma filha adorável com uma mulher boa e bonita, espero que o suéter lhe seja útil. Não só isso dará prazer à sua falecida mãe, como criará uma ponte entre as gerações e fortalecerá os laços da criança com o ramo paterno, embora esse presentinho de família seja mais simbólico do que realmente útil, num lugar onde as ventanias do sul fustigam praias exóticas e considerando o tamanho da roupa, grande para um bebezinho.” A carta terminava com votos de que minha filha crescesse dentro daquele suéter tricotado há exatamente dezenove anos por uma boa mulher para um garotinho de três anos, para grande felicidade e alegria de seu avô na terra e de sua avó no céu. O embrulho continha igualmente o caderno da minha mãe, com suas receitas redigidas à mão.

“Fiz uma cópia para mim”, escreve meu pai, “deixo o original com você.” Abro o caderno gasto e folheio rapidamente suas páginas, das quais um bom número foi arrancado. O que mais há são receitas de docinhos, mas encontro também sopa de cacau com biscoito e creme de leite batido.

— Seu pai às vezes nos faz uma visita — diz, hesitante, a mãe de minha filha, na porta.

Quer dizer então que meu pai visitou a neta e sua mãe sem que eu tivesse conhecimento.

— Também fomos algumas vezes à casa dele — diz Anna. — Ele me mostrou um retrato seu quando você tinha cinco anos, sardento, calçando botas enormes e também o retrato da formatura e seus boletins com as notas, de que ele tem o maior orgulho.

Ela parece sinceramente encantada com papai.

— Como é que ele chama você mesmo? Acho que utiliza uma porção de apelidos: Lobbi, Addi, Dabbi?

— É, é verdade. Quando ele me chama de Dabbi, é porque vai falar do meu futuro, do que eu deveria fazer na vida.

Ela ri, rimos os dois. Estou aliviado, ela também.

Em seguida me despeço de Anna pela segunda vez desejando-lhe uma boa viagem e repito que ela não precisa se preocupar. Ser homem é poder dizer a uma mulher que não se preocupe com nada.



Coloco minha filha no meio da cama de casal e abro a bolsa que vem junto com a criança para arrumar seu conteúdo nas prateleiras vazias do armário.

Nela, há camisas de algodão, casaquinhos em quantidade, todo tipo de calças macias com elástico na cintura e nos tornozelos, uma quantidade incrível de malhas, suéteres em jérsei, toucas, dois vestidos e um casaco impermeável minúsculo, tudo limpo e meticulosamente dobrado. Também há alguns brinquedos; uma boneca, três bichos de pelúcia, um quebra-cabeças e cubos com letras. A pequena gira de bruços e se lança até a beira da cama. Com os pés à frente, rasteja para trás feito uma lagartixa, um paramilitar num campo de treinamento. Os pés alcançam a beirada da cama. Ela os deixa escorregar prudentemente até o chão.

— Menina esperta — eu digo bem alto.

Ela permanece recostada na cama, sorrindo de orelha a orelha, sobre suas perninhas vacilantes, cujo modo de usar ela começa a estudar, com seus joelhos cheios de dobrinhas.

Mesmo eu tendo limpado tudo com o produto de limão, não faço muita questão de que ela engatinhe no assoalho frio, sem contar que ela pode achar alguma coisa e colocar na boca.

— Não, não — eu digo —, engatinhar no chão, não.

Recolho-a e a coloco, como um cãozinho, de quatro no meio da cama de casal.

— Engatinhar aqui — eu digo. Minhas mensagens são claras, em frases que se limitam a duas, três palavras no máximo: sujeito, verbo e complemento. E depois acrescento baixinho, só para experimentar essas palavras novas e estrangeiras na minha boca, como se fizessem parte de uma nova definição de mim mesmo, como se agora ocupassem o cerne da minha vida nova:

— A filhinha do papai engatinha aqui.

A pequena repete a brincadeira e escorrega novamente para o chão, os pés à frente, após um segundo percurso.

Recolho-a e a recoloco na cama, amparando-a pela barriga. Ela se põe automaticamente de quatro e se projeta engatinhando até a beirada da cama, então se volta e deixa os pés escorregarem até o chão. Leva meio minuto para recomençar a manobra. Na quarta vez que a recolho e a coloco na cama, ela está cansada e irritadiça. Está farta da brincadeira e me odeia por restringir sua liberdade e possibilidades de exploração. Também estou cansado. Não

passaram vinte minutos desde que sua mãe partiu e já estou no fim das forças. A mãe disse que a pequena dormia durante umas três horas à tarde. Perguntei quantas vezes precisava trocar a fralda, ou esqueci? Ela me respondeu? Está na hora de trocar?

# Cinquenta e um

Meia hora depois, batem novamente à porta. Suponho que seja a vizinha para pegar o ferro de passar que me esqueci de devolver na véspera. É Anna de novo.

Ela hesita na porta, com a mala na mão.

— Eu estava pensando — diz, olhando para o chão —, quer dizer, se você não achar inconveniente — ela continua como se recitasse a introdução do que seguiria —, que talvez eu pudesse terminar minha monografia aqui em vez de partir. Enquanto isso, vocês se conhecem; também seria melhor para Flóra Sól, quer dizer, ela se acostumar com você comigo por aqui. Quer dizer, isso se você não tiver nada contra — diz, hesitante. Está cheia de melindres, pois não quer ir embora. — Eu dormiria no sofá da sala, claro — acrescenta rapidamente —, assim você poderia continuar no quarto.

Em seguida, dá um passo vacilante para dentro do apartamento e se abaixa para levantar minha filha, que se diverte com os cubos, como se enfatizasse que a criança não pode prescindir dela. Recua alguns passos com a pequena até a porta, na expectativa de minha reação e também porque não a convidei formalmente para entrar de novo. A rigor, ela já me entregou a criança. Minha filha olha para a mãe com compreensão e, ao que parece, solidariedade. Mãe e filha me olham ambas da porta e aguardam minha reação.

— Eu também poderia me hospedar no albergue — ela diz, os olhos cravados no chão. Ela tem um belo pescoço e uma bela nuca. — De qualquer forma, passarei o dia na biblioteca.

Vendo a que ponto ela sofre, não me ocorre outra coisa para amenizar o instante a não ser roçar no seu braço e dizer:

— Claro que você pode ficar aqui — e minha voz treme um pouquinho.

Digo isso sem me dar conta da velocidade com que minha vida está mudando.

— Não tenho como agradecer — ela diz baixinho. — Se acha mesmo que vai dar certo.

Não resta dúvida de que ela está aliviada, parece quase feliz.

Comecei por lhe ceder minha cama e me instalar no sofá por uma noite e acabo de convidá-la para hospedar-se na minha casa e redigir sua monografia aqui. Julgo normal refletir sobre o vespeiro em que me meti. O que isso significa? Que ela vai morar na minha casa com a criança e impor suas regras? Contudo, lá no fundo, e de uma maneira espantosa e confusa ao mesmo tempo, estou contente.

— Não quer começar sua monografia enquanto dou uma volta com Flóra Sól no carrinho? — digo. E acrescento: — Podem ficar com o quarto, eu durmo no sofá.

Ela pega a mala e a leva direto para o quarto. Depois, volta com um livro grosso debaixo do braço, senta-se à mesa da cozinha, folheia para encontrar um capítulo no meio do livro e põe-se a estudar genética.

# Cinquenta e dois

Fui uma criança com otite, então amarro a touca azul com babado de renda no queixo da minha filha antes de sairmos, certificando-me, em todo caso, de que seus dois cachos aparecem. Parto com minha filha para uma volta na aldeia. O mínimo que se pode dizer é que chamo atenção com o carrinho. Quando estou com a pequena, a atitude dos moradores é completamente diferente e muito mais simpática do que quando estou sozinho. Também observo uma coisa na qual não tinha prestado atenção antes: a ausência de crianças nas ruas da aldeia; esta manhã sou a única pessoa com um bebê no vilarejo.

Ajeito minha filha de modo que ela fique sentada bem reta e possa observar os passantes, que, por sua vez, olham para ela. Ela atrai interesse e admiração ao longo de todo o nosso primeiro passeio pela rua principal. As mulheres parecem me conceder mais atenção nesses primeiros quinze minutos com o carrinho do que fizeram nos dois meses que passei sozinho no lugar. Acho a vida afetiva das mulheres muito complexa e as reações, não raro, imprevisíveis. No fim de quatro idas e vindas com o carrinho pela rua da aldeia, tenho a ideia de ir à igreja com minha filha para lhe mostrar o retábulo com o menino Jesus parecido com ela.

A irregularidade das lajotas faz o carrinho trepidar e o deixo no portal da entrada, sob a efígie do Juízo Final, sem porém me esquecer de levar uma chupeta. Não posso imaginar que alguém tenha alguma coisa contra a presença de um bebê na igreja durante o desenrolar da missa. Nos bancos, estão sentadas algumas idosas. Não me encaminho imediatamente até o quadro, sento-me antes na parte de trás da nave para que minha filha se habitue à penumbra. Então progredimos por etapas na direção do coro e começo por lhe mostrar as outras imagens, uma depois da outra, lendo o texto de todas as plaquinhas em voz alta. Nós nos demoramos diante de cada obra. A pequena está interessada e animada no meu colo. Após admirarmos Maria Madalena com seus longos

cabelos ruivos, detenho-me diante de são José. A pintura mostra um velho com os ombros curvados, torturado pela vida. Enfio uma moeda no tronco e acendo um círio. Na plaquinha, está dito que são José foi um marido fiel, trabalhador e piedoso. Era pai adotivo, penso comigo, e assumiu o papel que o destino lhe reservou. Quanto a mim, não sou um pai adotivo como José; minha filha tem lóbulos de orelha iguais aos meus e uma pinta no mesmo lugar na virilha, ela é carne da minha carne, se assim posso me exprimir, teologicamente falando. Seja como for, tenho simpatia por são José. Ele deve ter tido noites muito solitárias.

— José, velho irmão — eu digo, sorrindo. Lembro-me então do cartão que eu ia justamente enviar a Jósef, que gosta tanto de colecionar selos.

— É um menino — eu digo, quando chegamos a Maria no trono com o menino Jesus. Minha filha para de se sacudir nos meus braços e se imobiliza, seriíssima. Arregala os olhos para o seu sósia com faces róseas, covinhas e dois cachos louros na testa. Agora que estou com minha filha ao lado do quadro, não me resta senão constatar a semelhança impressionante entre os dois. Até as orelhas são idênticas; eu não tinha notado antes o lóbulo da orelha do menino Jesus. Uma mulher está curvada diante do retábulo e, quando se levanta, olha várias vezes com surpresa e alternadamente para minha filha e para a criança do quadro. Sei o que ela supõe.

Na saída da igreja, peço alguns esclarecimentos sobre o quadro à senhora que vende santos de plástico num pequeno balcão na entrada. Ela me diz que sua origem suscita mais perguntas do que respostas. Por curiosidade — e também porque às vezes a interrogam —, ela tentou se informar sobre o retábulo, em especial junto a frei Tomás, que é o mais entendido em matéria de quadros, mas não conseguiu descobrir nada — nem mesmo seu autor é bem conhecido.

— Em todo caso, o quadro é considerado obra de uma pintora obscura, filha de um mestre da província vizinha, por sua vez caído no esquecimento — diz a mulher, dando à pequena um santo de plástico para ela ver. A criança passa o pequeno indicador pela auréola dourada.

# Cinquenta e três

Agora são os mantimentos que mais me preocupam. Eu não esperava ter de preparar mais de um jantar para a mãe e a pequena, e de uma hora para outra, praticamente sem aviso prévio e sem que tenha sido explicitamente formulado, vejo-me mergulhado numa vida de família, com mulher e filha — que para falar a verdade dormem no quarto ao lado. A coisa acontece sem que eu amadureça uma decisão a respeito ou tenha tempo de me preparar. Daqui para a frente terei de mudar o caráter de minhas compras a fim de prover as necessidades de três pessoas.

O que Anna gosta de comer? Entre dois iogurtes, ela prefere o de framboesas ou mirtilos? Devemos sempre temer o talento das mulheres para a interpretação. Anna, contudo, não é do tipo que verifica a porcentagem de gordura e depois encara você com ar acusador, como acontece por aí. Se é lícito tirar conclusões do último jantar, Anna come tudo que eu boto na mesa, elogia a comida e repete o prato.

— Posso terminar o que sobrou? — ela pergunta, quando acabo de comer. Ela então liquida com a carne, raspando o molho da panela.

Embora não seja muito confortável andar de um lado para outro com um carrinho de bebê, confesso que é maravilhoso poder empilhar gêneros alimentícios no cesto, bem como aos pés do bebê. Não tenho qualquer experiência em fazer compras, mas começamos pela quitanda, onde compro três unidades de cada fruta porque agora somos três no lar. São três maçãs, três laranjas, três peras, três kiwis e três bananas, porque Flóra Sól diz *ba-ba-ba-ba* apontando uma banana com o dedo. Acrescento morangos e framboesas. Em seguida, compro mais um quilo de batatas, pois preciso pensar no jantar; provavelmente vou acabar fazendo vitela com batatas cozidas, como ontem. Sem saber como refogar, compro também os mais diferentes legumes. O quitandeiro acomoda prontamente numa sacola de papel o que aponto com o

dedo e rabisca algarismos numa folha. Com os legumes, procedo da mesma maneira que com as frutas: três tomates, três cebolas, três alhos-porós e três unidades de alguma coisa roxa, que não sei direito se é fruta ou legume.

Saindo do açougueiro com a carne de vitela, cruzo com frei Tomás, que me cumprimenta com um aperto de mão e se põe a fitar a pequena como se descobrisse uma nova verdade. Flóra Sól se agita e me faz entender que deseja sair do carrinho e ser apresentada ao abade. Levanto-a e a seguro no colo enquanto converso com ele, enfatizando com isso minha função de pai. Minha filha sorri para frei Tomás e ele lhe dá um tapinha na cabeça, o que a intimida, fazendo-a recostar a cabeça no meu ombro.

— Menina bonita e esperta — ele diz. — Vocês dois provavelmente reduziram a média etária da aldeia; não há muitos jovens por aqui.

Comunico ao abade que não poderei ir ao jardim nos próximos dois ou três dias, mas que voltarei. Vou arranjar uma babá para ficar com o bebê algumas horas à tarde. Não menciono Anna — para que complicar as coisas? —, com quem, aliás, preciso falar do jardim.

— Frei Matias vai regar na sua ausência — diz o abade.

Antes que eu possa me dar conta, pergunto se ele sabe algumas receitas.

— Não muito complicadas, não tenho muita experiência — completo.

Conto então que ontem fiz vitela com molho de vinho tinto, que deu certo e repetirei esta noite. Na próxima, seria bom mudar um pouco.

Minha atitude não parece pegar o abade desprevenido, ou pelo menos ele não deixa transparecer. Após revelar que não tem o hábito de cozinhar, diz que pode me indicar alguns filmes interessantes. Se tivesse que listar os que lhe vêm à cabeça no momento, citaria *A comilança*, *O cozinheiro*, *o ladrão*, *sua mulher e seu amante* — que não é nada convencional e talvez seja inadequado neste contexto. *Comer beber viver*, *Chocolate*, *A festa de Babette*, *Como água para chocolate*, *Amores expressos* e *Amor à flor da pele*, ele diz, desculpando-se pela tradução aproximativa dos títulos, feita de memória.

Um dos filmes, aliás, aborda exclusivamente o chocolate, num clima de luta entre o bem e o mal, no qual o padre da paróquia é o vilão e a mulher que fabrica o chocolate encarna o bem, diz frei Tomás, sorrindo alegremente, enquanto dirige uma saudação a uma velha que passa.

— Eles não informam nem as quantidades nem as proporções exatas — acrescenta.



De toda forma, segundo ele, os filmes podem me dar umas dicas culinárias. Convida a mim e minha filha para, terminadas as compras, passar no seu quarto para ver os vídeos.

Considerando que as compras estão encerradas e a pequena e eu não temos, a bem da verdade, nada de especial para fazer, vamos até o albergue. Ele retira alguns filmes das prateleiras e os coloca na escrivaninha. Depois escolhe um, abre a caixa e insere a fita no aparelho. Frei Tomás diz que nenhum diretor filmou tão bem a gula, mas ele precisa de uns minutos para encontrar a cena que me pode ser útil na cozinha. A pequena o observa com interesse.

Na tela, surgem rostos asiáticos; as mulheres exibem penteados extravagantes e belos vestidos. A sequência escolhida por frei Tomás para mim dura cerca de dois minutos e mostra pessoas caminhando por um labirinto úmido de becos estreitos, carregando tigelas cheias de sopa de aletria.

No segundo filme selecionado pelo abade, trata-se da cena inicial, em que vemos o herói decapitar um galo com um facão afiado e prepará-lo de uma maneira complicada num tempo recorde. O que prende minha atenção é a bela coleção de facas do herói: centenas cobrem uma parede inteira da cozinha no segundo plano da ação. O abade tira o vídeo, insere um terceiro filme no aparelho, avança um pouco a fita, depois retrocede e, olhando para a minha filha de nove meses por cima dos ombros, diz:

— Ei, este é proibido para menores de dezesseis anos.

# Cinquenta e quatro

No caminho de volta, vou dar uma espiada na lojinha de roupas infantis, ao lado do barbeiro. Noto na vitrine um vestido com flores que poderia ficar bem na minha filha. A decoração da butique é ultrapassada e as roupas um pouco fora de moda. A dona é uma anciã, beirando os noventa. Feliz por ter fregueses, apressa-se para mostrar dois vestidos floridos, um estampado com jacintos azuis, o outro com rosas cor-de-rosa. Coloco Flóra Sól em pé no balcão para ter uma noção do tamanho dos vestidos, mas não estou certo de que aquele modelo combine com uma minipessoa que praticamente se resume a uma barriga estufada. A boa mulher lembra-se então de um vestido amarelo que ela tem em algum lugar no estoque. É estampado com lírios brancos, com uma irresistível golinha de crochê e meias amarelas em crochê combinando. Negócio fechado, compro o vestido amarelo com flores e as meias. Quando vou pagar, a mulher me alerta que minha filha precisa de um casaquinho para vestir por cima do vestido, acrescentando que dará um bom desconto. Então ela volta num piscar de olhos com uma bolsinha de plástico transparente contendo um minúsculo casaco de lã bordô, com botões duplos e gola e bolsos furadinhos. Visto o casaco na minha filha e a ponho de pé no balcão. Ela está ainda mais minúscula na roupa que lhe desce até os pés, mas a cor lhe cai bem. Empertigada na mesa, parece uma boneca de porcelana, uma pessoa adulta em miniatura. A freguesia se multiplicou na loja e minha filha recebe a admiração de duas idosas amigas da dona que estavam de passagem. Saio com o casaco bordô, o vestido amarelo de flores e as meias.

À noite, preparo mais uma vez vitela com molho de vinho tinto, mas, em vez de fritar os filés, corto a carne em cubinhos e preparo um goulash de vitela para minha filha de nove meses e sua mãe. Depois, igual a ontem, cozinho batatas, desta vez para fazer um purê.

Após a refeição, coloco o casaco e o vestido na pequena para mostrá-la à mãe. A criança repete na mesa da cozinha a cena do desfile de moda da loja, aplaudindo com entusiasmo.

Anna ri, aplaude também e admira a filha um instante antes de mergulhar novamente no livro. Preocupa-me um pouco seu ar distraído quando ela está com a pequena; ela brinca um pouquinho com ela; trocam carinhos, riem e soltam gritinhos e depois é como se ela se pusesse a pensar em outra coisa e perdesse o interesse: ela me estende a criança, instala-se à mesa da cozinha e abre seus livros. Ainda que não me passe pela cabeça a hipótese de que está mais apaixonada por seu tema de pesquisa do que pela filha, preocupa-me contudo o fato de que sua alegria seja tão fugaz.

# Cinquenta e cinco

Nenhum dia é igual ao outro e tudo, absolutamente tudo, que se refere à condição de pai é novo para mim. À noite, tento pela primeira vez dar um banho na bebê. Como a água quente é muito pouca e a pressão tão fraca que leva uma eternidade para encher a banheira, experimento mergulhar o corpinho na pia, que é suficientemente grande, e dou banho nela ali.

Profundamente interessada na água que corre, ela se diverte na pia, enchendo e despejando na mesma hora um copinho de plástico. Numa fração de segundo, estou encharcado e o assoalho alagado. O mais simples seria levar a pequena para tomar banho comigo, assim aproveitaria melhor a água. Em contrapartida, depois de ter passado xampu e enxaguado os dois cachos louros da sua testa, eu precisaria ter alguém para tirá-la da água. Quando termino de lavá-la na pia, enrolo um pano em volta do corpo fofinho e aliso seu cabelo com uma escova macia. Percebo que posso enfeitá-lo com uma fita, combinando com o vestido amarelo. Folheio o dicionário e anoto a palavra.

— Amanhã compraremos uma fita para prender seu cabelo — digo à minha filha.

— *Du-du* — ela diz em voz alta e clara.

Visto-lhe o pijama de dois botões, um na altura do umbigo, o outro na gola. Exibo então a pequena risonha e penteada à minha amiga, que continua mergulhada em seu livro na mesa da cozinha. Dou-lhe a oportunidade de admirar o fruto de sua criação, nossa criação. Ela reconhece a criança, dirige-lhe um sorriso fugaz e estala um beijo numa das covinhas.

— Ela ganhou um pijama novo? — pergunta.

— É, compramos hoje, quando fomos à cidade — eu digo, colocando minha filha de pé sobre a mesa para que a mãe veja o pijama de duas peças, cor-de-rosa com coelhinhos verdes.

— Legal — ela diz, balançando a cabeça e reforçando a palavra —, muito legal. — Mas, em vez de olhar para a filha, é para mim que ela olha, com seus olhos verde-água. A bebezinha estende os braços para abraçar a mãe, depois volta a pousar a cabeça no meu ombro; quer dormir.

— *Du-du* — repete o bebê-modelo com uma voz clara.

Eu a coloco no berço gradeado que os monges trouxeram. Continuo intrigado sem saber de onde frei Tomás conseguiu desencavá-lo. Embora eu tenha puxado as cortinas, é como se uma estranha claridade continuasse a cingir a criança. Outros já fizeram a mesma observação — inclusive num dia nublado como hoje —, por exemplo a velha senhora do andar de cima, quando lhe devolvi o ferro de passar. Não levo muito tempo para fazer a criança dormir e, quando termino, Anna está completamente absorta em sua biologia na mesa da cozinha. Vejo que lavou a louça e catou os brinquedos. Pergunto-me se deveria convidá-la para sair um pouco e curtir a noite. Eu poderia desenhar para ela um mapa do lugarejo com a rua principal e nossa rua, que sai dela — o que formaria uma cruz —, e depois marcar dois ou três lugares para ela visitar: a igreja, a prefeitura, o correio e o café ao lado, seria um passeio rápido.

Isso lhe daria a impressão de que desejo dispensá-la, como se, adormecida a criança, eu temesse ficar a sós com ela? E se ela se perdesse ou alguém viesse importuná-la? Em vez disso, sento-me à sua frente na mesa e de repente sinto necessidade de lhe confidenciar um elemento pessoal e importante que ela ainda ignora da minha vida.

Vou pegar o retrato em que estou com Jósef para lhe mostrar. Estamos lado a lado no jardim de casa, mas, contrariando meu costume, não seguro a mão dele.

— É seu primo? — ela indaga.

A pergunta não deveria me surpreender: Jósef é uma cabeça mais baixo que eu e somos totalmente diferentes na aparência. Essa primeira reação é normal. Mas não é a aparência que faz Jósef diferente dos outros — à primeira vista, não se percebe que ele tem alguma coisa. É inclusive, na verdade, um jovem bonito, moreno, com uma pele bronzada, como se voltasse de uma praia ensolarada, olhos castanhos. Muitas mulheres o acham atraente, mesmo depois de perceberem que ele não fala. Depois de ouvir dizerem várias vezes que meu irmão era bonito, me convenci de que, de um jeito ou de outro, eu devia ser seu oposto.

— Na verdade, somos gêmeos.

Ela olha fundo nos meus olhos. Os dela são um tanto insólitos, mais turquesa do que água-marinha.

— O que você quer dizer com gêmeos?

— Pois é, não nascemos no mesmo dia, mas mesmo assim somos gêmeos: estivemos juntos no ventre materno. É verdade, nasci primeiro e meu irmão duas horas mais tarde, depois da meia-noite, no dia seguinte. Somos então gêmeos no sentido estrito e comemoramos nosso aniversário no dia do meu, 9 de novembro.

— Você nunca tinha falado do seu irmão, eu achava que você era filho único.

— É, mas acontece que tenho um irmão. Ele foi colocado num centro de apoio especializado depois da morte da minha mãe. Não se sabe exatamente o que ele tem, os diagnósticos não coincidem, provavelmente uma falta de comunicação entre os hemisférios cerebrais associada ao autismo. Ele não fala; é o caladão da família. Em geral, as pessoas que ignoram do que se trata não notam; ficam muito contentes de arranjar um bom ouvinte... — eu digo, sorrindo.

Anna assente com a cabeça; parece cheia de compreensão e sinceramente interessada pelo que tenho a dizer sobre Jósef. Quer saber mais sobre o diagnóstico e percebo que entrei no seu terreno, nos domínios da genética. Ela fecha o calhamaço sobre a mesa sem deixar o lápis marcando a página. Sinto que não é uma pausa momentânea, ela encerrou por esta noite.

— Ele age quase normalmente e é educado. Cumprimenta as pessoas com um aperto de mão e está sempre limpinho e arrumado, vestindo quase sempre, para falar a verdade, cores berrantes.

Na fotografia que mostro a Anna, ele veste uma camisa roxa com borboletas — a última que mamãe comprou para ele — e uma gravata verde-hortelã. Somos papai e eu que damos o nó em sua gravata, pois ele não sabe fazer isso sozinho. Ele sempre dobra suas roupas zelosamente e as guarda em seu velho armário, quando vem nos visitar, mesmo que seja para passar só uma noite. Três minutos após acordar, sua cama já está perfeita, como num quarto de hotel arrumado por três camareiras.

Anna me faz algumas perguntas sobre o sistema que meu irmão desenvolveu para si.

— A vida dele é pautada pela rotina — eu digo. — Quando meu irmão vai para a visita do fim de semana, quer sempre as mesmas coisas, quer fazer pipoca e dançar comigo.

No primeiro fim de semana que ele foi passar lá em casa depois da morte da minha mãe, parecia reservado e inseguro. Acostumado com os cuidados que mamãe lhe dispensava, e também com o fato de ela ficar no seu encalço o tempo inteiro, saiu diversas vezes no jardim para ver se ela estava na estufa. Na visita seguinte, já sabia que o sistema não era mais o mesmo e pareceu resignado às novas circunstâncias. Tinha elaborado um novo sistema.

— No fundo, ele tem uma grande capacidade de adaptação — eu digo.

Anna concorda com a cabeça, sabe aonde quero chegar. Pego a garrafa de vinho e esvazio o resto em dois copos.

— O que torna meu irmão diferente dos outros é basicamente o fato de ele nunca mudar de humor, estar sempre contente — eu digo. — É uma alegria sincera: uma luzinha colorida brilhando acima da porta da entrada e lá está ele enfeitado pela beleza do mundo. É uma ótima pessoa — digo, para terminar. — Não sabe mentir.

Sorrio. Ela também sorri.

— E você, mente às vezes? — pergunta, me encarando.

Fico desconcertado e sinto meu coração rufar sob o suéter.

— Não, mas talvez eu não diga tudo o que penso — é a minha resposta.

Passado um tempo, preparo novamente meu sofá-cama. Debaixo do cobertor, tento não ficar perturbado pelo fato de minha amiga estar dormindo sozinha numa cama ampla, praticamente ao alcance do meu braço. Em vez disso, procuro pensar no jantar de amanhã, ainda em dúvida com relação à sobremesa. Quem sabe a sopa de cacau, extraída da receita da minha mãe, não quebra um galho.

# Cinquenta e seis

Faz três dias que mãe e filha entraram na minha vida, praticamente sem avisar, e é a primeira vez que saímos juntos com o bebê no carrinho. Temos um objetivo preciso; vou mostrar à mãe de minha filha onde fica a biblioteca. Anna ajustou o veículo na vertical e o empurramos alternadamente. Nossa filha exhibe seu vestido amarelo com flores e um laçarote nos cabelos. Não passamos despercebidos, o que faz com que eu tenha vontade de explicar a todos os passantes que não somos um casal e que, mesmo levando a pequena juntos para passear, isso não significa que transamos, e na verdade essa é apenas uma situação temporária.

A biblioteca fica ao lado do café e, antes que Anna mergulhe na sua ciência, nos instalamos numa das três mesas da varanda, um em frente ao outro com o carrinho entre nós. Enquanto eu travo o freio, Anna ajeita nossa filha, amarra novamente a fita da touquinha e lhe dá um morango, que ela leva imediatamente à boca. À mesa ao lado está sentado um casal mais velho e ouço o homem dizer que vai beber a mesma coisa que a mulher. Será sinal de uma união feliz pedirem a mesma coisa? Devo pedir a mesma coisa que Anna, a mãe da minha filha? Passo mentalmente em revista algumas variações de resposta no dialeto local, pois é sobre mim que recai a função de porta-voz, afinal já estou há dois meses na aldeia.

— Um café — diz Anna, sorrindo para o dono.

— Para mim também — digo.

Minha filhinha, fascinada, aplaude com as duas mãos e repete depois de mim a sílaba da última palavra.

Se o dono me perguntasse de supetão se é minha namorada, eu negaria.

— É sua namorada?

Mas ele não faz a pergunta.



Antes de se virar para ir pegar o café, ele se debruça sobre a pequena, faz bilu-bilu e belisca de leve sua face antes de lhe acariciar a cabeça. Vê-se que as pessoas daqui são particularmente gentis com as crianças; praticamente todo mundo presta atenção na pequena. Mas os homens também lançam olhares a Anna, não tenho como não notar. Ao mesmo tempo, observo que a criança desperta menos interesse quando é a mãe que está com ela. E isso provoca em mim sentimentos confusos, apesar de que, não faz nem cinco minutos, eu temia que as pessoas pudessem nos considerar um casal.

O sujeito que está sentado nos degraus da biblioteca olha para Anna com tanta insistência que a coisa beira a canalhice; estou quase indo até lá mandá-lo parar. Em vez disso, tiro minha filha do carrinho e, com ela no colo, sento-me novamente à mesa. Embora animada, ela não toca nas xícaras. Dou a chupeta, ela cospe fora. Entre os meus braços, ela tenta ficar em pé e eu a levanto para que possa olhar em volta. Ela acena para o sujeito nos degraus e ele responde da mesma forma. Procuro então instalar a menina na cadeira livre ao lado da minha, fazendo-a sentar de frente para nós, os pais. O cocuruto dela bate no tampo da mesa. Nós dois, os pais, a observamos, embevecidos; estou me transformando mentalmente em pai de um bebê. A mãe sorri para mim. Espero que o sujeito nos degraus da biblioteca tenha notado esse sorriso. E assim nasce uma nova vida, assim a realidade prevalece.

# Cinquenta e sete

São nove horas. Anna acaba de sair para a biblioteca, e minha filha e eu estamos de pé há uma hora e meia. Ainda não mencionei o jardim para Anna. De qualquer forma, em breve terei de subir até lá para regar, pois não posso confiar por mais tempo em frei Matias, que já está na casa dos noventa.

É uma trabalhadeira cuidar de uma criança. Impossível saber quanto tempo determinada coisa vai durar. Enquanto ela está acordada, fico totalmente ocupado. Sou um pouco desajeitado com a minha filha e não sei fazer tudo tão bem quanto a mãe, mas a pequena não protesta. Mesmo assim tento cumprir meu papel de pai fazendo tudo que é necessário, sem deixar de ser coerente. E também procuro ser bonzinho com ela enquanto espero Anna voltar da biblioteca.

Embora praticamente o tempo todo bem-humorada, Flóra Sól não deixa de ter seu geniozinho. Em contrapartida, não dá a mínima para o meu próprio humor ou para qualquer outra coisa a seu redor. Eu era uma criança bem-disposta? Papai passava mais tempo com Jósef, e mamãe ficava mais comigo.

E depois minha filha exhibe outra faceta quando quer que a deixem tranquila, que a deixem em paz e não a importunem. Ela então faz uma expressão séria, chegando a franzir as sobrancelhas. Às vezes se esgueira de quatro até o quarto e fecha a porta depois de entrar, ou acha um canto onde pensa que ninguém a vê. Ao mesmo tempo que tento deixá-la sossegada no seu canto, eu a acompanho com os olhos.

— Meu pardalzinho — digo a ela, quando sai engatinhando de seu ninho, pronta para enfrentar o mundo.

Há muitos aspectos divertidos, até mesmo interessantes, com relação a essa criaturinha. Por exemplo, quando eu assobio. De manhã, observo que ela luta para projetar a boca fechada para a frente, verificando-a diversas vezes no espelho, sentada no chão do quarto. Alcançada essa etapa, minha filhinha de

nove meses enche os pulmões e sopra pelo orifício formado. Assim que ouve o som puro, ela se assusta, mas, quando eu lhe sorrio, ela quer mostrar mais, voltando a franzir os lábios projetados para soprar de novo.

— Você é muito espertinha. Papai vai cantar e Flóra Sól pode assobiar para acompanhar.

Ela está nas nuvens, sou um pai nas nuvens e espero poder compartilhar meu orgulho paterno com Anna quando ela chegar da biblioteca. Eu queria que a mãe pudesse ver sua filhinha; queria que a mãe me visse no meu papel de pai. O que Anna acharia?

Ergo a pequena do chão e a arrumo com o vestido florido e o colete azul com botões. Remato com a touca de sol e deixo que ela se veja no espelho antes de colocá-la no carrinho. Ela gosta de ficar bonita.

— E se fôssemos no carrinho ver as rosas do papai? Flóra Sól quer ir ao jardim com papai conhecer os monges e visitar a *Rosa candida*?

Do lado de fora e já no carrinho, ponho a chupeta em sua boca, cubro-a com a manta e ela não demora a dormir.

Quando chego à trilha que dá acesso ao roseiral, pego a pequena no seu cobertor e travesseiro e ponho-me a caminho, enveredando pela subida íngreme, com o bebê dormindo no colo. No jardim, instalo-a sobre o cobertor na relva bem ao meu lado, enquanto trabalho no canteiro. Minha filhinha dorme mais uma hora. Desloco-a duas vezes comigo ao sabor de minhas mudanças de platibandas, tomando o cuidado de deixá-la sempre ao meu alcance.

E de repente ela está acordada, sentada e visivelmente perplexa diante do cenário. Olha em volta, me vê e sorri de orelha a orelha. Depois sai do cobertor e, engatinhando, põe-se a caminho da natureza verdejante.

— Está na hora de trocar a fralda da filhinha do papai? — digo, tirando minhas luvas de trabalho. Depois de trocá-la, sento com ela num banco e lhe dou suco de pera no seu copinho com bico.

— Quer sentir um cheiro gostoso?

As rosas desabrochadas batem na sua altura e ela se interessa. Bem ao seu lado, há um botão de rosa vermelha que ela primeiro toca de leve, com o indicador, e depois, esticando o pescoço, aspira com afetação antes de dar um suspiro de prazer. Caio na risada. É então que noto que frei Tiago e frei Matias escapuliram da biblioteca para virem ao jardim. Ignoro há quanto tempo estão

acompanhando nosso vaivém, mas ambos estampam um grande sorriso. Vão em seguida chamar outros irmãos e terminam reunindo onze ao todo — falta só frei Zacarias. Querem que Flóra Sól repita a cena do perfume da rosa. A pequena aprecia a atenção que lhe dispensam e reproduz prontamente a encenação — o que faz os monges rirem por um bom tempo. Estou um pouco tenso por estar com a criança no jardim, que teoricamente se situa dentro dos muros do mosteiro, e não tinha a intenção de me demorar muito ali.

Frei Miguel desaparece para voltar logo depois, trazendo uma bola do tamanho de uma bola de futebol, mas cor-de-rosa e, ao que parece, com o desenho de um golfinho. Eles confabulam para decidir como organizar a brincadeira de modo que a pequena seja o centro e chegam à conclusão de que o melhor é se deitarem no gramado e deixarem a bola rolar lentamente em sua direção. Minha filha emite gritos de alegria, ri e bate palmas. Não demora a captar a regra do jogo. Vejo-a acariciando a calva do frei Paulo. Antes de voltar para casa, colho um buquê de rosas para levar. Ao descer a trilha, com a pequena nos ombros, digo a mim mesmo que da próxima vez preciso pedir a frei Gabriel a receita da sopa de legumes. Assim que coloco o buquê num vaso no centro da mesa da cozinha, julgo descabido de minha parte chegar em casa com todas aquelas rosas vermelhas — pelo menos terei de deixar claro que as rosas são um presente da criança para a mãe.

À noite, depois de fazer a pequena dormir, converso com Anna sobre o trabalho no jardim. Conto que estou tentando salvar um roseiral secular, único em seu gênero, da negligência e do abandono.

— Seu pai não me falou nada do seu trabalho no jardim — ela diz.

— Há muitas variedades ameaçadas de extinção — eu digo —, e a floração vem caindo. — A geneticista certamente compreende meu ponto de vista.

— Não vejo problema — ela diz —, vamos dividir o dia, eu fico com Flóra Sól à tarde enquanto você estiver no jardim.

Para compensar, ela pretende estudar um pouco à noite, depois que a pequena dormir, se eu não vir inconveniente nisso.

# Cinquenta e oito

Dividimos momentaneamente as tarefas domésticas e a educação de nossa filha. Após me oferecer para cozinhar no primeiro dia, não havia por que reconsiderar; aquele era um ponto decidido em nosso esquema de coabitação: era eu o encarregado das refeições. Aliás, a divisão do trabalho na minha nova família estava determinada a priori, partindo-se do postulado de que a geneticista era ainda menos afeita à culinária do que eu. Para compensar, fazia as compras em paridade comigo, voltando da biblioteca quase sempre carregada de bolos e guloseimas comprados na padaria. Como não consegui aprender outras receitas num espaço tão curto de tempo, a vitela com molho de vinho tinto permanece no cardápio pelo terceiro dia seguido. Desta vez, corto a carne em tiras para variar do goulash da véspera e frito junto com alho-poró. Depois tento cozinhar outros tipos de vegetais junto com as batatas: cenouras, feijões, espinafre, e não ficam nada mau com o molho. Mãe e filha não reclamam; a criança come vorazmente um purê de cenoura com espinafre e carne picadinha, enquanto Anna elogia a refeição pela terceira vez e não deixa de repetir. Apesar de tudo, ela é esguia, magra mesmo, a ponto de as costelas aparecerem sob a camiseta e o osso do quadril apontar sob o jeans. Prometo a mim mesmo fazê-la engordar enquanto ela estiver sob o meu teto e transformá-la numa mãe mais cheinha. A primeira coisa a fazer é aprender outros pratos, e, no dia seguinte, dirijo perguntas de teor culinário a todos que cruzam meu caminho. O açougueiro me aconselha a testar outras variedades de carne, mas acho que ainda é cedo. Ele então me ensina a fazer um molho com creme de leite para substituir o de vinho tinto.

— Se trocar o vinho pelo creme de leite na frigideira, o molho ficará espesso e castanho-claro; se continuar a usar o vinho tinto, ele ficará castanho-avermelhado e ralo. Você escolhe.

Também vou à livraria folhear dois livros de culinária escritos no dialeto dos habitantes da aldeia, um dos quais — pelo que posso ver — é dedicado exclusivamente à preparação de lulas. Os livros parecem velhos; vê-se isso pelos trajes das pessoas em pé junto à mesa do banquete e pelas cores dos pratos, insólitas e chamativas.

Para terminar, vou procurar a dona do restaurante e peço que me ensine a preparar um ou dois pratos. Não largo da pequena, o que me dá mais chances de não voltar de mãos abanando. A boa mulher vai pegar um pouco de alho e diz que saber usá-lo é meio caminho andado. Arranca da parede um cordão inteiro de dentes de alho, escolhe alguns e me deixa praticar, abrindo-os, descascando-os, picando-os e moendo-os. Ela me faz recomeçar várias vezes e me declara um cozinheiro nato. Enquanto manipulo os dentes de alho na tábua, ela se oferece para segurar a criança. Depois quer me mostrar como preparar a lula: cortá-la em pedaços, esquentar o óleo e jogá-la na panela, ela diz duas vezes, obrigando-me a repetir depois dela. Pergunta o que sei fazer e eu falo da vitela com batatas e molho.

— Em vez de batatas, pode fazer arroz — ela diz. — Uma xícara de arroz para uma xícara de água; apagar o fogo quando ferver e deixar crescer na panela tampada por dez minutos.

Ela me faz recitar isso duas vezes. Quando vou agradecer a ajuda, ela some na cozinha para reaparecer dali a pouco com um recipiente, que estende para mim.

— Pudim de ameixa — ela diz. — Pode ser a sobremesa. Também posso preparar alguns pratos para você levar em caso de necessidade.

Ela me pergunta se pode ficar mais um pouco com a criança e eu autorizo. Flóra Sól lhe dá tapinhas na cara com seus dedinhos roliços, depois levanta bem alto o braço e coloca por um instante sua mão espalmada na cabeça da mulher, como um padre benzendo uma criança.

No caminho de volta, paro no açougueiro para comprar vitela. Quando ele termina de cortar a carne em bifés, aponto para ele o moedor elétrico que está atrás dele: desta vez, peço a ele para moer a carne, pois pretendo fazer croquetes. Minha intenção é colher um pouco de ervas aromáticas na sacada para o recheio e servir tudo com um molho de creme de leite.

Passando em frente à cabine telefônica, lembro que faz duas semanas que não ouço a voz do meu pai. Tiro Flóra Sól do carrinho e a mantenho no colo dentro da cabine enquanto ligo. Só espero que papai não me faça perguntas

sobre meus planos para o futuro enquanto mãe e filha estiverem em minha casa. Cá estou eu no papel de pai de uma filha e de pai da filha de uma mulher — não consigo definir melhor o quinhão que me coube no rateio da vida.

— Vamos telefonar para o vovô?

— Vo-vô.

Papai fica contente ao me ouvir. Pede imediatamente notícias de mãe e filha e pergunta em que pé está a monografia de Anna. Percebo que está bem-informado sobre seu campo de pesquisa, seja graças a conversas com a mãe de minha filha, que ele encontrou à minha revelia, seja por leituras.

— Indiquei a ela um artigo interessante sobre a deontologia das pesquisas genéticas — diz o eletricista.

Aproveito a oportunidade, já que o meu pai está do outro lado da linha, para interrogá-lo sobre os croquetes que mamãe costumava fazer. Ele não se lembra da receita, mas acha que ela misturava um ovo e miolo de pão na carne moída. Diz então ter sido convidado para tomar café na casa de Bogga.

— Doce é o que não falta na casa da minha boa Bogga: línguas de gato, bem-casados, madeleines e outras coisas mais.

Falar com meu pai mexe um pouco comigo e me desperta todo tipo de sentimentos. Nunca devo descartar a eventualidade de um duplo sentido no que ele diz; o que ele deseja exprimir pode estar soterrado muitas camadas abaixo da superfície.

Quando chego em casa com a sacola de compras e minha filha no colo, minha velha vizinha do andar de cima está no hall.

Curioso, todas as vezes que entro ou saio com a criança, minha vizinha tem alguma coisa para fazer fora de casa. Quando a criança não está comigo, ela entra de novo na mesma hora. Primeiro me ocorreu a hipótese de que ela faria comentários, em nome do proprietário, sobre o fato de sermos três, e não dois, no apartamento. Mas ela parece contente de nos ver, como se nos esperasse. Seu propósito é saudar minha filhinha, cujo nome ela já sabe, Flóra Sól, diz, descendo a escada, três lances de degraus, ao nosso encontro. A velha senhora dá um beijo e faz carinho na criança, que lhe retribui, e ela termina por perguntar se não estou precisando novamente do ferro de passar. Ou da batedeira? Minha filha sorri para ela.

— Depois que essa criança chegou ao prédio, meu eczema melhorou muito; praticamente desapareceu das mãos, além de melhorar nas pernas — diz a mulher no hall, levantando um pouco a barra da saia.

# Cinquenta e nove

Tento estar de pé, com o sofá-cama já fechado, antes que mãe e filha apareçam. Organizamos nosso tempo da seguinte maneira: eu fico com a criança até as duas da tarde, enquanto Anna está na biblioteca, depois mãe e filha passam juntas o resto do dia enquanto estou no jardim. Pode-se dizer que dividimos as vinte e quatro horas em três turnos: manhã, tarde e noite.

A pequena, sentada em seu berço gradeado, olha um livro ilustrado e não requer atenção exclusiva. Disponho assim de um pequeno momento para pensar em outras coisas, estudar mais de perto o plano do roseiral que descobri na biblioteca esta semana, organizar e estabelecer uma lista de tarefas para o dia seguinte. A julgar pelo desenho original, o jardim foi concebido a partir de motivos simétricos conjugados às linhas suaves da natureza, a essência artística do jardim sendo o jogo de sombra e luzes. Os grupos de roseiras parecem ter sido distribuídos em canteiros octogonais em torno do espelho-d'água, enquanto verduras e ervas medicinais beneficiaram-se de uma horta especial. O desenho mostra também diversos modelos de vasos e jarros destinados a abrigar essas ervas e especiarias.

Isso não impede que eu fique de olho em Flóra Sól, que de tempos em tempos levanta os olhos do livro. É uma coletânea de parábolas bíblicas para crianças, com uma ilustração e algumas palavras por página. Ela já é capaz de folhear, usando corretamente o polegar e o indicador, separando cuidadosamente cada página da seguinte. Mas se detém sempre na mesma imagem, aquela em que o rei agita uma espada numa das mãos e com a outra levanta o bebê, do qual duas mães declaram ser a mãe verdadeira. Pergunto-me se o livro não é muito violento para a criança. Mesmo assim, apreciei bastante o presente e fiquei surpreso ao ver frei Matias chegar com o livro debaixo do braço enquanto eu capinava os arbustos.



E assim passam as horas: troco a fralda da criança, visto-a, converso com ela, construo uma torre com os cubos de letras ou faço um quebra-cabeça de treze peças, cantamos juntos, dou-lhe de comer, lavo seu rosto, visto-lhe roupas de sair para irmos fazer compras ou passear. Ou vamos ao café, quem sabe Anna não aparece. Além disso, vamos diariamente à igreja ver o quadro do menino Jesus. Procedemos sempre da mesma forma: em vez de irmos direto ao objetivo, nos aproximamos dele sem pressa, dando antes uma volta para admirar as outras imagens e acender uma vela para José. Minha filha se agita de alegria e impaciência nos meus braços; ela sabe o que nos espera. Tenho a impressão de que ganhou peso depois que chegou, sinto isso nos braços. Anna também teria encurtado?

É sempre a mesma coisa quando chegamos ao retábulo de Maria no trono com o menino: a pequena para de se agitar nos meus braços e, séria e tranquila, arregala os olhos para a criança do quadro.

Não sou um pai severo e seria incapaz de repreender uma criança, embora às vezes dê uma rosnada para Flóra Sól a fim de evitar que ela se machuque. Por outro lado, acho minha filha ingênua demais, dedicando um amor exagerado ao mundo, querendo acariciar e brincar com tudo que vê pela frente. Devo confessar que seu destemor e sua bondade sem limites me deixam preocupado.

— Ai, ai, ai — digo com uma voz grave e responsável quando um gato de rua pelado e faminto se aproxima ao sairmos da igreja.

— Aaaaaaaah — diz a criança com ternura, estendendo as duas mãos para o animal e fazendo menção de escapar de meus braços para ficar no mesmo nível da fera selvagem. Ela quer abraçá-lo, tal como faz com desconhecidos. Dá mostras de confiança e simpatia a tudo que vive e se move. Levando em conta a precocidade de minha filha em todos os planos — a espantosa extensão de seu vocabulário em sua língua materna, mais algumas palavras em latim, afora aquelas em dialeto que ela captou para dizer bom-dia e até logo —, irrita-me um pouco que ela não seja melhor conhecedora dos homens e fique bancando a amiguinha de estranhos e querendo o gato de rua.

O gato tem grandes olhos verdes e se esfrega na minha perna.

— Ai, ai, ai, não pode.

E depois a gente diz:

— Não falei, sua tolinha? Não falei que gatos de rua arranham? Não repeti quatro vezes antes de me ver obrigado a colocar você de novo no carrinho?

A preocupação de um pai diante da candura dos filhos não é exagerada quando entram em cena animais selvagens. Ergo a criança, dizendo com voz grave:

— Ai, ai, ai, gato feio.

Minha filhinha parou de sorrir; olha para mim com seus olhos grandes, calmos e profundos em seu pálido rosto de porcelana. Sou imediatamente possuído pelo remorso.

O animal me encara com seus sensíveis olhos de felino.

— Ok, gatinho bonzinho — eu digo, perturbado e sem aliar o gesto à palavra, ou seja, sem me agachar com a criança perto do gato arrepiado. — Vamos dar de papar ao gatinho — sugiro, vasculhando com uma das mãos a sacola de plástico à procura de alguma coisa comestível para o gato.

— Vem cá — digo em seguida à minha filha —, vou lhe ensinar a diferença entre o bem e o mal.

Entro novamente na penumbra da igreja, com a criança encarapitada nos ombros para que ela tenha acesso às imagens situadas no alto. Não vejo sua expressão, mas sei que olha as estátuas com uma atenção grave e percebe que acima das colunas se desenrola a luta final entre bem e mal, anjos e demônios, inocência e culpa. Está tudo claro, nítido, gravado na pedra: chifres e cascos, auréolas, rostos contorcidos ou venturosos.

— Compreende agora, filhinha, a maldade do mundo e dos homens?

Ela então agarra com suas duas mãos de bebê um tufo de meus cabelos, deixa suas palminhas escorregarem sobre a minha testa e conserva-as por um instante sobre os meus olhos. Depois aperta minhas orelhas. Por fim, sinto que me dá tapinhas numa face enquanto afaga a outra.

Ao chegarmos em casa, enquanto guardo o carrinho e, sentada no primeiro degrau, minha filha me acompanha com os olhos, observo que há duas mulheres nos esperando no hall do andar de cima. Nossa velha vizinha recebeu a visita de uma amiga da mesma idade que ela. A amiga tem asma e deseja conhecer minha pequena, porque a vizinha falou maravilhas sobre ela. Contou do eczema que desapareceu e a amiga agora deseja conhecer Flóra Sól. Isso me preocupa. Não quero que Anna saiba do interesse que desconhecidas dispensam à minha filha nem que estas me dão presunto e condimentos às escondidas quando saio de casa com a pequena.

— Comprou ração de gato? — pergunta, ao chegar, a mãe de minha filha, tirando três latas da sacola de compras.

# Sessenta

Procuo imaginar como pensa uma mulher e descubro que a vida afetiva de Anna é bem mais diversificada e complicada do que a dos rapazes que conheço. Às vezes parece preocupada, mas o verdadeiro quebra-cabeça para mim é o fato de estar constantemente com a cabeça nas nuvens, como se ausente, confrontada com montanhas de problemas ao mesmo tempo. Mesmo sentada a apenas quarenta centímetros de mim, do outro lado da mesa da cozinha, tão perto que se fôssemos um casal apaixonado eu poderia beijá-la sem precisar sair do lugar, é como se ela não me notasse.

À parte isso, é atenciosa, simpática, sorri bastante para mim e todas as noites me elogia pelo jantar. E costuma até largar seu livro quando me dirijo a ela. Também parece contente de nos ver quando a pequena e eu chegamos em casa, porém, ao cabo de alguns segundos, mergulha de volta em seus livros.

Em contrapartida, às vezes me observa quando brinco com a menina, mas não tenho certeza de que olha para mim na mesma proporção que olho para ela. Provavelmente me estuda ao lado de sua filha de um ponto de vista genético. Minha suspeita se confirma quando viro o pão na chapa.

— Você é canhoto? — ela pergunta, me observando com seus sagazes olhos verde-azulados.

Pelo fato de morarmos temporariamente sob o mesmo teto e de o apartamento ser pequeno, às vezes somos obrigados a nos encolher para passarmos um em frente ao outro e acontece de esbarrarmos involuntariamente. E inclusive rocei nela uma ou duas vezes de propósito. Continuo a pensar com a mesma intensidade sobre o corpo, mas tento me limitar às horas em que Anna não está, por exemplo quando trabalho no jardim. Tenho muito medo de deixar esses pensamentos transparecerem no meu rosto. Anna certamente é uma daquelas pessoas sensíveis que leem nossos pensamentos antes mesmo que os tenhamos pensado até o fim. Mamãe era

assim, capaz de dizer o que me ia na cabeça. Não peço outra coisa na vida a não ser ter Anna como amiga, mas o fato de ela ser mulher e termos uma filha juntos complica indubitavelmente as coisas. Quando estamos no mesmo recinto, a mãe de minha filha e eu, sempre me flagro perdendo o fio da conversa. Sobretudo quando ela sai do chuveiro com os cabelos molhados ou coloca um prendedor para afastar a franja do rosto. É só embaixo do edredom, em pleno monólogo da alma, quando mãe e filha dormem no quarto ao lado, que posso me autorizar a pensar sobre o corpo — o que volta a me lembrar que estou vivo. Confesso ter considerado a possibilidade de alguma coisa se acender entre mim e Anna. O que me salva do beco sem saída das pulsões carnis é a janela aberta da cozinha. Na direção do meu travesseiro, sobressaindo na escuridão, ergue-se o muro intransponível do mosteiro, e, atrás dele, para o lado onde o vinhedo dorme, estão meus canteiros de rosas, que tenho de regar amanhã. Sou o único homem a conhecer a existência de certa variedade de rosa perene, lá longe no escuro, sob a lua amarela.

## Sessenta e um

Flóra Sól progride a uma velocidade incrível. As manhãs passadas com ela, quando a mãe está na biblioteca mergulhada em suas pesquisas genéticas, são momentos de grandes avanços e estupendas vitórias. Quando Anna chega, promovemos uma encenação das conquistas do dia. Espero a manhã inteira ansiosamente — é a finalidade da brincadeira — para compartilhar seu espanto e deslumbramento e confirmar que aconteceu alguma coisa importante enquanto ela estava na biblioteca, que eu efetivamente fui testemunha de um milagre extraordinário, que vai se repetir agora.

Minha herdeira da estufa está em pé, de meia-calça, no assoalho e se apoia na cama de casal. Estou procurando um suéter para ela no outro cômodo, quando a vejo, ar concentrado, soltar uma das mãos da cama, depois desdobrar os dedos minúsculos da outra antes de se libertar, prudente mas espantosamente segura de si mesma. Permanece imóvel por alguns segundos, sozinha e sem se apoiar na cama, a barriguinha saliente, antes de partir destemidamente à conquista do desconhecido, três passos no total. Conserva as mãos erguidas para manter o equilíbrio. Tem dobrinhas nos joelhos.

Quando Anna chega, levanto nossa filha do chão, onde ela está sentada empilhando cubos, arranco-a de sua torre de Babel inacabada e planto-a no centro da sala como se no centro de um grupo de saltimbancos que vão se apresentar na praça. Começo segurando as duas mãozinhas, depois as solto suavemente, liberando um dedo após outro. A princípio ela permanece no lugar, extremamente concentrada, e então o milagre se realiza: ela transfere seu peso para um dos pés para poder erguer o outro e dar um passo à frente. Em seguida, faz a mesma coisa com o outro pé, dá um segundo passo e vai até quatro no total, cada vez mais segura, requebrando os quadris como um pequeno robô. Sua mãe fica de cócoras para recebê-la com entusiasmo, apertá-la nos braços e cobri-la de beijos. Observo-a fazendo carinho na criança; ganhei

o dia. Espero tranquilamente que Anna demonstre seu espanto ante a colheita do dia. As reações são instantâneas.

— Incrível, ela começou a andar. Você lhe ensinou tantas coisas: cantar um monte de cantigas, assobiar, fazer um quebra-cabeça de vinte peças e agora... andar.

Ela continua apertando a criança nos braços. Mesmo comovido diante da alegria de Anna, acho sua emoção um pouco excessiva. Parece estar com os nervos à flor da pele.

— É muita coisa ao mesmo tempo; a gente bota uma criança no mundo e depois, no dia seguinte, ela já começa a andar, daqui a pouco sairá de casa, talvez dê um telefonema de tempos em tempos e nossa função terá chegado ao fim.

Ela tem lágrimas nos olhos.

— Não pense dessa forma — digo. — Ainda é muito cedo para afirmar que ela está saindo de casa. Não estou levando minha filha ao altar.

— Desculpe — diz Anna. — Flóra Sól é uma criança adorável, mas ser mãe é uma responsabilidade muito grande.

Ela me passa a pequena e enxuga os olhos.

— Antes de ter Flóra Sól, eu não vivia tensa desse jeito. Agora me preocupo com tudo; tenho inclusive medo de que você não volte, quando você vai à loja comprar goulash de vitela ou visitar o cinéfilo.

Perco o controle dos meus pensamentos, pois de repente me dá vontade de transar com ela. Esses impulsos mexem comigo a tal ponto que num rompante visto na criança o anoraque e a touca e corro com ela para a porta, como se picado por um bicho. Sinto necessidade de sair para me recuperar. Mas, pensando bem — considerando que Anna e eu fomos bastante íntimos durante um quarto de noite, já se vai um ano e meio —, este não deveria ser um passo descomunal a ser dado.

## Sessenta e dois

Às vezes acontece de estarmos os três sentados à mesa ao mesmo tempo, Anna, a pequena e eu, e cada um se concentrar em seu trabalho. Aliando minha função de pai ao meu foco de interesse, pego o manual de horticultura, sento-me ao lado da minha filhinha, de frente para Anna, e mergulhamos no livro.

Folheio rapidamente os capítulos sobre as doenças das plantas e os parasitas e paro naquele que aborda a instalação de espelhos-d'água e de córregos nos jardins — capítulo que minha filha julga particularmente interessante. Limitamo-nos às ilustrações explicativas e deixamos de lado as páginas de texto. A criança coloca três dedos gordinhos sobre uma imagem. A questão é saber o que os monges acharão do espelho-d'água que em breve estará pronto. Em frente, a menos de um braço de distância, Anna está mergulhada num texto sobre as características hereditárias transmitidas de geração a geração e parece ignorar nossa presença ao alcance da mão. Dos córregos, passamos às plantas ornamentais de apartamento.

— Algumas das plantas mais bonitas da terra crescem aqui, ao ar livre e com toda a liberdade — digo à minha filha. — No nosso país, elas só podem ser cultivadas dentro das casas, nos parapeitos de janelas voltadas para o sul, enquanto aqui é ao ar livre — repito, tentando formular a mesma ideia de múltiplas formas. É a minha contribuição para o desenvolvimento linguístico da minha filha de nove meses e meio, para ela ver que é possível abordar a realidade de diversas maneiras.

— Quando eu falo das plantas mais bonitas da terra, estou falando principalmente das rosas — explico à criança.

Anna ergue os olhos de seu livro e me examina por um instante como se procurasse elucidar um enigma. Flóra Sól e eu fazemos algumas marcas, para lembrar. Eu faço uma cruz nas informações relevantes. Em seguida, deixo o lápis de lado. Minha filha se apodera dele e, na mesma página, faz outra cruz. A

mãe da minha filha ergue os olhos de seu tema de pesquisa; alguma coisa chamou sua atenção.

— Não resta dúvida, é canhota como você — diz.

E a geneticista aponta com o dedo a criança segurando o lápis com a mão esquerda igual ao pai. Seu interesse por nós dois parece aumentar subitamente. Como tenho um livro aberto justamente na página sobre a hibridização de rosas por fecundação cruzada na natureza, pergunto-me se devo evocar a genética das plantas ou a biologia molecular vegetal — isto poderia constituir uma esfera de interesse comum, o genoma das plantas. Em vez disso, pergunto o que está estudando.

— O que está lendo? — digo. Minha filhinha ergue igualmente os olhos e ambos olhamos com interesse por cima da mesa. Anna sintetiza com brevidade o tema de suas pesquisas. A bem da verdade, resume tudo em duas palavras:

— Ácido desoxirribonucleico — ela diz, nos dirigindo um sorriso.

— De-o — diz a criança com clareza, espichando-se no meu colo.

— Sim, daqui a pouco vamos à igreja.

— Por que diz isso? — pergunta a mãe, olhando para um e para outro com curiosidade.

— É uma espécie de latim, significa Deus — explico. — Nossa filha fala a língua romana — acrescento num tom mais leve. — Com nove meses, já fala duas línguas.

Nós dois rimos. Estou contente.

— Está ensinando latim a ela?

Conto a Anna que costumamos ir à igreja ver um velho quadro representando o menino Jesus, que é a cara da filha dela.

— Afinal, não temos muitos compromissos durante o dia.

Minha filha acompanha atentamente o que se desenrola, quer mostrar à mãe que assimilou outras coisas na igreja e ergue três dedos como o menino do quadro. Sua blusa azul-celeste com mangas três-quartos revela as dobrinhas dos cotovelos. Depois desenha no ar uma cruz bastante nítida. Olho Anna de esguelha; não sei o que ela está achando dessa pantomima. Às vezes irrompemos no meio da missa, mas foi só recentemente que a criança se pôs a imitar os gestos do padre e fazer sinais da cruz a torto e a direito.

— O que ela está fazendo? — pergunta a mãe.

— Isso é expressão corporal — respondo. — Ela imita o que vê.



Anna ri e fico aliviado. Parece menos preocupada do que nas vezes anteriores. Nossa filha também ri. Rimos todos os três, em família.

— Danadinha — diz Anna, então.

Mulheres são imprevisíveis. Eu pensava que minha mãe era a única que dizia coisas assim.

## Sessenta e três

Faço progressos a cada nova investida no fogão, mas continuo lento no preparo da comida. Em poucos dias, assimilei sete receitas; agora sei assar a carne em fatias e em cubos, fazer dois tipos de molho, cozinhar batatas e legumes diversos, fazer arroz, croquetes de carne e, de pouco tempo para cá, assar os legumes em vez de fervê-los. Além disso, sei preparar várias papinhas para a pequena e uma vez experimentei fazer arroz-doce com canela, com um resultado honroso. Confesso que a admiração de Anna pelos meus sinceros esforços culinários, em nome dela e da criança, conta muito para mim.

Por outro lado, não estou à altura de nada complicado, como um frango inteiro ou coisa parecida — mamãe não era muito chegada a frango. A propósito, passei mais de uma vez na boa mulher do restaurante, depois de perder a hora no jardim, para levar uma quentinha para casa. Observo Anna enquanto ela come um prato preparado pela mulher e admito que me agrada o fato de não fazer tantos elogios à sua comida quanto à minha.

É chegada enfim a hora de tentar preparar um peixe. Vou ao mercado com a minha filha e faço o possível para escolher um cujo aspecto lembre mais ou menos um peixe que eu conheça do nosso país e que, ainda que de longe, lembre o hadoque. Mas são quase todos muito pequenos — mais parecidos com peixes de lago que de oceano. Tampouco é possível comprar o peixe em filés; apenas inteiro, com cabeça, rabo, espinhas e todas as vísceras. A despeito de minha experiência marítima, não faço ideia de como manipular o peixe para obter filés à milanesa prontos para irem à frigideira. Contudo, logo desisto de imitar a minha mãe, pois determinados ingredientes — principalmente a farinha de rosca — não existem no vilarejo; fui a todas as lojas e não encontrei.

— Que tipo de criança você era?

A pergunta me pega de surpresa. Anna me desconcerta o tempo todo. Terminamos de comer os peixinhos, que acabei fritando inteiros. Mãe e filha

estão sentadas à mesa, em frente a mim, esperando uma resposta. Embora desconfie que sua intenção seja me comparar a Flóra Sól, nem por isso seu interesse deixa de parecer menos sincero. Estaria no caminho certo lhe dizendo que, por causa de meus cabelos ruivos, nunca fui amante do sol? Que preferia a úmida despensa de batatas ou o quadrado do jardim sombreado a ficar no sol? O fato é que eu era coberto de sardas; meu rosto, para ser franco, não passava da soma dessas sardas. Meu pai com certeza mostrou retratos de família a Anna, de maneira que a descrição não deve surpreendê-la.

— Eu era baixo para a minha idade e fui o menor da turma até os catorze anos — digo. — Cresci num verão e com dezesseis anos era uma cabeça mais alto que todos os garotos da minha idade.

— Então se tornou adulto num único verão?

— Adulto é exagero, um varapau seria mais apropriado. Mas e você, quando se tornou uma mulher? Ou esta é uma pergunta que não se faz a uma mulher?

— Precisei de muitos verões, aconteceu lentamente e sem dor, nem notei. Sou do time das sortudas.

Depois me pergunta se sempre me interessei por plantas.

— Sim, na verdade desde bebê. Não pelas plantas em si, não imediatamente, mas eu gostava de ficar no jardim com a minha mãe. O interesse pela flora em si veio mais tarde. Comecei com um pequeno canteiro de terra voltado para o sul, encostado na estufa, onde plantei cenouras e rabanetes colocando etiquetas. Eu tinha sete anos e via minha mãe podar as roseiras atrás do vidro. Ela também fazia experimentos com todo tipo de sementes e mudas importadas, enquanto meu canteiro era um capinzal. Criança, eu costumava ler deitado no jardim e, no inverno, sentado dentro da estufa. Lia livros estranhos, a respeito de crianças que tinham uma cabana na árvore. Mais tarde, quando precisava estudar para as provas, voltei para a umidade, a luz e o calor da estufa. Apesar da neve, do gelo e da escuridão lá fora, não era nenhum sacrifício correr até a estufa de camiseta com meus livros, com neve até os joelhos, lápis entre os dentes.

— Nunca mexeram com você por causa da sua mania?

Refleti até onde podia ir com Anna, quais recordações eu deveria pinçar; ninguém conta tudo o que fez.

Houve apenas um incidente desagradável. Eu tinha dez anos e, para variar, a culpa foi da cor do meu cabelo. Montaram uma emboscada, comi poeira,

mastiguei areia, enquanto me esfregavam no cascalho e me batiam. No fim das contas, não doeu muito, apesar do gosto de sangue na boca e da terra nos molares. Um deles foi obrigado a me telefonar na mesma noite para pedir desculpa. Feito isso, desligou na minha cara. Tinha sido eu que havia atendido, mas a ligação foi tão curta que mamãe pensou ter sido engano.

— Não — eu digo. — O que me salvou foi ser o melhor no futebol. Isso fez com que me deixassem em paz. Eu era igual aos outros garotos da minha idade, só não tinha vontade de jogar futebol o dia inteiro.

Mãe e filha escutam atentamente o que eu digo. Enquanto falo, Anna olha para mim, como se o que eu dissesse se referisse a alguma coisa que ela compreendia bem.

# Sessenta e quatro

Anna demora a voltar da biblioteca e de repente me ocorre que pode ter conhecido alguém na aldeia e ido ao café; é possível que seja o sujeito dos degraus da biblioteca que a retém. Fácil imaginar um homem abordando-a — um daqueles que olharam para ela na rua —, inventando um pretexto qualquer e, como ela é amável e simpática ou simplesmente está com a cabeça longe, os dois se instalam no café. Ela diz que não vai ficar muito porque tem hora, mas, se ele souber manobrar, é capaz de fazê-la esquecer o genoma e rir sem notar o tempo passar.

Quando ela aparece na porta cinco minutos mais tarde, salpicada de chuva e com uma caixa de doces nos braços, fico louco de alegria, a ponto de não conseguir esconder. Sentir tamanha felicidade me deixa desnorteado, como se a descobrisse pela primeira vez. Ela me estende os doces, e as palavras se atropelam na minha boca para lhe dizer que o suéter que ela está usando é bonito. É, obviamente, o mesmo que ela vestia no café da manhã. E assim perco de repente todo o controle e ruborizo — o que não melhora as coisas — e ela ruboriza também. Sou tomado pelo pânico e, para despistar, proponho descermos à lavanderia e colocar a roupa suja na máquina, pois preciso lavar minha calça de trabalho.

— Aproveitando que vou bater uma máquina com as roupinhas de Flóra Sól — eu digo, no tom mais neutro possível. Assim que digo isso, me arrependo imediatamente.

Ela parece entre surpresa e contente.

— Ok — ela diz. — Pode ser branco e colorido misturados?

— Sim, os dois.

Também posso bater duas máquinas. Não entendo como pude me meter nessa enrascada. Eu poderia ter lavado as roupas do bebê no tanque.

— Posso incluir a lingerie também ou só jeans e camisetas? — ela me pergunta do quarto.

— A lingerie pode entrar também. Se não se importa de lavar suas roupas junto com as minhas...

Agora não há mais como voltar atrás.

Coloco primeiro a roupa de mãe e filha numa máquina e jogo meus trajes de trabalho na outra. Levo um tempo infundável lendo o manual de instruções da máquina. Terminada a lavagem, subo novamente, carregando nos braços a roupa úmida que vou estender no varal armado na sacada. E aqui estou eu, de camiseta branca, prendedor de roupa entre os dentes, a poucos metros do outro lado da rua, onde um velho aposentado mofa em casa o dia inteiro de pijama. Começo pendurando as camisetas da minha filha e depois as calcinhas da mãe, estendendo assim pouco a pouco toda a minha vida privada no varal, como os lençóis manchados de sangue da noite de núpcias pendurados antigamente nas sacadas. O velho acompanha com interesse o testemunho que dou ao mundo exterior da minha vida de família provisória. Ninguém, no entanto, deve tirar conclusões apressadas do fato de eu procurar aliviar a vida da mãe da minha filha lavando sua roupa suja e cuidando da cozinha enquanto ela trabalha em sua monografia no meu apartamento alugado.

# Sessenta e cinco

Uma vez por semana há uma feira na aldeia, para onde os fazendeiros das cercanias levam seus produtos. Às vezes também trazem animais domésticos, sobretudo galinhas e outras aves, e aproveito para mostrar à minha filha. A feira transpira balbúrdia, animação e cheiro frio de sangue.

— Có-có — diz a criança, apontando com o dedo as aves sanguinolentas penduradas acima de nossas cabeças.

É precisamente no instante em que me encontro embaixo das galinhas depenadas que, num flash, me lembro de um fragmento de sonho que tive na semana passada. No meu sonho, eu estava atirando num pássaro selvagem, eu que sou por natureza uma nulidade como caçador. Duvido que eu seja capaz de matar um animal — certamente não conseguiria matar um pequeno —, mas se o animal fosse um macho adulto e se o objetivo fosse alimentar minha família — aqui, raciocino como *pater familias* —, então é possível que eu o matasse sem hesitação e inclusive olhasse minha presa nos olhos. Esse sonho poderia ter uma ligação com a natureza profunda do homem, diria minha mãe com um ar misterioso. Sinto que ainda a tenho ao meu lado para conversar e interpretar meus sonhos.

Nós nos embrenhamos no setor da feira onde lebres e coelhos estão pendurados e eu avanço com o carrinho sob os bichos da floresta. Minha filha se joga para trás para ter uma visão melhor das lebres de cabeça para baixo. Parece que não previram fregueses de alta estatura e preciso me abaixar sob as orelhas peludas.

Eu não pensava em nada de especial, quando uma ideia extravagante me atraiu, como um gato se esticando, as patas com almofadas cor-de-rosa no ar, para ter a barriga acariciada. De repente me vejo um homem casado, na igreja até, e talvez me pareça um destino desejável passar a vida inteira com a mesma mulher, não necessariamente para fazer algo específico, mas apenas para estar

no mesmo quarto que ela. Eu estaria disposto a dar banho na pequena, vesti-lhe a fralda e o pijaminha quando Anna voltasse do laboratório, e depois passar óleo de amêndoa doce em seu rostinho rosado para que ao beijá-la minha mulher sentisse seu perfume. E depois um de nós dois seguiria o caixão do outro. A menos, claro, que trombássemos com a morte simultaneamente, como o casal na estradinha; haveria chuva e lama no para-brisa, e eu ia justamente aumentar a calefação quando, nesse exato momento, uma carreta adentrou a autoestrada.

Percebo que o feirante se dirige a mim, mas não compreendo imediatamente suas palavras.

— Quer o maior ou o menor — ele pergunta —, um papai lebre ou uma mamãe?

Ele maneja uma vara com um gancho na ponta, que usa para descer do teto as carcaças peludas segundo os desejos dos fregueses. Flóra Sól acompanha atentamente com os olhos quando ele desvencilha do gancho o animal.

— Ai, ai, ai — ela diz, vendo que o animal não se mexe.

Atormentado pelos meus pensamentos intempestivos e não censurados sobre o casamento, considero seriamente a compra da lebre. Meus dotes culinários, no entanto, não me permitem ousar a complexa empreitada.

O feirante me assegura não haver nada mais simples.

— Até uma criança de berço prepara uma lebre de olhos fechados — ele diz, se é que entendi o linguajar. Suspeito tratar-se de uma expressão regional com um significado mais profundo, que me escapa.

Ele se oferece para limpar o animal; a única coisa que terei a fazer será besuntar a carne com mostarda antes de colocá-la no forno.

— E pronto — ele diz e parece mais do que convincente ao afiar o facão.

— Quanto tempo?

— Desse jeito, entre uma e duas horas, vai depender da hora que o senhor chegar em casa — ele responde, escorchando o animal.

Duas horas antes do jantar, desembrulho do papel-manteiga a lebre nua e roxa e ponho mãos à obra. Sigo conscienciosamente as instruções do feirante e besunto o animal com mostarda por fora e por dentro. O que me toma mais tempo é descobrir como funciona o forno a gás. Como esse é um prato exótico, não posso me arriscar em novidades complicadas para servirem de acompanhamento. Em vez disso, cozinho batatas e outros legumes e preparo um molho de vinho tinto, análogo ao que fiz diversas vezes com vitela.



Quando coloco na mesa a travessa com a lebre, tenho a impressão de que o cardápio pega minha amiga desprevenida.

— Está cheirando bem — ela diz, mirando o assado com ar hesitante. — É coelho?

— Não, lebre.

Minha filha, visivelmente deslumbrada, aplaude.

— Có-có — ela diz, imitando uma ave com as mãos.

— Danadinha — eu digo, me perguntando como fazer para destrinchar o animal em porções apropriadas ao consumo. Anna salva a pátria destrinchando o assado e depois cortando a carne em pedaços minúsculos para os oito dentinhos de leite.

A lebre à base de mostarda não está exatamente ruim, na verdade está sem gosto, e é exatamente assim que Anna formula a coisa.

— Peculiar — diz, nem por isso deixando de se servir pela segunda vez. Não me admiraria que a mãe de minha filha comesse tudo que lhe aparecesse pela frente.

— Sinto muito, tenho estado muito ocupada estes últimos dias — ela diz. — Não cozinhei nada desde que estou aqui. Aliás, eu não chegaria aos seus pés, você é um ótimo cozinheiro. Onde aprendeu a cozinhar?

Ela está de vestido e é a primeira vez que vejo Anna assim. Nossa filha também exibe seu vestido amarelo com flores, seus sapatinhos de domingo e seu babador. Ambas usam presilhas nos cabelos e estão enfeitadas como se celebrassem alguma coisa juntas. Imagino que possa ser o aniversário de Anna, mãe de minha filha, sobre quem não sei praticamente nada, nem sequer a data de nascimento.

— Não — ela diz —, comemorei meu aniversário pouco antes de vir para cá, em abril. É que estava um cheiro tão bom vindo da cozinha que optamos pelo vestido.

## Sessenta e seis

Por mais que eu repasse a cena na cabeça, não consigo explicar o que aconteceu. Por mais que examine suas causas, sozinho debaixo do edredom no sofá-cama da sala de jantar, me vejo na mais completa incapacidade de explicar o que houve comigo. Inclino-me a crer que não alimentava quaisquer segundas intenções.

Ela já lavou a louça quando reapareço, após fazer minha filha dormir, e está recolhendo os brinquedos — para variar um pouco, não está sentada diante de um livro aberto. Usa um vestido e mantém presilhas nos cabelos. Parece me olhar de outra maneira, como se tivesse algum assunto pessoal para acertar comigo. Então começo tirando meu suéter, depois desabotoo a camisa e afrouxo o cinto da calça. Assim, como se me despisse antes de ir para a cama ou estivesse no médico. Não é premeditado, na verdade não encontro explicação para ter achado pertinente me despir no meio da cozinha. Ela olha para mim e tenho a impressão de que uma perturbação a invade quando começo a tirar minhas roupas sem avisar. Mentalmente, cheguei mais longe que ela, fui até o fim, e, mal começo a me despir, sei que estou cometendo um erro. Mas eu prossigo assim mesmo, como um homem que tem uma tarefa penosa e urgente a cumprir, até me ver nu em pelo, no meio de um monte de roupas, um pássaro no ninho acolchoado, um avestruz desplumado.

Nesse mesmo instante, observo que Anna tem uma caneta na mão. É só nesse momento, e não antes, que me dou conta da possibilidade de ela estar querendo me pedir umas dicas sobre determinados termos genéticos em latim, como um colega de classe pedindo cola. Será que uma mulher que pensasse em outra coisa além de fazer anotações na margem do livro aberto à sua frente — que acalentasse, digamos, a ideia de transar com um homem — estaria com uma caneta na mão? Ela me olha exatamente como se estivesse prestes a me indagar alguma coisa relativa aos conjuntos de genes e como se minha atitude a

pegasse de surpresa. Só falta perguntar “Sabe o que significa?” debruçando-se sobre o texto à procura de uma palavra espinhosa.

Seja como for, estou nu em pelo e, para fazer alguma coisa, recolho a trouxa de roupa e a arrumo na cadeira da cozinha. Por mais constrangedora que seja minha situação atual, não tenho a sensação de estar sendo ridículo. Tenho sorte de não me levar a sério, pelo menos no quesito nudez. Ajuda também o fato de o meu próprio corpo ainda me ser estranho em certa medida. De toda forma, ser homem é complicado, eu daria meu herbário inteiro com o meu último trevo de seis folhas para saber o que ela pode estar pensando. Em vez de vir até mim com o livro, o dedo apontando a palavra enigmática, ela sorri de orelha a orelha. Não compreendo as mulheres. É o sorriso mais lindo do mundo. E então cai na gargalhada. Estou aliviado. Também rio. Graças a Deus, não sou suscetível. Quando o corpo esgota seus recursos, as palavras é que o vêm substituir e, numa corrida maluca contra uma ampulheta imaginária, me descabelo para encontrar aquelas passíveis de me salvar. Gosto muito de Anna e não queria perdê-la. Não quero que isso resulte em sua partida. Uma palavra e tudo está salvo. Uma palavra e tudo está perdido. Sinto calor. Sinto frio. Que palavra será suficientemente poderosa para apagar todo um corpo de homem e reverter a situação a meu favor? Volto à estaca zero em minha busca da verdade. Não, estou no meio de uma correnteza poderosa, arrebatado pelo turbilhão, e não avisto mais as margens; está claro que não aprendi nada nos meus vinte e dois anos.

A única coisa que me ocorre é apelar para outro gesto corporal. Abaixo-me para pegar uma peça de roupa na trouxa. Primeiro enfio a cueca, depois apanho a camiseta e visto o jeans, sem me dar ao trabalho de subir o zíper. Em seguida, vou à pia, pego uma panela e abro a torneira de água fria.

— Sabe de uma coisa, vou fazer um chá — digo, enchendo a panela. Percebo que minha voz treme ligeiramente. Tenho a sensação de lhe dever uma espécie de reparação, a fim de podermos continuar amigos e ela ver a coisa como um simples acidente de percurso, uma atitude totalmente gratuita. Consulto meu relógio, dando tudo para voltar seis minutos na minha vida. De quanto tempo uma mulher precisa para esquecer uma coisa desse tipo?

O tempo cura tudo, diria minha mãe. Se ela começasse de repente a fazer a mala para ir redigir sua monografia em outras vizinhanças, eu a interpelaria sem rodeios: “Por favor, fique”.

Pergunto-me também se uma planta pode modificar a situação — essa ideia da planta me ocorre automaticamente —, por exemplo, se eu fosse pegar o lírio branco no parapeito da sacada para lhe dar?

Procuro alguma coisa para preparar a infusão e pergunto:

— Sabe onde estão os saquinhos de chá?

Minha voz voltou ao normal. Coloco a panela sobre a boca do fogão e ligo o gás, dando as costas para Anna, e, achando que ela ainda está próxima à mesa, projeto a voz naquela direção. Então, subitamente ela aparece colada em mim, corpo contra corpo, de maneira que sinto a chama ardente do gás me subir pela espinha. Ela esfrega meu ombro e depois meu cotovelo, atendo-se às articulações. E depois me enlaça.

— Desculpe pela risada — diz. — Não estava rindo de você, mas de felicidade.

Largo apressadamente a chaleira e apago o fogo sob a panela. Sigo-a então até o quarto. Tiro a roupa mais depressa, porque nem cheguei a abotoar a calça antes, e desta vez ajo sem hesitação. Não tenho sequer certeza de que as cortinas de veludo estão fechadas direito; vemos uma nesga do céu noturno, curiosamente atravessado por um véu de nuvem cor-de-rosa.

## Sessenta e sete

Quando termina, sinto-me como se não houvesse terminado tudo; ainda não há separação nítida entre seu corpo e o meu. Nossas respirações se mantêm sincronizadas por mais alguns minutos. Nos dez minutos seguintes, parece-me impossível estar mais próximo de outro ser humano e acho incrível ter acesso tão íntimo a uma mulher, ela estar em mim e eu nela. Amo-a imensamente e penso que o fato de termos uma filha juntos não tem nada a ver com isso; ela é nova e diferente. A estufa foi tragada na noite dos tempos, e eu não ficaria surpreso se, objeto de vandalismo, estivesse reduzida a ruínas. Não é exagero; meu pai responde de maneira evasiva quando pergunto como está se virando para escoar os tomates.

Apalpo-a dos pés à cabeça, para me convencer de que está inteirinha ali. Em seguida, levanto-me para ir beber um copo d'água na pia da cozinha. O céu está movimentado e a lua brinca de esconde-esconde com as nuvens. Vejo o velhinho da frente, o que não dorme, em pé próximo à janela, olhando para fora. Novamente na cama, acaricio as costas de Anna e ela se vira sem acordar. Ela é magrinha. Então acaricio sua cintura, que emerge alguns centímetros do lençol. Depois exploro outras regiões, tateio às cegas, em busca do todo formado pelas partes. Sua coxa está viscosa. Faço tudo que me é possível fazer sem despertá-la. O lençol está embolado no assoalho e lá permanecerá.

É quando noto dois olhos a me observar, como dois sóis no escuro. Flóra Sól está de pé em seu berço de barras e estranha que eu não esteja na cama.

— É hora de dormir, está de noite — eu digo, sem dar chance a qualquer réplica e menos ainda a uma troca de fralda. Isso não parece muito convincente, pois já são sete horas e um raio do sol nascente penetra pela janela, mas quero poder ficar sossegado com Anna, sem ser incomodado pela criança. De olhos semicerrados para mostrar que não estou disponível nem para conversar nem para brincar, não consigo ver se ficou ressentida ante

minha indiferença. Com a ajuda da força da gravidade, ela escorrega dentro do berço e, obediente, deita a cabeça no travesseiro. Eu observo a linha horizontal das três presilhas nas costas de seu pijama acolchoado e o edredom embolado aos seus pés e me arrasto para fora da cama para ir cobri-la e verificar se está tudo certo. Ela se voltou para a parede e aperta seu coelhinho. Seu lábio inferior treme — está claro que luta contra as lágrimas.

— Amanhã vamos fazer um quebra-cabeça. Boa noite — eu digo, com isso dando a entender que a conversa terminou, enquanto volto para a cama e passo o braço sobre a mulher que dorme ao meu lado.

Dez minutos mais tarde, minha filha está novamente em pé no berço e me olha no escuro.

— Pa-pai-pa-pai — ela diz, em voz baixa.

Sento-me.

— Quer ir à cozinha com o papai preparar o mingau?

Levanto, visto minha calça e me debruço acima do berço. Minha filha tira da boca a orelha babada do coelhinho e sorri para mim. Minhas mãos tremem quando a levanto, pois me sinto atropelado por novos e confusos sentimentos.

— Vamos deixar a mamãe dormir.

— Ma-mãe du-du.

Enquanto preparo o mingau, tento me dar conta da nova situação e forjar um comportamento para quando Anna acordar e aparecer. Como administrar essa nova proximidade? É a primeira vez que fico no lugar depois de transar com uma garota. Até agora, eu desaparecia muito antes de ela preparar o café da manhã, o que não significa que fosse embora sem me despedir. Aliás, eu não poderia partir: é o meu apartamento, alugado por mim. E Anna tampouco está de partida, já que moramos temporariamente sob o mesmo teto.

Abro ao máximo a janela da cozinha. Uma cerração espessa paira sobre o roseiral, uma calma absoluta reina do lado de fora. O velhinho saiu da janela; certamente tomou um sonífero.

# Sessenta e oito

Temos ovos e leite. Se eu fosse pedir duas xícaras de farinha à minha vizinha do andar de cima, que pelo barulho que faz está acordada há um bom de tempo, poderia fazer crepes para Anna, valendo-me do caderno de receitas da minha mãe. Num dos filmes do frei Tomás, vemos pessoas sentadas à mesa comendo crepes com cassis e geleia. Acho que tal combinação merece ser levada em consideração.

Como estou sem camisa, visto primeiro uma camiseta antes de subir a escada, segurando Flóra Sól de pijama no colo, e bato à porta. A velha senhora fica contente de nos ver e nos convida para entrar, mas digo que estou com pressa. Ela replica que a asma de sua amiga melhorou muito depois que ela esteve com a criança e que a depressão que a afligia junto com a asma também melhorou. A propósito, no fim de semana espera a visita da prima, que mora numa cidade distante três horas de trem; ela sofreu muitos infortúnios e agora está com câncer. A questão é saber se ela pode apresentar a prima à criança.

— Ela vai retornar no primeiro trem — ela diz, vendo que eu hesito, inseguro, na soleira da porta.

Quando minha amante aparece, com as faces cor-de-rosa, estou virando o quarto crepe na frigideira. Ela está carregando um livro, a mão no miolo para não perder a página. À primeira vista, é como se nada houvesse acontecido, sorri para mim e beija a filha absorta num quebra-cabeça sobre a mesa, depois senta e abre o livro. Voltamos a ser amigos. Dois indivíduos que por acaso tiveram um bebê com cachos dourados de anjo na testa.

— Uma delícia — ela diz, erguendo a cabeça dos crepes com geleia. Noto que tem um arranhão no queixo que pode ter sido provocado por mim. Não sei até que ponto devo me aproximar, pois há novamente a distância de uma mesa entre nós. Não tenho sequer certeza de que ela nota que estou admirando-a, vendo-a com novos olhos. Não compreendo como um dia pude

achá-la banal. Minha própria pessoa, de um ano e meio atrás, é para mim um enigma absoluto, um ser desconhecido.

— O quê? — ela diz, sorrindo. Parece quase tímida.

— Nada — respondo.

Contemplo o milagre de ter estado tão próximo de uma pessoa que não é meu parente. Ela então pergunta:

— Fez uma cirurgia recentemente? Eu não tinha visto cicatriz da última vez, há dezenove meses.

Nossa filha olha alternadamente para os pais. Será que percebe uma mudança na situação do lar? Que nossa relação não gira mais exclusivamente em torno dela?

— Sim, operei de apendicite há dois meses. Não sou mais o mesmo corpo de antigamente.

A criança olha para mim enquanto tento controlar a situação. Sinto-me de repente em apuros para administrar essa nova proximidade, entro em pânico e me levanto para pegar meu suéter. Não posso permitir que Anna me flagre nesse estado, veja a que ponto ela me afeta. Ela se levanta também.

— Bom, vou para a biblioteca — ela diz e dá um beijo de despedida na criança. Em seguida, hesita, olhando para mim. Também hesito, olhando para ela, e é ela que transpõe o fosso e me beija também.

Completamente aturdido, me sinto agitado demais para ficar enclausurado. Visto então as roupas de sair na criança, pego-a no colo e desço os dois lances de escada até o carrinho de bebê. Se Anna me interrogasse acerca de meus sentimentos, o que eu responderia? Devo expor as coisas tais como se apresentam, ou seja, que não tenho certeza, que estou justamente refletindo sobre tudo? Ninguém consegue saber o que pensa sobre alguma coisa no momento em que ela acontece.

Há poucas pessoas na rua a esta hora da manhã, mas as três mesas do café já estão do lado de fora. Difícil prever o que virá em seguida, se o recorte do dia vai mudar daqui para a frente. Como as horas vão se distribuir depois desta noite? As partes do dia — antes do almoço, depois do almoço, tarde e noite — ganharão um novo significado? Estou comprometido ou não? Virei namorado dela ou não somos um casal? É um caso amoroso ou uma relação sexual? Se somos um casal, eu não deveria me perguntar se isso não me torna pai de família aos vinte e dois anos? Ou será uma amizade colorida e, sendo este o caso, qual é a diferença?



## Sessenta e nove

Começo o passeio com uma escala na cabine telefônica para ligar para o meu pai e deixo minha filhinha sentada no carrinho, de maneira que ela me veja, mantendo a porta entreaberta com o pé. Papai fica contente de me ouvir; introduz a conversa dizendo que agora está bem mais relaxado, mesmo sem notícias minhas por alguns dias — não fica tão agoniado como antes.

— Desculpe — respondo — por não ter ligado ultimamente.

— É perfeitamente compreensível você precisar menos do seu velho pai do que antes — ele diz. Então muda de assunto; tem novidades para mim: Jósef agora tem uma namoradinha no centro social.

— Ótima garota — acrescenta. — Moram na mesma ala. Ele vem me visitar no fim de semana e vai trazê-la junto. Os pais também virão e não sei direito o que fazer para o jantar. É que não sou muito bom nessa área; era sua falecida mãe quem se encarregava da comida.

— E os croquetes de peixe? E a sobremesa de sopa de cacau com creme de leite batido que você fez no meu jantar de despedida?

— Não é má ideia. Não eram duas colheres de sopa de fécula de batata que os croquetes de peixe levavam?

— Até onde me lembro.

— O que acha de Ravel?

— Por que a pergunta?

— Escutei recentemente.

— Não acho que esteja muito na moda nos dias de hoje, pai.

— Não precisa de um dinheirinho, Lobbi, agora que há mais bocas para alimentar?

— Não, não. Não se preocupe comigo.

Uma missa está em andamento na igreja; aguardo o fim da cerimônia e a saída de frei Tomás para saudá-lo junto com a criança. Ele demonstra satisfação

ao me ver e me convida para um expresso e um cálice de amaretto. Atravessamos a praça e aceito o expresso, mas recuso o licor. Tiro a criança do carrinho, estendo-lhe um biscoito e instalo-a em frente ao abade, que é um frequentador do local. Ele observa a pequena enquanto conversamos e vejo-o colocar três cubos de açúcar em sua xícara, igual ao meu irmão Jósef, e raspar o fundo melado com a colherinha. Antes que eu possa me dar conta, expus minha preocupação a frei Tomás, a saber, é possível que eu esteja apaixonado pela mulher com quem tive um filho acidentalmente.

— Eu estava morrendo de medo de ser rejeitado, de ser repellido, e, quando ela não fez isso, esse medo só aumentou.

Ele termina a xícara enquanto lhe explico a sensação de estar com um pé numa barca instável e o outro no cais e sentir a distância aumentar entre eles à medida que se afastam em direções opostas. Percebo que devo começar pelo começo e explicar que um instante de desatenção com, digamos, a amiga de um amigo pode desembocar acidentalmente num filho e que a criaturinha ali esmigalhando metade de um biscoito na mão é fruto do puro acaso e agora tem vida própria.

— É o tipo de coisa que cai em cima da nossa cabeça — digo, dando farelos de biscoito a dois pombos que ciscam perto da mesa.

— Os acasos têm um significado — diz o abade, pedindo outro expresso.

Observo-o enquanto ele apanha novamente três cubos de açúcar do açucareiro e os coloca na xícara. Ele prossegue:

— Você botou o carro na frente dos bois; teve o filho antes e conheceu ela depois — ele diz, sorvendo o café.

— Quanto tempo pode durar uma história de amor? E uma relação sexual? E a mistura dos dois? Será que pode durar uma vida inteira, para sempre?

— Sim, sim, claro que sim — diz frei Tomás —, é perfeitamente possível. Há tantas facetas na união de um homem e uma mulher que não é uma pessoa de fora que irá compreender o que se passa entre eles.

Parece-me ouvir a voz de minha mãe; aquilo poderia ter saído de sua boca, palavra por palavra.

— É muito difícil saber exatamente o que se passa com outra pessoa, saber quais são seus sentimentos — eu concordo.

— É, isso acontece — diz frei Tomás, pedindo outro cálice de amaretto.  
— Pelo que vejo, você se empenhou em fazer tudo que eu o teria aconselhado a

adiar até o momento em que tivesse certeza.

Minha filhinha terminou o biscoito, lambuzada até as orelhas. Procuro nos bolsos e no carrinho alguma coisa para limpá-la. Meu companheiro se adianta e estende um lenço branco.

— Está limpo — diz. — Especialmente reservado para os meus paroquianos, em caso de necessidade — acrescenta, sorrindo para a criança. Olho para ele e adivinho que ruma alguns filmes para me recomendar. Minha filha se interessa pelos pombos.

— Isso me faz pensar — ele diz então — num velho filme que vi não faz muito tempo, com Yves Montand e Romy Schneider, se não me falha a memória, e que poderia ser interessante para você assistir. Como você diz — ele prossegue —, resumindo o que não cheguei a lhe falar, não é a primeira noite que é arriscada, mas a segunda, quando a magia do desconhecido desapareceu, mas não a do inesperado. Acho que é Romy quem diz isso. Se puder deixar a criança com alguém, será um prazer recebê-lo esta noite para ver o filme.

Coloco a touquinha na criança, estendo a mão para o abade e digo que é pouco provável estar livre à noite. A grande questão, o suspense do dia, é saber se dormiremos juntos na mesma cama à noite ou se aquilo terá sido um episódio único, uma exceção gerada pelas circunstâncias inusitadas de ontem, com a mãe de minha filha eventualmente me salvando de uma situação embaraçosa. Até o dia de hoje nunca dormi duas noites seguidas com a mesma mulher: eu achava que isso tornava a relação séria e me comprometia. Embora, estatisticamente falando, a noite passada tenha sido a segunda para nós, é lícito, em nosso caso, nos perguntar de quando a conta deve partir: foi efetivamente a segunda vez ou convém esperar a noite iminente para falar em uma segunda vez?

# Setenta

De volta da biblioteca, Anna chega com duas sacolas de compras. Noto que, antes de colocá-las na mesa da cozinha, ela dá uma conferida e ajeita uma mecha no espelho do hall.

— Fiz umas comprinhas para o jantar — ela diz, enquanto a ajudo a desembalar o conteúdo das sacolas e colocar na mesa. Tenho vontade de tomá-la nos braços, mas sinto que não é o momento. Vejo que comprou uma ave, provavelmente pato, e todo tipo de guarnições complicadas que nem desconfio como preparar. Ela avisa que vai fazer o jantar.

— Para variar — diz. — Decidi me mexer e comemorar o fato de Flóra Sól e eu estarmos há três semanas na sua casa.

— Sabe cozinhar? — Estou realmente perplexo. Eu achava que aquela garota, mãe de minha filha, não sabia cozinhar. — Pensei que você era geneticista — digo.

Ela ri.

— Desculpe — diz — por não ter revelado isso antes e por ter deixado tudo em suas mãos.

Seguro minha filha num braço e observamos a mamãe manipular a ave como uma profissional, fatiar com segurança tâmaras, uma maçã, nozes, salsa e enfiar o recheio com a mão firme dentro do bicho, tudo isso em poucos minutos, como se tivesse atrás de si uma longa experiência culinária num restaurante gourmet. Não sei dizer se estou feliz ou contrariado ao descobrir essa nova faceta de Anna. Eu começava a sentir certo prazer em cozinhar, embora continue muito lento nisso.

— Fui criada pelo meu pai, que adorava cozinhar e passava longas horas na cozinha inventando pratos — ela explica. — Quando ele não pescava trutas, caçava perdizes e, quando não estava abatendo uma, atirava num ganso ou numa rena. Uma vez, ele chegou em casa com uma narceja, outra com um

cisne, que ele disse ter abatido sem querer. Lembro que ele cozinhou praticamente o dia inteiro, com todas as portas fechadas; que o cisne ocupava todo o forno. Quanto a mim, me desinteressei logo por aquilo, aliás eu não cabia na cozinha. Mas depois de vê-lo fazer, não é nada do outro mundo — ela diz, costurando o pato recheado na bancada da pia, para impedir o recheio de escorrer. Enquanto a observo fazendo um purê de cenoura e dourando batatas com açúcar na frigideira, me dou conta de que não sei absolutamente nada sobre a mãe da minha filha, tampouco sobre o passatempo favorito do caçador, avô da minha filha.

— O que foi? — ela pergunta, sorrindo.

— Nada.

— Claro que sim, o que foi? O que está olhando?

— Pergunto-me que tipo de pessoa é a filha do caçador de perdizes.

— Lá no fundo? — ela pergunta, me fitando com seus olhos de água-marinha.

Enquanto o pato assa no forno, desço o caminho que leva até o carro para pegar a caixa com as garrafas de vinho restantes. Na volta, cruzo com frei Tomás e aproveito para lhe dar duas garrafas.

— Para comparar com a sua produção — digo. Ele me conta que os monges estão muito felizes com a minha volta ao roseiral após aquela curta ausência e que passaram a se interessar pelo jardim muito mais do que antes.

— Eles se demoram mais tempo do lado de fora e acham que respirar ar puro lhes faz bem. Frei Paulo tentou regar alguns canteiros; claro, molhou os pés pela primeira vez em vinte anos, mas sentiu-se grato por reatar os laços com a nossa mãe terra. Todos estão igualmente satisfeitos com a maneira como você descreveu as roseiras. Agora podemos passear novamente pelas antigas aleias do roseiral e revisar nosso latim lendo o nome das plantas nas plaquinhas.

Quando retorno ao apartamento, Anna coloca os legumes na mesa e retira o pato do forno. Flóra Sól está sentada em sua cadeira, prontinha com seu babador, colher na mão. Devo admitir que, apesar de a comida parecer suculenta, nenhum de nós dois demonstra muito apetite. Confesso ter perdido a vontade de dormir no sofá-cama — quando há dois lugares na cama de casal ao lado. No momento em que vou me levantar para dar banho em Flóra Sól e botá-la para dormir, Anna se interpõe, dizendo:

— Eu vou.

Pela janela da cozinha distingo no escuro a luz de algumas janelas do mosteiro no alto da colina. Amanhã, vou cortar a grama e pegar no depósito os bancos de jardim para envernizá-los. Em seguida, plantarei novas variedades de alface nas novas platibandas e continuarei a expandir o canteiro das ervas aromáticas.

Termino de arrumar a cozinha e vou direto para o quarto, onde me deito e puxo delicadamente o edredom que cobre Anna.

Quando Flóra Sól acorda no dia seguinte e se levanta no berço, Anna e eu não dormimos muito. Não posso negar que passei a pensar o mundo da seguinte maneira: há nós dois, depois os outros. Às vezes penso que a criança está do nosso lado — nós dois e a criança formamos uma unidade —, outras vezes acho que a criança é do time dos outros.

# Setenta e um

Embora não tenhamos pronunciado uma palavra acerca de nosso relacionamento, nem por isso deixo de ter minha primeira experiência de vida conjugal com um filho. Viver com outra pessoa é delicioso, desde que você possa transar com ela. Ainda que a minha situação seja um pouco nebulosa, estou feliz e muito animado, mas jamais diria algo assim a ninguém, em voz alta.

Anna continua mergulhada em seus livros, distraída, como se estivesse presente e ausente ao mesmo tempo. Exceto na cama, onde não está ausente. Às vezes é como se eu não existisse para ela antes de estarmos na cama. Assim que lá chegamos, tudo muda. Sob os lençóis, é outra vida que impera. Fora da cama, durante o dia, somos irmão e irmã. Chegaram a nos perguntar, na rua, se era esse o caso. Não andamos de mãos dadas, não nos beijamos à luz do dia. Parecemos irmão e irmã quando passeamos com a criança ou quando sentamos um diante do outro com ela para o jantar, em cuja preparação nos revezamos. Sou mais ousado do que antes no fogão porque pretendo realmente impressionar Anna; deixo-me influenciar e compro o que o açougueiro me recomenda muito especialmente: filés de corça.

A noite, porém, começa a “contaminar” o dia; o efeito do que fazemos à noite alastra-se para o dia. Manifestamos mais hesitação e timidez e falamos menos do que antes, pois estamos com a cabeça no que nos espera à noite. Às vezes começo a pensar na noite a partir do meio-dia e passo o dia com uma premência: ir para a cama.

A propósito, não conversamos, exceto a respeito dos assuntos da criança; apesar disso, Anna continua a elogiar os pratos quando o jantar é por minha conta. Pessoalmente, não tenho muito apetite quando anoitece, enquanto Anna, por sua vez, sempre come bem. Nenhum de nós dois faz alusão ao que vamos fazer, mesmo assim corremos para dar banho na bebê e arrumar tudo.

Nossa filhinha nos presta o favor de dormir assim que coloca a cabeça no travesseiro. Chupa sua chupeta com o coelhinho numa almofada ao lado e num instante pega no sono. É uma criança perfeita em todos os sentidos, da manhã à noite. Quando volto para a sala depois que a nossa filha dormiu, Anna fecha o livro com um estalo e se levanta. Pouco importa se são apenas oito horas, mandamos tudo às favas, livros e roupas têm o mesmo destino, e nos metemos na cama sem uma palavra. Nada atrapalha, não temos tevê, logo não temos notícias de guerras, nem de homens se matando; visitas jamais, tampouco, e assim podemos adiantar a hora da refeição e do berço da nossa filha sem que ela se queixe. Às vezes, estamos ainda mais apressados e deixamos os pratos na mesa até o dia seguinte. A cama é um mundo à parte, não são as mesmas leis que vigoram ali. São poucas as chances de recorrermos a um rio de palavras; aliás, nem tudo precisa ser dito. É como se eu ouvisse a voz do abade e a legenda aparecesse na tela do teto, seis metros acima da cama, atravessando a asa da pomba:

— O desejo, nesse caso, está muito ligado à carne.



# Setenta e dois

Minha filhinha tira seu cochilo e eu me instalo em frente à minha amada, que lê, sentada à mesa da cozinha. Ela imediatamente larga o livro.

Tenho a intenção de avisar que vou subir ao jardim, mas, em vez disso, me surpreendo dizendo outra coisa:

— Podemos conversar um pouco? Sobre nós.

— Como assim, sobre nós?

— Acha que podemos discutir a natureza da nossa relação?

Ela parece perplexa.

— Que natureza?

Diz isso baixinho, com os olhos no chão. Continua com a caneta na mão. Isso quer dizer que não parou de fazer o que fazia antes de eu importuná-la, cogita simplesmente dar uma pequena pausa, o tempo de responder a uma ou duas perguntas. À noite, larga imediatamente a caneta assim que eu termino de botar a pequena para dormir. Mas agora não. Não está disposta a discutir nossa relação, não é momento para isso, me afobei, não escolhi a hora certa. A bem da verdade, não tenho muita coisa a dizer.

— Nós transamos.

Há um abismo entre o que digo e o que penso.

— E daí?

Fico em silêncio.

— Não deve se apaixonar por mim — ela termina por dizer —, não sei se estarei à altura.

Não lhe digo que é tarde demais.

— Ninguém pode esperar que os sentimentos durem eternamente — ela diz.

Medito sobre o que ela quer dizer com isso. A verdade é que estou justamente em vias de me perguntar se não conseguiria viver desse jeito até o

fim de meus dias, com pressa de ir para a cama com a mesma mulher todas as noites. Dentro de cinquenta e cinco anos, terei a idade do meu pai, setenta e sete. Cinquenta anos dá mais ou menos dezoito mil duzentas e cinquenta tardes e noites com a mesma mulher. A menos que aconteça um acidente de carro num fatídico buraco de um campo de lava. Isso significa dezoito mil duzentas e cinquenta noites para aproveitar e almejar. Olho a hora e vislumbro um meio de reverter a situação a meu favor, a nosso favor.

— A propósito, eu estava pensando se não devíamos ir para a cama — eu digo, como se para encerrar um assunto que não poderia acabar de outra forma. — São duas horas e nossa filha ainda deve tirar uma boa hora de sesta.

Assim termina a maioria das tentativas de diálogo, precisamente na cama. Não se pode, no entanto, dizer que concluimos o que quer que seja. Em todo caso, nunca precisamos conversar mais depois disso. A troca física basta para neutralizar tudo e os problemas se dissolvem por si mesmos, como a bruma avermelhada nas colinas após a primeira missa do dia.

Pouco depois, ela me chama da porta do quarto e me faz erguer os olhos. Só noto a câmera fotográfica depois que ela me atira um flash no meio da cara, quando estou com metade do corpo sob o edredom. Ela enrola a bobina. Até agora todas as fotos que ela fez de mim e de Flóra Sól foram ao ar livre.

— Queria ter um retrato seu, de recordação.

— Vai embora?

Sinto como se ela tivesse apontado uma arma para mim e não uma câmera. Olho bruscamente a morte nos olhos, antes que o tiro parta. Eu também poderia ter dito: Vá em frente, atire.

— Não — ela diz. E só.

Tento esconder minha emoção saindo da cama para vestir a calça. Mas tomo cuidado para não dar as costas para Anna, minha amada.

## Setenta e três

Eu até estaria disposto a dividir minha experiência com alguém, mas não sou do tipo que discute com terceiros o que acontece entre mim e minha amada. Quando se é sincero e se conta alguma coisa íntima a outra pessoa, esta não deve repeti-la. O que se passa entre mim e Anna fica entre nós dois. Ainda assim, não sinto estar traindo sua confiança ao consultar o especialista no amor a Deus e ao próximo, no quarto sete do albergue. Meu trunfo é ter adquirido experiência em diversos setores desde a última vez que conversamos, há dez dias, sobre um tema parecido.

Sento com a minha filha, vestida num macacão listrado, pulando nos meus joelhos enquanto conversamos, e, como minha consulta junto a frei Tomás tem um caráter formal, estou de um lado da mesa e o abade do outro. Ele me oferece um cálice, mas julgo inapropriado beber quando estou com a criança. Observo que uma bonequinha de louça num vestido de tricô azul apareceu no meio da mesa. Vou direto ao assunto da minha visita.

— Como saber se uma mulher ama você?

— Difícil ter certeza de alguma coisa no amor — diz o abade, empurrando a boneca para a criança.

— E se a mulher declara ter medo de que o homem não volte quando ele sai para fazer compras?

— Então é possível que seja ela quem esteja pensando em ir embora.

Observo que ele acompanha com os olhos a brincadeira da criança, enquanto fala comigo.

— E se uma mulher está com a cabeça longe, isso quer dizer que não está apaixonada?

— Pode querer dizer isso, mas também pode significar que está apaixonada.

— E se uma mulher diz a um homem que ele não deve se apaixonar por ela?

— Isso pode querer dizer que ela o ama. Penso num velho filme italiano que você talvez gostasse de ver e que trata do mesmo problema. O diretor despreza sumariamente os diálogos para destrinchar os sentimentos.

— E se ela me diz que não está pronta para um relacionamento?

Minha filha me estende a boneca, quer que eu tire o vestido de tricô.

— Isso pode querer dizer que ela está pronta, mas que não sabe se você está e teme que você a rejeite.

— E se ela diz que está com vontade de ir embora e ficar sozinha?

— Isso pode querer dizer que ela deseja que você vá com ela.

O abade levantou-se para pegar alguma coisa nas prateleiras.

— Existe uma caridade racional, como está escrito num versículo — ele diz da outra ponta do cômodo, de costas —, mas não existe amor racional. Se vivêssemos uma vida exclusivamente racional, perderíamos o amor, como é dito, aqui, em algum lugar — ele diz, e sei que não faz referência à Bíblia.

Minha filha quer que eu vista novamente o vestido de tricô na boneca. O que leva mais tempo é enfiar as mangas.

— Tome — ele termina por dizer, se levantando; vem até mim e me estende o vídeo.

— Você poderia aprender um monte de coisas sobre a vida sentimental das mulheres vendo Antonioni. Já tem um aparelho de vídeo?

# Setenta e quatro

Sinto Anna às voltas com uma agitação crescente. Na superfície, entretanto, tudo corre bem. Apesar de ela agir como de costume, percebo de repente que estou lutando contra o relógio.

— O que foi? — ela pergunta. — Você não desgruda os olhos de mim, parece preocupado e está com a mesma expressão acusadora de Flóra Sól quando me olha.

— Vai embora? — digo o mais normalmente possível, mas sinto minha voz tremer.

— Vou — ela responde.

E eu que havia começado a achar que o meu pressentimento não tinha razão de ser. Mas a vida parece nos pegar sempre desprevenidos; quando esperamos alguma coisa de bom, é a desgraça que vem, quando esperamos o pior, temos sempre o melhor. Cito um filme, desta vez um western de segunda, a que assisti antes de começar a assistir a filmes de qualidade com o abade.

— Quando?

— Amanhã. Fiz tudo que podia fazer aqui e cheguei a uma conclusão.

Não ousou perguntar a que conclusão ela chegou, se aquilo diz respeito à biologia ou à nossa relação, mas me agarro aos diálogos de filmes.

Tenho vontade de lhe dizer que, se estiver disposta a dar uma chance à nossa relação, ela pode vir a descobrir uma coisa completamente diferente do que imaginou. Minha sensação é estar ouvindo frei Tomás.

— Há um pouco de verdade nisso.

Tudo desmorona dentro de mim, mas não deixo transparecer nada.

— Desculpe — ela diz baixinho. — Você é um homem espetacular, Arnljótur, é bom e generoso, sou eu que não estou à altura, estou muito confusa.

Minha cabeça roda como se eu perdesse a noção do que me cerca, e de repente meu nariz começa a sangrar. Vou deixando uma risca de sangue atrás de mim, como um rastro até a pia. Assoo o nariz, jogo a cabeça para trás, engulo sangue e me apoio na beirada. O sangue se esvai, como se um sacrifício se desenrolasse ali e um animal estivesse sendo oferecido em holocausto.

Anna vai pegar um pano molhado e me ajuda a limpar o rosto. Parece preocupada.

— Tudo bem? — pergunta.

Sento-me à mesa da cozinha e inclino a cabeça para trás. Anna está em pé diante de mim, usa um suéter carmim, cor bastante peculiar, que eu nunca tinha visto antes.

— Tem certeza de que está tudo bem?

Ambos nos calamos; depois, hesitante e com os olhos no chão, ela diz:

— Acho que tenho muita coisa para fazer antes de ser mãe.

Afasto o pano do nariz, parece ter parado de sangrar. Seria absurdo ressaltar que ela já é.

— Simplesmente não estou pronta para ter um filho agora — ela diz, como se fôssemos um casal sem filhos em vias de planejar o futuro. Ela permanece em silêncio por um instante.

— Gosto muito de você, o problema é que estou com vontade de ficar sozinha, por alguns anos, para me encontrar e terminar meus estudos. Tenho a sensação de ser jovem demais para fundar uma família agora — diz a geneticista, dois anos mais velha que eu.

Seguro o pano na mão, vermelho de sangue, minha camisa está igualmente rubra.

— Flóra Sól e você se dão tão bem, muito melhor do que eu e ela — acrescenta. — São amigos, estão o tempo todo fazendo coisas divertidas juntos; têm o mundo de vocês e tenho a impressão de não fazer parte dele. Inclusive, os dois são canhotos — observa fugazmente.

— Mas ela não passa de um bebê — eu digo.

— Vocês estão sempre de acordo.

— Como assim?

— Chegam a falar latim juntos. Sinto que estou sobrando.

— É exagero dizer que ela fala latim. Sabe algumas palavras, entre cinco e dez talvez — digo, após refletir —, provavelmente sete. Ela pegou no ar umas palavras durante a missa, coisa de criança.

— De dez meses?

— Naturalmente não tenho experiência com outras crianças.

— Eu não me saio tão bem no papel de mãe como você no de pai.

— Talvez seja porque eu só queira chamar sua atenção, impressioná-la.

— Ensinando latim a ela?

— Cuidando bem dela. E de você também — digo baixinho.

— Você é um homem espetacular, Arnljótur — ela repete. — Bom e inteligente.

Então ela me diz que me ama muito.

— Foram quarenta dias maravilhosos — ela prossegue —, mesmo assim não posso pedir que você espere — acrescenta, cobrindo o rosto com as mãos — enquanto eu tento me encontrar, se é que me entende.

— Não — eu digo —, você não pode.

Em todo caso, intimamente eu digo que ela poderia tentar.

## Setenta e cinco

A última noite é uma lembrança longa e lenta. A noite está escura e eu me movo com precaução na cama para não acordar Anna. Sua respiração é profunda. Tento, sem pegar no sono, desacelerar minha própria respiração para sincronizar com a dela. Estou encostado nela, mas, por mais juntos que estejamos, há um oceano entre nós, pois não somos uma unidade. Sinto que a estou perdendo, como perdi mamãe no telefone, como areia da praia escorrendo entre os dedos. Abandonado, só me resta lambe-los os dedos salgados.

Não durmo à noite e tento esticar o tempo o máximo possível para descobrir alguma coisa que a faça desistir de partir. Também não posso perder Flóra Sól. Sinto que preciso arranjar alguma coisa, qualquer coisa, para conservar Anna; como se a resposta certa fosse cair do céu, como num programa de auditório da televisão, cujo prêmio eu arrebatasse.

— Espere, espere, espere. Me escute.

Tenho a impressão de estar no meio de um bando de aves enlouquecidas que me bicam de todos os lados, e não me ocorre nada para me defender. Uma vez que não posso me acorrentar nela como um pacifista num tanque de guerra, pergunto-me subitamente se não poderia levá-la a algum lugar, a um lugar na terra que fosse irresistível para ela e que a fizesse mudar de opinião de uma hora para outra.

Ela vai pegar o trem das nove. São sete horas, ainda a tenho só para mim e a apalpo sob os lençóis na luz crescente do dia que ameaça surgir. Entrevemos a manhã violácea através da cortina, como um leitão estripado no açougue. Ela acorda de repente, enquanto eu não preguei o olho. Parece muito confusa. Nossa filhinha dorme feito um anjo.

— Tive um sonho muito curioso — ela diz. — Sonhei que você calçava botas novas azuis e segurava Flóra Sól nos braços; ela também usava botas novas azuis iguais às suas, porém minúsculas. Vocês estavam no roseiral, mas



nem as rosas nem qualquer outra coisa tinha cor no sonho, só as botas. Em seguida, me vi bruscamente num beco estreito e vi vocês subirem uma escada alta e enveredarem por uma porta. Bati e você veio abrir, com a criança no colo, e me convidou para tomar chá.

Deixo então escapar, sem avisar:

— Poderíamos ter outro filho, eu e você, mais tarde.

Não ousou encará-la ao dizer isso.

— Sim — ela diz. — Poderíamos.

Nós dois nos levantamos e estou de pé bem diante do espelho, pego Anna pelo braço e a puxo delicadamente até ela me encontrar no espelho como num retrato de família realizado em estúdio e colocado numa moldura esculpida e dourada, como se estivéssemos homologando solenemente uma união de quarenta dias. Estou pálido e magro, ela está pálida também. Atrás de nós, em seu berço gradeado, nossa filhinha, que acabou de acordar, se levanta com um grande sorriso, bochechas cor-de-rosa e dobrinhas nos cotovelos.

— Pode ficar com Flóra Sól — Anna diz subitamente em voz baixa, como se tirasse isso do original de uma peça inédita em primeira leitura, como se testasse as palavras de acordo com as circunstâncias. Ela me olha direto nos olhos, pelo espelho.

Não digo nada.

— Vendo como vocês dois se entendem e como você é responsável, sei que posso deixá-la com você sem me preocupar. Continuarei sendo mãe dela, claro, mas não precisa ficar com medo de que eu apareça um belo dia para exigí-la de volta. De qualquer forma, ajudarei você a criá-la, na medida do possível. Eu faria tudo por ela. Sinto muito. — Ela me beija. — Me dê seis meses — diz para terminar.

# Setenta e seis

Após engolirmos um sanduíche de queijo, como estudantes comendo sua merenda, calados, um em frente ao outro, e dividirmos uma maçã entre nós três, levanto-me para tirar a mesa do café da manhã, enquanto Anna junta suas roupas e livros.

Quando está pronta, em pé no corredor, me aperta nos braços e acho que deve estar sentindo as batidas do meu coração enchendo o cômodo e o zumbido nos meus ouvidos. Depois abraça a criança. Não quer que a acompanhem até a estação. Também nunca fui bom de despedidas, nem da minha mãe me despedi. Fico sozinho com a criança e visto-a. Em seguida nos sentamos juntos à mesa com o livro de horticultura e folheamos o capítulo favorito da minha filha, sobre os espelhos-d'água e córregos nos jardins.

— Ma-mãe — diz a criança.

— Sim, mamãe vai voltar daqui a pouquinho.

Estamos olhando os córregos quando batem à porta.

Levanto-me de um pulo para abrir, dando uma espiada no espelho no caminho e alisando o cabelo com a mão. É minha vizinha do andar de cima. Tem nas mãos uma grande travessa fumegante, a qual me estende sem dizer uma palavra. Distingo diferentes peixes, frutos do mar e pinças de caranguejo emergindo da base de um belo arroz amarelo com tomates e rodela de cebola frita.

— Volto num instante — ela diz, subindo a escada.

Mantenho a porta aberta com o pé enquanto Flóra Sól chega atrás de mim em suas perninhas para ver quem é a visita. Veste uma calça de tricô e permanece na soleira ao meu lado.

— Menina esperta — eu digo, na moldura da porta, com as duas mãos segurando a travessa fumegante.

Nossa vizinha não demora a reaparecer com uma torta de cerejas para a sobremesa. Seu rosto se ilumina ao ver a pequena e ela corre até a cozinha para se livrar da torta e poder cumprimentá-la. Flóra Sól também fica contente com a visita, pois é coisa que nunca temos. Ela larga o batente da porta e atravessa o cômodo, sem apoio, para ir pegar uma tâmara na fruteira que está sobre a mesa, depois refaz o mesmo percurso na direção contrária até a valorosa mulher, para quem ela estende a fruta.

— Tive a ideia de trazer para vocês, já que a moça partiu — diz a vizinha. — Afinal, a criança precisa comer, mesmo quando a mãe não está presente.

Agradeço pela refeição, pelo seu “coração quente” — arrisco em dialeto, tendo comprado um livreto sobre a polidez e as boas maneiras locais. Apesar de tudo, temo que a visita demore muito, pois eu pretendia sair com a pequena para telefonar para o meu pai.

Quando a velha senhora termina sua xícara de chá, coloco na minha filha seu casaquinho de lã com fileira dupla de botões e bolsos furadinhos, bem como os sapatinhos.

— Vamos telefonar para o vovô Thórir?

— Vo-vô.

Não conto ao meu pai que Anna partiu e — milagre — ele tampouco faz menção a ela. Também não me dá notícias do clima, nem da situação das estradas, nem da vegetação, como costuma fazer. Mas sinto-o tenso:

— Não sei como vai reagir ao que tenho a lhe dizer agora.

— Conheceu uma mulher?

— Virou vidente, meu rapaz? Não é que eu tenha conhecido ontem, houve antecedentes, é uma velha amiga minha e da sua mãe.

— Não, mas você se referiu a Bogga todas as vezes que falei com você: instalou uma fiação para ela, consertou uma janela e ela começou a cozinhar para você e convidá-lo para comer ensopado de carne e costeletas de porco defumadas.

— Bogga propôs que eu fosse para a casa dela, ela agora mora sozinha.

Então papai hesita.

— Eu queria muito continuar a morar aqui, mas acho que não consigo fazer nada sem a sua mãe.

Em seguida, cala-se por um momento, antes de prosseguir.

— O que me conta sobre sua pequena Flóra?

— Começou a andar.

— E o roseiral?

— Está ficando o mais bonito do mundo.

— Que bom ouvir isso, Lobbi.

Novo silêncio, então ele continua:

— Tenho pensado muito, me arrependo de tê-lo pressionado em relação aos seus estudos. Se está feliz, seu velho pai também está. Jósef também está feliz com sua namoradinha, então não tenho motivos para me preocupar com meus rapazes.

— Não, não precisa se preocupar conosco.

— Você sabe que, se quiser ver o mundo e visitar outros jardins, dispõe da herança de sua mãe.

Depois que minha filha diz *vo-vô* ao telefone e me despeço do meu pai, vou encontrar o abade. Preciso lhe contar que minha situação mudou de novo, que agora estou sozinho com a criança, como, aliás, estava planejado no início. Frei Tomás está no albergue e lhe comunico que Anna partiu.

— Muito bem, nem sempre é fácil compreender os sentimentos — ele diz, me dando um tapinha no ombro. Em seguida, acaricia a cabeça da criança.

— As coisas geralmente pioram até certo ponto antes de começarem a melhorar — ele diz, enquanto estamos sentados diante de sua mesa. Ele empurra o porta-canetas para ver melhor a pequena e vai pegar a boneca de louça com vestido azul de tricô.

— Quando tudo termina, resta sempre alguma coisa; é igual aos preparativos de Natal — ele diz, passando em revista sua coleção de vídeos nas prateleiras. — Como você deve desconfiar, o leque de filmes sobre os insondáveis caminhos do amor é tão grande que não faria sentido descer tudo da estante.

Minha filhinha, cansada, descansa a cabeça no meu ombro. Coloco a chupeta em sua boca. É então que reparo que um pequeno vaso de barro apareceu sobre a mesa. Contém terra, da qual emerge um caule verde que mal ultrapassa a borda. Não pergunto de que variedade se trata.

— Se me der um tempo, digamos, até o fim da tarde, eu seria bem capaz de encontrar alguns filmes. Eu apostaria nas diretoras, embora elas não sejam isentas de cinismo.

Depois passa a outro assunto e me conta que os habitantes do mosteiro são unânimes em afirmar que o jardim está extraordinário. Embora ele não

chegue a apregoar um milagre, nem por isso as mudanças deixam de ser mais espetaculares do que qualquer um pressagiu, e ele reconhece, após se debruçar com frei Zacarias sobre velhos manuscritos, que o jardim voltou a ser tal como descrito nos velhos livros: sua beleza iguala-se à da celestial mãe de Deus.

— Com os oito renques circulares de roseiras em torno do espelho-d'água, o jardim beira a perfeição — diz, arrumando os papéis na mesa.

— Sim — digo.

Minha filha dormiu no meu ombro. Passo levemente a mão em sua face.

— Não me espanta que ninguém mais queira mofar na biblioteca, quando, pela janela, a beleza salta aos olhos, ao alcance da mão — ele acrescenta, jogando-se para trás no encosto da cadeira para contemplar a criança adormecida.

— Com as pequenas doações que o mosteiro recebe, fizemos uma poupança, que, obviamente, nada tem a ver com a opulência de outros tempos — diz, sorrindo. — Até agora serviu basicamente para financiar a restauração de manuscritos, mas decidimos usar parte do que foi amealhado para lhe pagar um salário e garantir a manutenção do roseiral. Também cogitamos tornar o jardim mais acessível, a fim de que mais de treze indivíduos possam desfrutá-lo, abrindo-o para visitantes.

Assim que me levanto, com a criança adormecida no colo, ele faz um meneio de cabeça em direção ao vaso de flores com o frágil caule verde:

— Não, não é a sua variedade, é um futuro lírio, se li direito o que estava escrito no saquinho de sementes.

Frei Tomás nos acompanha até a rua; sem dúvida não conta com o meu retorno no fim da tarde. Estou com a criança adormecida no colo. No momento de me apertar a mão, ele pergunta de supetão:

— Como se chamava a sua rosa, aliás? A que você transplantou no jardim...

— Rosa de oito pétalas.

— Isso mesmo, rosa de oito pétalas, exatamente, é o que eu pensava. Você deveria dar uma espiada na rosa do vitral que fica em cima do altar da igreja, da próxima vez que passar por lá. Ela também tem oito pétalas presas na corola da flor.

# Setenta e sete

Acordamos bem cedo. Ainda está escuro do lado de fora. Num certo momento da noite, levei minha filha até minha cama e ela agora está sentada ao meu lado, olhando à sua volta e para o teto. O cheiro da mãe permanece na roupa de cama.

— Có-có — diz a criança, apontando com o dedo a pomba com a asa mutilada.

Eu me viro para a minha filha; ela abre um grande sorriso.

— Será que vamos voltar para a casa do vovô?

— Vo-vô.

— Flóra Sól quer andar sobre o musgo? Quer que o papai colha mirtilos para você? Flóra Sól quer sentar numa touceira?

Levo-a de pijama para a cozinha. Deixo correr água numa panela e acendo o fogo. Em seguida, despejo os flocos de aveia na panela e coloco o babador na pequena, esperando ferver.

Sem nos demorar em casa depois do café, nos vestimos e saímos. Acomodo a criança no carrinho. Ainda não amanheceu completamente e, na calma plácida, uma curiosa bruma lilás repousa sobre o mosteiro. Quando chegamos à igreja, deixo o carrinho sob o pórtico, acima do frontão representando o Juízo Final. Ergo a minha filha para colocá-la nos ombros e começamos o trajeto que vai nos levar da penumbra da entrada ao sol na outra ponta da igreja. Não temos pressa e fazemos várias escalas no caminho. Deixo minha oferta no tronco de são José e lhe acendo uma vela, que seguro numa das mãos, a outra no tornozelo da criança. Tomo todo o cuidado do mundo para que a cera derretida não escorra.

Avançamos lentamente pela nave, até o coro, onde o sol vai nascer, rubro-alaranjado, ao despontar do dia. Pouco a pouco a luz delicada desbrava caminho através dos vitrais, como um tênue véu de algodão branco

desdobrando-se dentro da igreja. Minha filha está imóvel, sentada nos meus ombros. Faço uma viseira com a mão e mergulho o olhar na claridade ofuscante. É então que a vejo, lá no alto, no vitral do coro, a rosa púrpura de oito pétalas, no exato instante em que o primeiro raio de sol transpassa a corola e vem pousar no rosto da criança.